Diário de Lisboa

FUNDADOR JOAQUIM MANSO DIRECTOR A. RUELLA RAMOS

DOMINGO, 25 DE FEVEREIRO DE 1973 — N.º 18 023 — ANO 52.º — PREÇO 1$50

EDIÇÃO DE DOMINGO

As armas que sobraram da Indochina...

Equipas cosmopolitas de vendedores de armas percorrem determinados países com o objectivo de colocarem os excedentes americanos da guerra do Vietname. Nestas equipas, americanos ou europeus tentam exercer os seus talentos no Próximo-Oriente, na Ásia, na África ou na América do Sul, junto dos dirigentes de grupos revolucionários, em busca de equipamentos militares aperfeiçoados. Entre as armas mais procuradas, todas as que se relacionem com os combates nocturnos e os equipamentos de transmissão, recuperados a bordo dos aviões ou dos helicópteros de ocasião, que possam ainda servir.

Calcula-se em mais de dez mil agentes o número destes comerciantes que beneficiam da cumplicidade mais ou menos confessada dos representantes diplomáticos no estrangeiro. Este mercado do armamento em segunda mão renasce no termo de cada conflito que se prolongou demasiadamente, e a sua prosperidade é difícil de avaliar. O que é certo é que este mercado de ocasião entra em severa concorrência com o comércio regular — isto é, com o comércio directamente controlado e animado pelos governos — a ponto de, recentemente, o exército americano se ter visto obrigado a compromoter-se, perante os mais importantes industrias de além-Atlântico, a limitar o mais possível a revenda dos seus excedentes do Vietname para não «afectar» os preços.

PRODUÇÃO VINÍCOLA

RECUO NO MERCADO ANGOLANO AVANÇO NO AMERICANO

A questão dos mercados do vinho, e de forma particular a do mercado de Angola, foi trazida à actualidade pelas restrições levantadas à entrada desse produto pelos serviços de saúde de Angola, a pretexto de falta de condições sanitárias. Esta decisão desencadeou uma forte reação dos exportadores e uma intervenção do deputado Moura Ramos. Menos conhecidas foram as intervenções, em sentido oposto, no Conselho Legislativo de Angola, em fins de 1971, na mesma altura em que o Governo tomava medidas de saneamento da situação cambial de Angola e Moçambique.

Ora, estas mesmas medidas (decreto n.º 480/71) levantavam já a mesma questão, não apenas no referente ao vinho mas em relação à maioria das exportações tradicionais para esses territórios. Entre as medidas tomadas, avultava a restrição das importações de Angola e Moçambique, mediante o estabelecimento de uma lista de prioridades em favor das «mercadorias de natureza essencial ao desenvolvimento económico e as abastecimento público, não concorrenciais com a produção local». Estas medidas não impediam, naturalmente, a importação do vinho metropolitano, mas implicavam uma inevitável quebra, coisa que aliás se verificou. Atingiriam, além disso, outros sectores da exportação metropolitana, ao favorecer a instalação, em Angola e Moçambique, de um certo número de indústriais ligeiras, produzindo para o mercado local, substituindo anteriores importações. Com tais medidas pretendia-se impedir a deterioração de uma situação já insustentável: diminuir os déficites das balanças de pagamentos desses territórios, permitindo liquidar «os atrasados» e pagar aos exportadores, bem como atenuar a «polarização» economica entre a metrópole e esses territórios, ou seja, os desníveis entre ambas as partes. Os efeitos destas medidas não seriam os mesmos para todos os sectores metropolitanos. Ao favorecer a exportação de capitais para esses territórios, assim como transferência dos respectivos lucros, assinalava-se aos interesses metropolitanos a direcção a tomar.

Beneficiados saíam os sectores capazes de investir em África ou de aí colocar os bens de equipamento ou as matérias primas a que fora concedida prioridade.

Não cabendo nestas linhas, meramente descritivas, a análise da transformação da economia de Portugal ou de Angola, limitar-nos-emos a fornecer algumas indicações gerais sobre a evolução dos mercados do vinho.

EVOLUÇÃO DAS EXPORTAÇÕES AGRÍCOLAS

Ao mesmo tempo que produtos de exportação tradicional, como conservas de peixe, madeira, cortiça, resinosos, produtos minerais, perdiam terreno, outras exportações tradicionais, caso do vinho e dos têxteis e vestuários, mantiveram a sua importancia, embora sem grandes garantias futuras. A evolução, nos últimos dez anos, favoreceu outros produtos: caso dos produtos químicos, manufacturas de produtos minerais não-metálicos, material eléctrico, máquinas e aparelhos; e, também, produtos de origem agrícola submetidos a uma transformação industrial, como os concentrados de tomate e a pasta para papel.

Em relação às exportações totais, a exportação agrícola passou de cerca de 43 por cento, em 1960, para cerca de 33 por cento em 1968. No mesmo período, regista-se uma ligeira subida dos mercados ultramarinos (de 14 para 16 por cento, estabilidade do lugar dos europeus, aumento de importância do americano (de 7 para 12 por cento).

A quase totalidade das exportações é constituída por produtos vegetais e florestais, sendo mínima a parte do de origem animal. Cerca de metade desses produtos sofrem uma transformação industrial. Em 1968, 7 produtos asseguravam 30 por cento das exportações totais e 87 por cento das agrícolas: por ordem de importância, vinho, cortiça, tomate, pasta para papel, madeira, resinosos e azeite.

O CASO DO VINHO

O vinho surge assim como a principal exportação de origem agrícola. As estatísticas mostram que, entre 1950 e 1968, a parte do mercado ultramarino passa de 23 por cento para 39 por cento, sendo o recuo dos mercados europeus parcialmente compensado pelo alargamento do norte-americano. A quase totalidade do vinho exportado para África é constituida por vinhos comuns. Aliás, o considerável aumento das exportações destes vinhos deve-se essencialmente a esse mercado, já que o vinho do Porto ocupa o lugar cimeiro nas vendas ao estrangeiro. São também os vinhos comuns os directamente ameaçados na presente conjuntura.

Em 1971, é já evidente o recuo dos mercados ultramarinos: de perto de 40 por cento em 1968, absorvem, em 1971, menos de 24 por cento da exportação vinícula, o que fundamentalmente se deve á quebra do principal mercado, o de Angola, cujas compras baixaram em quase 50 por cento. Mesmo assim, esse território, com 315.593 contos, vem logo a seguir aos Estados Unidos, entre os principais compradores.

Continua na pág. 2

Universitárias polícias

Seis raparigas libanesas licenciadas em Direito, treinam o manejo da pistola, em Beirute, com vista à sua incorporação num corpo de polícia feminina de quinhentos elementos. Ao mesmo tempo as futuras «polícias» aprendem karate, completando a sua formação mais tarde na Scotland Yard

1972: Ano de Expansão do Banco Pinto de Magalhães

(Ler na página 2)

LEIA HOJE

«A Ciência e o Homem» — O primeiro de uma série de artigos de divulgação científica da autoria do prof. dr. António N. Baptista.

A crise no comércio automóvel — reportagem nas págs. 4 e 5

O Festival TV da Canção

HOJE: 28 PÁGINAS

LEIA AMANHÃ

No **«Exclusivo»**, o suplemento das segundas-feiras: Terceira e última parte do **«Dossier»** sobre a Segunda Guerra da Indochina; Eleições Francesas: Pompidou e o Regime: Pelo Mundo.

«Ultras e Moderados», segundo artigo da série **«A Estranha Guerrilha do Ulster»**

Relatório e Contas do Banco Pinto & Sotto Mayor Relativos a 1972

(Ler na última página)

1972: ANO DE EXPANSÃO DO BANCO PINTO DE MAGALHÃES

Presidida pelo sr. Dr. Manuel José Homem de Mello (Conde de Águeda) reuniu-se ás 15 horas de anteontem, na sede do Porto, a Assembleia Geral do Banco Pinto de Magalhães, para apreciação do Relatório e Contas do Exercicio de 1972.

Ao abrir da sessão o presidente da Assembleia Geral manifestou o seu profundo pesar pelo falecimento do dr. Fernando Pires de Lima, que exerceu o cargo de secretário da Assembleia Geral e que tanto ilustrou a cultura portuguesa em tão diversos dominios como a medicina e a etnografia, e cujo convivio pessoal a todos deixou a mais sincera saudade. Propôs que esse voto de pesar ficasse lavrado na acta o que foi aprovado por unanimidade.

Deu então a palavra ao presidente do Conselho de Administração Sr. Afonso Pinto de Magalhães que disse ter sido o ano de 1972, á semelhança de outros, um ano de lutas constantes. Mas também de muitas alegrias e vitórias, entre as quais começaria por assinalar a de ter sido autorizada a transformação da sociedade Pinto de Magalhães, Limitada em sociedade anónima, sobre a desingação de Banco Pinto de Magalhães, objectivo pelo qual profiava desde há muitos anos e que em 7 de Março de 1972, pôde ver finalmente realizado.

Mas outros motivos assinalam especialmente o ano findo na história da instituição bancária. Foi nele que se verificou o mais substancial aumento de capital, que passou a ser de 420.000 contos, ou seja o quintuplo do inicial. Nele foi autorizada a abertura de mais seis agências e duas dependências urbanas elevando o seu número respectivamente, para 25 e 7. Nele se registou o máximo nunca atingido em Portugal no mercado primário de acções, de 7,6 milhões de contos de valor subscrito para esse aumento de capital, o que prova a confiança depositada na firma a simpatia do publico e o interesse pela sua expansão. Expansão que os numeros do Balanço claramente manifestam. A ser aprovada pela Assembleia Geral a proposta de aplicação de resultados o valor do Capital e Reservas atingirá 592 milhares de contos, o que coloca o Banco Pinto de Magalhães em sétimo lugar entre os bancos comerciais do Pais.

O volume total de depósitos atingiu em Dezembro de 1972, 8.302 milhares de contos (mais 44 por cento que em 1971, em que o acréscimo em relação ao ano anterior fora de 27,6 por cento). Os saldos da Carteira Comercial e dos Empréstimos somaram respectivamente, 5072 e 991 milhares de contos, o que representa o acréscimo global de 35,5 por cento em relação a 1971. O valor bruto das receitas totais foi de 430,9 milhares de contos (mais 29,2 por cento que em 1971), o que permitiu reintegrar cerca de 13 000 contos do Activo Imobilizado, libertando-se o lucro liquido de 24 034 375$48.

E foi em 1972 — disse Afonso Pinto de Magalhães, dirigindo-se ao presidente da Assembleia Geral — que tivemos a honra de ter nesse lugar um tão prestigioso homem público, brilhante deputado da Nação, advogado, escritor, jornalista e empresário, como V. Ex.ª Sr. Conde de Agueda. E também agradeceu a prestimosa colaboração do presidente do Conselho Fiscal, Dr. Ponciano Serrano, dos outros membros desse Conselho e da Administração, bem como a de todo o pessoal do Banco correspondentes e mais colaboradores. Falou a seguir o Sr. Dr. Manuel Póvoas, que felicitou o Conselho de Administração pelos resultados obtidos e elogiou especialmente a excepcional acção desenvolvida por Afonso Pinto de Magalhães, principal promotor e responsável desses tão notáveis resultados. O sr. Dr. Ponciano Serrano associou-se a eesas palavras de merecido elogio, salientando o futuro promissor para a instituição que as Contas deixam supor.

O Sr. Comendador José da Costa Oliveira associou-se também ás afirmações feitas pelos dois precedentes oradores e declarou como português como empresário e como chefe de familia que são instituições como o Banco Pinto de Magalhães que estão destinadas a projectar Portugal.

O Relatório e Contas foram aprovados por unanimidade.

O Relatório abre com uma breve análise da situação económica internacional e nacional. Quanto á primeira salienta o desproporcionado desenvolvimento dos paises da Europa ocidental, dos Estados Unidos e do Japão em relação ao dos paises pobres, alargando ainda mais o fosso que os separa. Sublinha a sensibilidade dos paises do Ocidente ás vicissitudes da economia americana e o avultado prejuizo causado ao Terceiro Mundo pela desvalorização do dólar.

Assinala a persistência da inflação nos paises da O. C. D. E. e as diversas politicas ensaiadas para a deter: congelamento de preços e salários, manobras monetárias, etc. Previne contra o excessivo optimismo perante a intensificação do comercio internacional, dado que a inflação dela resultante anula os beneficios conseguidos. O acordo monetário de Dezembro de 1971 (de que hoje se conhece a precaridade) foi o motor dessa intensificação. Mas os pesados défices da balança comercial dos Estados Unidos não parecem estar prestes a sanear-se. Tanto mais que o alargamento da Comunidade Económica Europeia, pela adesão da Grã-Bretanha, da Dinamarca e da Irlanda, cria uma nova «superpotência» de 260 milhões de habitantes a primeira em volume de comercio, a segunda em potencial económico e a terceira em população consumidora. Dai a pressurosa busca de novos mercados potenciais, o que explica a aproximação empreendida pelos Estados Unidos junto da República Popular da China e da U. R. S. S..

Os reflexos na politica de importações e exportaçoes são inevitáveis, deixando prevêr uma rivalidade competitiva e medidas restritivas embaraçosas para o livro-cambismo que se pretendia restaurar pela abolição progressiva das barreiras alfandegárias. A relativa acalmia da situação monetária internacional em 1972 pode considerar-se insuficiente para a almejada estabilização que exige uma profunda reforma do sistema monetário internacional, tanto mais dificil de estabelecer quanto a moeda de reserva até agora aceita (o dólar U. S. A.) está constantemente ameaçada e desligada do ouro, o que facilita a mais desenfreada especulação. Com esse importantissimo problema se debate o «Grupo dos Vinte» (de que Portugal faz parte) criado em 1972 no âmbito do Fundo Monetário Internacional. Atendendo ás dificuldades surgidas no próprio seio da «Europa dos Nove», mormente em relação aos produtos agricolas, torna-se dificil avaliar o panorama económico mundial.

Quanto á situação da economia nacional o Relatório, baseando-se na escassa informação estatistica disponivel, supõe que o ano transacto não registou acréscimo significativo na taxa de progressão do produto interno bruto em relação a 1971, continuando em cerca de 7 por cento. Admite-se que a procura global tenha conhecido nova expansão: mas a oferta interna mostrou-se mais uma vez incapaz de corresponder a essa procura, com o inevitável aumento do volume das importações e das tensões ascensionais nos preços médios.

A agricultura e as industrias extractivas registaram fracos resultados, mantendo-se a expansão na pesca, em algumas indústrias transformadoras, na electricidade e no turismo. São as receitas deste e das transferências do estrangeiro que não apenas equilibram mas tornam excedentária a balança de pagamentos.

As tensões inflacionistas tornaram-se mais agudas em 1972, agravando de forma preocupante o indice geral de preços, sobretudo nos dois factores de topo da escala de necessidades: alimentação e habitação. O aumento da massa salarial não basta para justificar esse fenómeno particularmente sensivel no Porto, em Coimbra e em Faro, onde a aceleração de 9,3 por cento para 15,1 por cento, de 1971 para 1972 atinge o nivel de alarme.

Houve ligeira subida do volume global do emprego, particularmente nos sectores da construção dos bancos, dos seguros, das operações sobre imóveis, das comunicações e das indústrias transformadoras consideradas em conjunto. Em contrapartida, verificou-se redução de emprego na agricultura, na pesca, nas industrias extractivas, na administração pública e nos serviços domésticos.

Prosseguiu a expansão dos meios de pagamento em poder do público a uma taxa mais acentuada ainda do que a verificada em 1971. Tanto a moeda em circulação como as disponibilidades á vista têm contribuido para o crescimento global, possibilitado pela expansão das reservas de ouro e divisas, bem como do crédito bancário. No mercado financeiro, assistiu-se a uma autêntica corrida aos títulos de rendimenro variável, em prejuizo dos de rendimento fixo, caracteristica de uma situação inflacionária em que os agentes económicos tentam todas as modalidades de fuga á descapitalização.

Assistiu-se a nova intensificação do comércio especial da Metrópole. Todavia, o comércio com o Ultramar acusou uma contracção de 13,4 por cento em relação ao nivel atingido em 1971. O comércio com o estrangeiro expandiu-se novamente, voltando a agravar-se o saldo negativo da balança comercial.

Alguns acontecimentos importantes ocorreram em 1972 na vida económica do Pais, assumindo grande relevo o acordo celebrado entre Portugal e a Comunidade Económica Europeia estabelecendo uma área de trocas livres para produtos industriais. Portugal continua contudo a fazer parte da Associação Europeia do Comercio Livre, agora diminuida de três dos seus membros fundadores.

Em matéria legislativa o Relatório destaca a Lei do Fomento Industrial, a Lei de Defesa da Concorrência e a Lei sobre a prestação de avales por parte do Estado.

Em cumprimento da Ordem de Trabalhos procedeu-se por fim á eleição dos vários cargos para o triénio de 1973 a 1975. A única lista presente foi aprovada por aclamação ficando assim constituídos os órgãos sociais do Banco Pinto de Magalhães:

Mesa da Assembleia Geral: Dr. Manuel José Homem de Mello (Conde de Agueda), presidente; Dr. Manuel Sebastião Soares Póvoa e Dr. Vasco Teixeira, secretários.

Conselho de Administraoção: Afonso Pinto de Magalhães, presidente; Rodrigo Abilio Pinto de Barros Freitas, Crispim Alberto Pinto Teixeira, Dr. António Correia da Silva, Alvaro António de Carvalho Piano, Dr. Tito Francisco Sanches, administradores.

Conselho Fiscal: Dr. Ponciano dos Santos Gomes Serrano, presidente; Dr. Francisco Silmano da Cruz Alves e Comendador José da Costa Oliveira, vogais: Dr. Duarte Nuno de Lima Barroso, suplente.

Secretário Geral: Dr. Paulo Alberto Ferreira de Lemos.

Companhia União Fabril

S. A. R. L.

Sede: Av. Infante Santo, 2 — Lisboa

Aumento de Capital Social de 1 200 000 para 1 750 000 contos

ENTREGA DOS TÍTULOS DEFINITIVOS

A partir do próximo dia 26 do corrente, proceder-se-á à troca das cautelas pelos títulos definitivos, respeitantes ao aumento de capital desta Companhia, de acordo com o seguinte esquema:

1. Nas instituições de crédito onde foram efectuadas as subscrições, as cautelas relativas a
   * incorporação de reservas
   * reserva de preferência para os accionistas
   * público em geral
2. Na Tesouraria da Sede da Companhia, as cautelas relativas às subscrições
   * reservada às Fundações e outras Instituições de fins benemerentes
   * reservada ao pessoal da Empresa

As cautelas deverão ser apresentadas devidamente assinadas pelo titular ou seu representante legal, sendo a assinatura conferida com a apresentação, pelo próprio, do respectivo Bilhete de Identidade, mediante reconhecimento notarial ou abonação bancária.

Lisboa, 25 de Fevereiro de 1973

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

O VINHO E O SEU MERCADO

Continuação da pág. 1

Os mercados estrangeiros não oferecem, neste momento, melhores perspectivas que o angolano. O recente acordo com o Mercado Comum regularizou o regime dos vinhos do Porto, Madeira e Moscatel, vinhos de preço elevado, mas manteve as restrições vigentes em relação aos vinhos comuns que continuam submetidos a uma «taxa compensatóris» e não podem usar a referência da «vin de table». A entrada de novos países na comunidade ameaça as importantes posições adquiridas na Dinamarca, visto que dois terços das vendas são constituídas por vinhos comuns a granel. Pode, no entanto, favorecer as vendas na Inglaterra, dado que o regime comunitário é mais favorável que o enterior. Em suma, os vinhos portugueses encontram-se em posição desvantajosa na Europa, face aos dois grandes produtores do Mercado Comum, França e Itália, bem como perante outros produtores que usufruem de melhores condições — Grécia e Espanha, e também Turquia, Marrocos, Tunísia e Argélia.

Os Estados Unidos aparecem, em 1971, como o principal mercado externo. Trata-se duma conquista recente. De fornecedor muito secundário, Portugal passou a ocupar o segundo lugar nesses mercado, a seguir à França. No entanto as perspectivas são instáveis. A desvalorização do dólar, mais forte que a do escudo, tenderá a diminuir as vendas portuguesas, ao mesmo tempo que os produtores da Califórnia fazem grandes pressões no sentido de se estabelecer um regime acentuadamente proteccionista. Por outro lado, e apesar da desvalorização do escudo, a França e a Espanha estão a colocar vinhos a preço mais baixo que os portugueses.

CASA AFRICANA

PRIMAVERA-VERÃO 1973

ABERTURA DE ESTAÇÃO 5 DE MARÇO

O HALO

..Ser simpático é talvez melhor — é decerto melhor — do que ser inteligente, do que ser rico, até do que ser amado. E-se amado por um número restrito de pessoas, e isto na melhor das hipóteses, e é também um número restrito de pessoas que compreende e aprecia a inteligência, que aceita sem indignação, sem inveja, sem frustração, a riqueza. Mas uma pessoa pode ser simpática a toda a gente, e é como se tivesse um halo.

..A pessoa levanta-se pois com o seu halo, e com ele atravessa o dia e os seus grandes e pequenos problemas. Tropeça às vezes, às vezes cai, mas, maravilha das maravilhas, o halo não se desequilibra nem se assusta, cai com ela e com ela se levanta. Porque a pessoa nasceu com o seu halo e com ele morrerá. E um halo feito de uma amálgama de olhares, de sorrisos, de palavras, palavras ditas com uma voz, aquela, sorrisos daquela boca, olhares daqueles olhos. Feito de algo mais profundo também, muito mais profundo. A pessoa simpática pode dizer coisas que não deve, e até fazê-las, coisas que da parte de outras pessoas seriam detestáveis, mas não da parte daquela, que é simpática. Pode tudo isso e mais alguma coisa porque o halo modifica-lhe as palavras, as acções e até o seu lugar na vida. E suavizante, musical, tranquilizador, atraente, gracioso e, para além dele, está a pessoa simpática.

..E quando um indivíduo, senhor do referido halo é ao mesmo tempo inteligente, amado e rico? Bem, esse é um caso de nítido exagero na hora da atribuição dos dons. Distracção, parcialidade ou puro acaso foram os culpados de uma tal acumulação. Nada a fazer.

MARIA JUDITE DE CARVALHO

O nosso mundo

BRAGA

No sentido de que essa eloquente manifestação de intensa religiosidade que é a Semana Santa da denominada augusta metrópole religiosa atinja uma vez mais a magnificência e sumptuosidade que dela tem feito acontecimento ímpar em Portugal, reuniu de novo a comissão das referidas solenidades. Após ter sido considerado o generoso e pronto apoio governamental, resultante das recentes diligências, efectuadas em Lisboa, na companhia do chefe do distrito, dr. Francisco Dourado, a comissão procedeu já ao estudo do programa, de que dentro de dias dará amplo conhecimento público, apurando e distribuindo tarefas. Por outro lado, a «Comissão de Meios», encarregada da costumada angariação de fundos para que as solenidades da Semana Santa de Braga continuem a ser o testemunho mais eloquente da história que a distingue como sede da Arquidiocese Primaz, percorrerá brevemente a cidade, esperando dos bracarenses aquele magnânimo acolhimento que sempre teve a satisfação de encontrar, quando manifestações como esta, de beleza sem paralelo no País, e das mais ricas do mundo cristão, proporcionam à sua cidade soberbo encanto místico da mais alta expressão de fé. («**Correio do Minho**»)

GUARDA

A que título? Esta poderia ser a pergunta a fazer, com muita oportunidade, a comissões ou pessoas que, de vez em quando, têm a **luminosa** iniciativa de proporem nomes de presidentes de Câmaras, que bem serviram (seria sua obrigação) os lugares para que foram escolhidos, para figurarem em placas toponímicas nas cidades ou vilas onde trabalharam. Sim, repetiremos a pergunta: a que título ou a que propósito a homenagem deste estilo, durante a vida, a esses homens? Nós não vemos bem as razões, por mais que alguém nos pretendesse explicá-las. Parece que em cada lugar, público ou particular, que se ocupe, é obrigação do servidor cumprir os deveres inerentes à função, zelando mesmo os interesses do bem colectivo. Sendo assim, é a consciência que, implìcitamente, se deve sentir apta a repelir exteriorizações que impliquem vaidade, venalidade, estultícia. Serão, pois, os nossos actos que nos hão-de elogiar ou condenar. E a falta de senso, que tanto se verifica, é mais uma amostra do falso sentido de responsabilidade que envolve muitas formas de pensar. Optimo será de facto cada um capacitar-se das suas limitações e ter a ombridade de as aceitar. Quanto à vaidade humana, ela continuará a ser indicativo da carência de formação cívica e moral, que infelizmente existe. A que título, pois, colocar o nome de um presidente da Câmara, após 4, 8 ou 12 anos num lugar, onde apenas teve obrigação de cumprir o seu dever, numa rua ou largo da vila? Se cumpriu, a satisfação desse dever cumprido é a melhor homenagem a que pode aspirar. E não nos digam que não temos razão. (V.A., in «Correio da Beira»).

VILA FRANCA DE XIRA

Passaram dois anos sobre a data em que o tenente-coronel Febo Vargas de Matos assumiu as funções de presidente da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. Há dois anos no discurso da sua posse, sem falsas promessas, nem demagogias, o presidente Vargas de Matos traçou, desde logo, um rumo seguro para a sua futura actividade municipal, alicerçando-se nos vastos conhecimentos do valor humano que possui e que lhe advieram da sua brilhante carreira militar; na sua honestidade e na sua capacidade de trabalho. Olhando para trás, não haverá um munícipe sequer que não se renda à evidência dos factos, pois, em tão pouco tempo, muito já se fez, muito se realizou, rasgando-se os horizontes até então limitados deste concelho, que vinha lutando pela sua expansão e que se encontrava no momento decisivo para o arranque. Felizmente para nós que na altura própria apareceu o Homem próprio, com aquela energia e vigor que eram necessários à tão desejada explosão. («Voz Ribatejana»).

FACTOS

Liu-Chao-Chi, o antigo presidente da China Comunista, é o símbolo de tudo o que é mau na China de hoje. Raro é o dia em que algum jornal não denuncia os seus «crimes» e em que as emissoras de rádio ou os oradores em comícios públicos não recordam o seu nome como o do homem que tentou levar de novo a China para o capitalismo.

Só os mais altos dirigentes de Pequim sabem exactamente qual terá sido o destino desse homem, que conta ou deveria contar actualmente 74 anos e que foi um dia o «segundo da hierarquia do Partido», depois do presidente Mao Tsé-Tung. Só eles sabem se ainda vive e, se assim for, onde se encontra, o que faz e qual o seu estado de saúde. Mas os que o sabem não o dizem.

Informações chegadas a Hongkong deram a entender que Liu teria morrido. Mas nada foi dito na China que confirmasse esses rumores.

Vivo ou morto, porém, Liu continua a ser responsabilizado pelo crime de traição e acusado de falso revolucionário, muito mais interessado em promover o capitalismo do que em consolidar o comunismo na China.

O seu verdaeiro pecado, todavia, talvez não fosse mais do que ter representado uma ameaça para a direcção de Mao Tsé-Tung, e de ter sido mais pragmático do que dogmático quando orientou a política Chinesa, nomeadamente no campo económico.

Liu, considerado, um dia, o «homem da organização» do Partido Comunista Chinês, perdeu de facto o seu lugar de presidente durante a «Revolução Cultural». Mas foi apenas em Outubro de 1968 que a comissão central do Partido o privou de todas as honrarias e cargos na estrutura do Partido e do estado. Em sessão plenária realizada então, a comissão central «ratificou um relatório sobre os crimes do renegado, traidor e miserável Liu Chao-Chi». O comunicado divulgado no fim dessa sessão declarava:

«O relatório confirma, com todas as provas em apoio, que Liu Chao-Chi, a primeira autoridade do Partido a tomar caminho capitalista, é um renegado, um traidor e um miserável, que se escondia no Partido e é um lacaio do imperialismo, do moderno revisionismo e dos reaccionários do Kuomitang (o Partido Nacionalista), tendo cometido inumeráveis crimes. «A sessão plenária exprimiu a sua mais profunda indignação revolucionária perante os crimes contra-revolucionários de Liu Chao-Chi e aprovou por unanimidade uma resolução expulsando Liu Chao-Chi do Partido de uma vez para sempre, demitindo-o de todos os seus postos dentro e fora do Partido, enquanto continua a ajustar contas com os seus cúmplices pelos crimes de traição ao Partido e ao país».

Liu foi visto em público pela última vez em meados de Novembro de 1966. Parece que terá permanecido em Pequim durante algum tempo, em regime de detenção domiciliária, julgando-se que tenha sido enviado, em seguida, para qualquer campo de trabalhos forçados depois do plenário de 1968.

Em certos círculos de Pequim diz-se que Liu teria sido transferido para a sua

O AFASTAMENTO DE LIU-CHAO-CHI

província natal de Hunan (a mesma onde Mao nasceu) mas não se conseguiu confirmação oficial para esta versão. Embora a casa paterna de Liu não seja distante daquela que Mao habitou durante toda a sua infância e adolescência, os dois homens só vieram a conhecer-se nos primeiros anos da década de 20.

Muito jovem, Liu Chao-Chi seguiu para Xangai a fim de se matricular numa escola técnica. Matriculou-se também num curso de russo e filiou-se numa organização comunista. Em 1920 foi enviado para Moscovo, a fim de estudar na Universidade do Extremo Oriente.

Qaundo regressou a Xangai, iniciou o que viria a ser um longo período de trabalho junto dos movimentos operários. Chefiou então um movimento operário clandestino e, mais tarde, chegou a ser o chefe supremo de toda a organização clandestina do Partido no norte da China. Foi ainda o responsável por quase toda a organização do Partido Comunista numa vasta área da China, especialmente durante a guerra sino-japonesa.

Muito do seu trabalho nas organizações clandestinas veio, mais tarde, a voltar-se contra ele — quando os ataques da «Revolução Cultural» começaram a alvejá-lo. Foi principalmente incriminado por instruções que distribuiu nesse período inicial, aconselhando os comunistas a renunciarem em público ao comunismo sempre que necessário para salvarem a vida, quando capturados pelas autoridades nacionalistas.

Nos primeiros anos da década de 30, Liu foi designado para o Politburo do Partido Comunista chinês e no sétimo Congresso do Partido, em 1945, foi eleito um dos vice-presidentes do Partido, sob a presidência de Mao.

Quando a República Popular da China foi estabelecida, Liu foi um dos seus três vice-presidentes. E em 1959 substituiu Mao Tsé-Tung, como chefe de Estado.

De resto, este facto foi, para ele, o princípio do fim.

Mais tarde, Mao queixou-se de Liu e de outros dirigentes (depurados com Liu) dizendo que o tinham tratado como «um parente morto, e já no funeral», durante as manobras que acabaram por proclamar — Liu chefe de Estado.

Alguns dos crimes de que Liu é acusado incluem a introdução do pagamento de gratificações e de outros programas de incentivo, destinados a aumentar a produção dos trabalhadores rurais e fabris.

ARMAZÉNS DO POVO

BALCONISTAS

SECÇÕES:

MALHAS
LINGERIE
TECIDOS
PERFUMARIA
CAMISARIA
MEIAS E PEÚGAS
FELPOS
COLCHAS
MALAS DE VIAGEM
DECORAÇÃO

INSCRIÇÕES: Rua da Palma, 177-1.º e 2.º — LISBOA
LOCAL TRABALHO: Rua Conde Redondo, 14-A
(Nova filial a abrir brevemente)

Concessionários portugueses aguardam a homologação de novos preços

No nosso País ainda não se fabricam automóveis, embora ultimamente corresse o boato de que estava para breve o aparecimento do primeiro carro produzido exclusivamente em Portugal. Contudo, a complexidade de tal operação, não só pelo alto custo da maquinaria e instalações, mas também pelas indústrias subsidiárias a que obriga, leva a pensar que, por enquanto, essa ideia não terá uma realização prática.

Os carros que circulam nas estradas nacionais são, pois, na sua quase totalidade montados no nosso País, ou então importados já montados.

A partir de 1 de Janeiro de 1963 o mercado automóvel sofre uma substancial alteração, determinando o Decreto-Lei n.º 44 104, que, a partir daquela data, a importação na metrópole de automóveis de passageiros ou mistos montados só poderá fazer-se até ao limite de 75 unidades por fabricante e por ano. Acima deste limite os automóveis só poderiam ser importados, desmontados e incompletos, de forma que a incorporação de trabalho nacional não fosse inferior a 15 por cento do custo do veículo completo.

Esta atitude governamental era justificada no preâmbulo do Decreto-Lei, atrás referido, em virtude da importação de veículos automóveis ter sido responsável por uma das mais fortes parcelas de desequilíbrio da balança comercial portuguesa, o que representou em 1959 um dispêndio de 948 000 contos na metrópole com essa importação, totalizando 7 por cento de todas as compras externas e 18 por cento do desequilíbrio. Paralelamente procurava-se estimular a incorporação do trabalho nacional.

A NOVA LEI DE MONTAGEM

Perante a nova situação as fábricas de montagem começaram a surgir pelo País, sendo estabelecido que essas instalações não poderiam ficar situadas em Lisboa, Porto ou Concelhos limítrofes, considerando-se os Concelhos ribeirinhos do estuário do Tejo como limítrofes do de Lisboa e devendo ainda ter ligação directa com uma via férrea de via larga.

Agora, em 1973, passados dez anos sobre a lei que instituia a montagem de automóveis em Portugal, novas alterações são introduzidas. Assim, segundo o Decreto-Lei n.º 157/72, considera-se que a experiência adquirida com a montagem de veículos automóveis aconselha a simplificação do regime instituído anteriormente, sendo conveniente estabelecer desde já os benefícios a conceder aos industriais de montagem a partir de 1 de Janeiro de 1974. Paralelamente, considerava-se que do levantamento das restrições à importação da veículos já montados, que terá lugar em 31 de Dezembro de 1979, poderão advir graves consequências para as indústrias de montagem e subsidiárias se não forem tomadas, no devido tempo, as providências necessárias; para obviar a esse problema, o diploma refere que há toda a vantagem que, para além daquela data, se continue a conceder benefícios na montagem, ainda que esta seja facultativa.

Portanto, foi com estranheza que nos últimos dias de 1972, se verificou uma corrida aos automóveis, pairando o boato de que iriam aumentar de preço. O que se passa afinal? Quais as causas que poderiam alterar os preços de venda ao público?

Com efeito, a nova Lei de montagem, que entrou em vigor em 1 de Janeiro de 1973, alterando as percentagens de incorporação nacional provocou um agravamento dos custos de produção de viaturas montadas em Portugal. O Grémio Nacional dos Industriais de Montagem e Fabricação de Veículos Automóveis ao analisar o problema surgido considerava que a adopção de novos critérios na determi-

COMUNICADO

Johnson & Johnson

1. NÃO existe Hexaclorofene na Loção Para Bebé JOHNSON'S nem em qualquer outro dos seus produtos.
2. Igualmente o Talco JOHNSON'S não contém Hexaclorofene nem qualquer outro bactericida.
3. A Johnson & Johnson Lda. reserva-se o direito de proceder judicialmente contra notícias infundadas e capciosas publicadas a este respeito na Imprensa.

Johnson & Johnson Limitada

Queluz – Fevereiro 1973

REPORTAGEM

A crise de comércio automóvel

nação da incorporação nacional implicará um agravamento nos custos dos automóveis completados e montados no nosso País em cerca de 10 por cento.

Esta situação surge porque anteriormente considerava-se como percentagem de incorporação, os componentes nacionais para completamento do veículo, a mão-de-obra inerente à montagem e as despesas gerais inerentes à operação de montagem; actualmente, a percentagem de incorporação nacional diz respeito unicamente ao material nacional utilizado que deverá ser obrigatoriamente de 20 por cento. Sucede que o material nacional é muito mais caro do que o material importado, o que onera forçosamente o preço do automóvel.

Perante este aumento de custos os industriais pediram ao Governo a homologação de novos preços para as viaturas montadas em Portugal, não se tendo verificado até à altura qualquer alteração, o que não quer dizer que não possa suceder dentro de pouco tempo.

Os carros abundam nas nossas estradas. Montados no País, ou importados do estrangeiro, prontos a circular, eles marcam a sua presença

O QUE DIZEM OS INDUSTRIAIS

Na Fiat, os quadros administrativos não acreditam sequer que o problema não tenha uma resolução. A maior incorporação de material nacional, além de ser mais cara, vem levantar problemas quanto ao prazo de entrega pois nem todas as empresas subsidiárias poderãoiestar preparadas para acompanharem a procura que necessáriamente vai surgir.

Voltando a referir-se ao problema que, presentemente mais afecta a empresa declarou:

— Para muitos importadores a nova lei de montagem significa um aumento de material nacional e para chegarem aos novos mínimos tiveram de comprar mais material. Ora sucede que havia fornecedores que, até agora, forneciam só duas ou três marcas e neste momento receberam encomendas de outras marcas, sem estarem devidamente apetrechados para, de repente, aumentarem a sua produção. Presentemente estamos atrapalhados com algumas entregas e tivemos carros parados por causa da falta de material nacional.

Em 1972, foram montados na Fiat cerca de 11 000 automóveis de todos os modelos, sem ter em conta os 2 800 modelos da Simca que foram montados na mesma fábrica e que este ano deixaram de ser executados naquelas instalações, motivando portanto uma redução do pessoal.

— O facto de os automóveis serem montados encarece bastante o preço do veículo! pois o custo de um carro desmontado é praticamente igual ao de um carro completo que seja importado. Além disso, o custo dos meteriais nacionais são cerca de 2,5 vezes superiores aos de origem.

Contudo, a Fiat não encara a hipótese de suspender a montagem de veículos enquanto não forem adoptados novos preços e se recorreu à solução de antecipar as férias do pessoal isso deve-se à situação que existe presentemente em Itália, onde as greves se sucedem o que origina uma quebra no envio de material.

CUSTOS DE PRODUÇÃO

Na firma J. J. Gonçalves a expectativa quanto ao futuro também se manifesta. Consultamos um dos directores que nos disse:

— A partir de 1963 nenhum automóvel poderia ser montado em Portugal desde que não tivesse uma percentagem de trabalho nacional incorporado no mínimo de 15 por cento e que posteriormente foi elevada de 20 para 25 por cento. Esse trabalho nacional incorporado era constituído por três parcelas distintas: componentes nacionais, mão-de-obra necessária para a montagem e ainda as despesas gerais inerentes à operação de montagem. Desde essa altura os automóveis passaram a vir completamente desmontados e outros incompletos, para favorecer o fomento e a criação de uma indústria nacional. Isso conduziu a um automóvel mais caro, pois como é evidente qualquer componente nacional é necessariamente mais caro para nós do que para qualquer fabricante estrangeiro que adquire em quantidades industriais.

Acerca das limitações dos componentes nacionais informou:

— Agora, a nova lei passa a considerar como incorporação nacional apenas o valor dos componentes nacionais. Simplesmente esses componentes não têm projecção num mercado estrangeiro e num dia em que se liberalizarem as importações o automóvel completo que venha do estrangeiro fica muito mais barato do que o automóvel cá montado. Deste modo, o problema irá reflectir-se sobre as indústrias de componentes nacionais. Aliás, nessa altura, quando forem liberalizadas as importações, pode-se encarar a hipótese da montagem de um carro que venha desmontado mas com as peças todas, deixando de ser completado cá. A finalizar devo dizer que o aumento do custo do autumóvel resulta da incorporação de elementos nacionais, menores descontos aduaneiros e maiores encargos de mão-de-obra. Nenhum deles é dependente do industrial de montagem.

CONCESSIONÁRIOS

Na Datsun contactamos o respectivo director de produção, Cabral Menezes, que começando por chamar a atenção para o aumento substancial dos custos de produção, acrescidos dos direitos aduaneiros, salientou ainda outros aspectos determinantes da crise que o comérico automóvel atravessa entre nós:

— Há que ter em conta ainda outros factores igualmente importantes e que explicam melhor a necessidade de aumento dos preços de venda dos automóveis. Em primeiro lugar é necessário não esquecer que o escudo baixou efectivamente o que como é lógico, veio agravar também os citados custos.

Finalmente e isto, diz respeito mais directamente à Datsun, a efectiva revalorização do «ien» também nos vai afectar.

Acerca dos concessionários de província, os mais afectados pelas consequências que a demora dos novos preços originam, disse-nos o responsável da Datsun:

— Convém acentuar que os concessionários começam... em Bragança e acabam nas ilhas. Não têm autonomia financeira, pois na maioria dos casos as compras fazem-se à base de letras e não tendo, neste caso, carros para vender vêm-se inevitavelmente em grandes dificuldades. Ora isto arrasta-se desde Janeiro e como já não há automóveis da prudução de setenta e dois e como não vendemos os produzidos no ano corrente enquanto não forem aprovados os novos preços, não é difícil prever-se os problemas que tudo isto ocasiona aos nossos concessionários.

Como reagirá a Datsun caso os novos preços requeridos tardem ainda ou não venha até a efectivar-se?

— Julgamos que a sua homologação não tardará pois cremos que as entidades responsáveis já têm os elementos necessários para ajuizar da urgente necessidade de entrada em vigor das novas tabelas. Embora não seja de momento possível calcular o que aconteceria caso a sua entrada em vigor tardasse ou fosse posta de parte, torna-se evidente que os prejuízos seriam enormes e muita gente seria afectada por isso. Aliás é sintomática a nossa escala de vendas nos últimos meses: em Dezembro passado foram vendidos cerca de mil carros, em Janeiro baixou-se em cinquenta por cento e neste mês calcula-se uma venda de cerca de 20 por cento. A continuar assim em Março não venderemos nada, até porque os carros vendidos são do ano transacto e os «stocks» estão praticamente esgotados.

A concluir o nosso entrevistado referiu-se em termos pessimistas ao futuro do comércio automóvel; a propósito da cessação da actual lei de montagem em 1980:

— Essa lei caduca em 1980 pois a partir desse ano acabam as barreiras alfandegárias entre Portugal e o Mercado Comum. Ora a não haver legislação que proteja as linhas de montagem elas poderão pura e simplesmente — acompanhadas das indústrias subsidiárias — por ter de fechar portas. Ora serão umas vinte linhas de montagem e cerca de quarenta mil trabalhadores afectados.

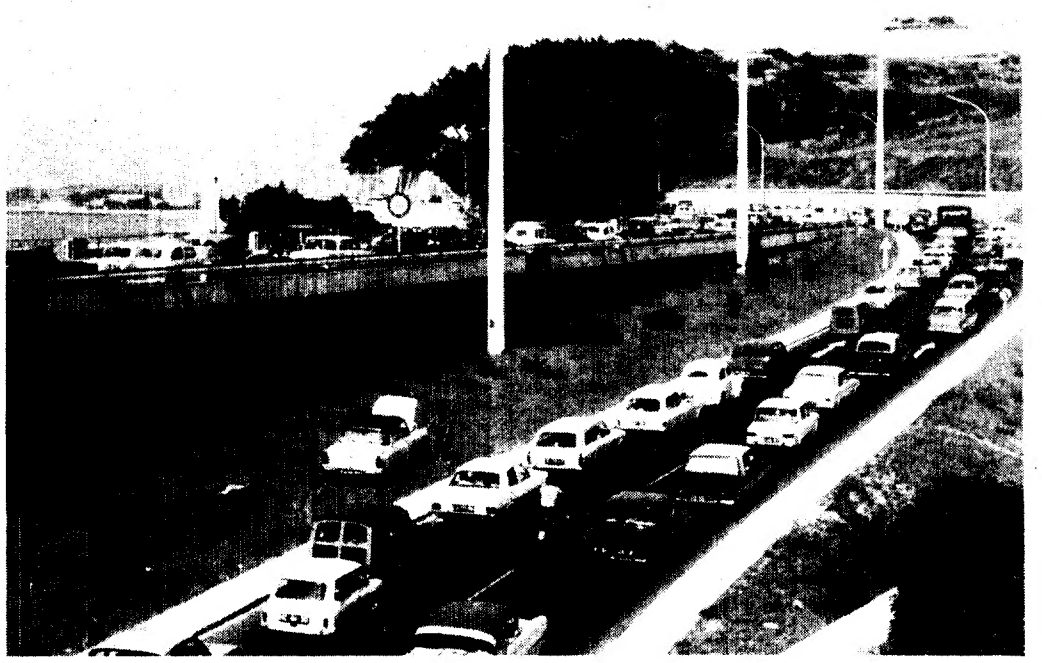
«GRANDES PREJUÍZOS»

— Estamos a comercializar todos os modelos, mesmos os mais recentes, aos preços antigos. Pensamos mantê-los até ao fim de Fevereiro, depois só há que esperar que a decisão governamental não tarde pois doutro modo teremos graves prejuízos, começou por nos dizer o dr. Alves Mateus, em nome da Citroën. Segundo nos disse ainda **apenas razões de ordem burocrática poderão estar na origem da demora na homologação de preços, solicitada. É que na realidade os custos de produção aumentaram bastante e para lhe dar uma ideia aproximada desse acréscimo de despesas basta dizer que a percentagem de desconto aduaneira neste ano, andará à volta de trinta por cento enquanto que a anterior, vigente durante os últimos sete anos, era da ordem dos 43,46 por cento. Além disso as despesas de distribuição aumentaram sendo actualmente uma média de dezoito por cento sobre o custo de cada carro. Outra razão que julgo estar na base do atraso da decisão superior será a da existência de um coceito fortemente tradicional de que o comércio automóvel é automóvel é altamente lucrativo, o que está errado.**

Depois de lembrar que a Citroen tinha já enviado à entidade competente um estudo pormenorizado englobando elementos que vão desde a produção em França até própria distribuição em Portugal — estudo esse suficientemente elucidativo acerca do agravamento dos custos da empresa — aquele representante da Citroen, concluiu:

— Seria lamentável termos de conceder, tal como uma empresa congénere irá fazer, férias antecipadas ao pessoal. Claro que só em último caso o faríamos. Esperamos que não demore a homologação dos novos preços.

O preço dos automóveis vai aumentar. Benefícios para quem?



Os engarrafamentos são constantes. O mercado nacional consome anualmente cerca de 70 000 unidades.

LEIA
motor

AMADORA

Uma Escola Preparatória sem condições para o ensino

Por falta de locais apropriados, joga-se a bola onde muito bem calha

Entrada para as casas de banho dos rapazes

Na Escola do Ciclo Preparatório Roque Gameiro, da Amadora cerca de 2400 crianças deverão aprender o essencial para depois poderem, ou não, prosseguir os seus estudos. Nessa escola, divididos em dois grupos, de manhã e de tarde, espalhados por 52 salas de aula, (20 masculinas, em pavilhões pre-fabricados, e 32 femininas, das quais sete são em salas de cal e tijolo), as crianças suportam uma temperatura que pode descer mais ou menos (algumas salas já têm aquecimento) ou um calor que é variável com as condições atmosféricas (nenhuma tem, «naturalmente», ar condicionado).

— **Esta escola existe desde 1966** — informa-nos um empregado, **Mas, primeiro, era só esta parte feita a tijolo, embora seja da qualidade que o senhor pode ver.**

(A qualidade «que o senhor pode ver» é a mais incrível apesar das beneficiações que o actual director já conseguiu introduzir).

E, agora, a escola espalha-se por uma área bastante grande, em pavilhões de uma fragilidade evidentíssima, com sexo masculino de um lado e feminino do outro. Porque alguns rapazes por vezes têm aulas «do outro lado» acabam por ter de atravessar a rua, de movimento razoável, várias vezes ao dia. E, porque não há recreio, as brincadeiras desenrolam-se junto da via. Daí que já hoje notícias de desastres...

QUANDO O DINHEIRO FALTA...

Há cerca de um ano começou a luta do dr. António Sequeira Cabrita, quando aconteceu a sua nomeação para director da Roque Gameiro. Ao chegar à escola ele apercebeu-se de que muita coisa havia a necessitar de ventos novos. E vai daí começou a sua luta dentro dos acanhados limites que o orçamento concedido permitem:

— **O meu esforço tem sido orientado em quase todos os sentidos, já que havia carências nos mais diversos sectores. Quando aqui cheguei tive de declarar guerra às retretes. Isto estava inundado de retretes. Por exemplo: não havia nem uma sala de convívio, nem um refeitório. Arranjei espaço e fiz uma sala de convívio. Actualmente, comem aqui cerca de 100 crianças por dia, das quais muito poucas pagam, porque o resto é da Acção Social.**

Dentro de pouco surgirão problemas de super lotação. De resto já não há capacidade para mais alunos e no presente ano lectivo já foram mandados para a escola de Massamá cerca de 600 alunos. Continua o director:

— **Esses problemas de que o senhor me fala estão sempre na minha cabeça. Mas dentro do que aqui temos não é possível fazer muito. Olhe, andei para aí a pedir material didáctico, tantotelefonei, tantopedi, que me foi dada uma verba para esse efeito. Mas, agora, continuamos sem ele porque as casas da especialidade não tem o suficiente em «stock». A verdade é que isto só vai com uma escola nova. Eu gostava que os senhores viessem aqui num dia de chuva para verem como se anda por aí, aos escorregões na lama, sem equilíbrio.**

A construção de novas instalações já foi anunciada. Segundo os cálculos, normalmente optimistas, estará concluida em 1975 ou 76.

— **Mas até lá precisamos de resolver os problemas mais urgentes. Essas questões de as crianças terem de atravessar a estrada também já eu notei. Pedi à Camara que pusesse aqui umas placas a sinalizarem a proximidade de crianças. Disseram-me que sim, mas até agora...**

Os pavilhões para o sexo masculino

AS EMPRESAS E A EDUCAÇÃO

O ministro da Educação Nacional foi visitado por directores e administradores de trinta e cinco empresas que lhe manifestaram o seu apreço pelas iniciativas do Ministério no campo do aperfeiçoamento profissional. Coube à Lisnave, pela boca do seu administrador delegado, eng. Manuel Perestrelo, interpretar o júbilo empresarial dos presentes. O prof. Veiga Simão respondendo aos visitantes afirmou a dada altura: «Entendem muitos por formação profissional aquela que é dada ao homem sem conhecimentos capazes de entender aquilo que faz e sem, perante a evolução da ciência e da técnica, ter uma mobilidade necessária para aprender novos conhecimentos. Estão profundamente erradas essas pessoas.» Segundo referiu, os programas da pasta que ocupa visam, nesta matéria, «organizar em colaboração com as empresas, cursos de iniciação e formação profissionais que, efectivamente, não só permitam aos indivíduos que ali vão procurar os seus meios de vida aprenderem melhor as técnicaas em evolução, mas também adquirirem grande mobilidade perante a evolução da própria técnica».

Antes desta reunião, o ministro recebeu representantes de Tomar que vieram agradecer a criação ali de um Instituto Politécnico, tendo formulado o seu desejo de uma identidade de aspirações entre o Ministério e a Assembleia Nacional, onde deverão ser votadas directrizes fundamentais da lei orgânica do ensino. O Ministério, segundo afirmou, «espera que a Assembleia não deixe de corresponder às necessidades das populações e às ansiedades daqueles que na realidade desejam que todas essas instituições do ensino superior (Institutos, Escolas Normais e Superiores) não constituam apenas alguma coisa que fica para além das universidades mas sim que até deve competir em valor, e em valor profissional, com as próprias Universidades». E continuou afirmando que «não deixará de defender com toda a força ao seu alcance tudo aquilo que ele entende, e julga que a Assembleia Nacional também entenderá, serem as verdadeiras aspirações dos povos.»

OS AGENTES

Foi aprovada pela Assembleia Nacional a proposta de lei sobre a defesa da intimidade da vida privada, abrangendo não só pessoas como os seus bens. Do texto legal, e dos trabalhos que precederam a sua votação, ressalta aos olhos de qualquer um a enormidade e a alta especialização dos instrumentos com que se devassa e vigia a vida de cada um. Os mais diversos tipos de aparelhos foram considerados e divulgados, muitos deles só imagináveis em filmes de ficção. Também a cibernética é contemplada pelo diploma. É pois óbvio que ele não terá apenas em conta a actividade de coscuvilheiros, mas também de organizações com poder suficiente para disporem de pessoal e material especializados a que se reconhece a existência entre nós, e se reprovam os meios. Ponto importante do texto é, também, o da sua Base VI, onde se estipula: «Aos agentes das infracções previstas nesta lei, não é permitido fazer prova sobre a verdade dos factos da vida privada em relação aos quais se verificou a intromissão». Segundo aí se afirma, os resultados desta actuação ilegal só poderão ser utilizados como prova em processos contra os agentes das infracções aí previstas.» Por fim, competirá ao governo regular o fabrico, importação, transacção ou simples detenção dos instrumentos e aparelhos que possam atentar contra a intimidade da vida privada.

A APREENSÃO MUNICIPAL

. A Câmara Municipal de Lisboa não dispõe de verbas que lhe permitam fazer face a novos empreendimentos, de modo desafogado, pelo menos durante o corrente ano, afirmou na reunião do Município o coronel Silva Sebastião. Segundo palavras suas, seriam necessários nove milhões de contos, a investir nos próximos seis anos para conseguir-se a execução do tão necessário Plano Director de Lisboa, quantia a ser acrescida pelos investimentos a ffazer no metropolitano e no realojamento habitacional. Por outro lado, e a par com a inflação, as receitas municipais têm vindo a decrescer nos últimos anos. Este, e outros factores (diminuição do produto dos impostos directos, contribuição industrial, etc.), «têm reduzido de forma apreciável, a capacidade executiva da Câmara, o que determina compreensivas apreensões em quem tem a responsabilidade da sua gestão», reconheceu o coronel. O tom apreensivo destas considerações realistas, já informou outras declarações

A SEMANA

do presidente do Município e parecem justificar-se uma vez que a «capacidade de investimento dos meios próprios da Câmara não vai além de duas ou três centenas de milhares de contos». E entre as soluções, ou paliativos, a considerar propõe-se o recurso ao crédito para o qual, aquela casa já se encontra com fracas capacidades. Ao que parece, a Câmara empobreceu.

OS PREMIADOS DO ANO

Apesar de se afirmar haver «injustiça ao dizer-se que há temor pela Informação» por parte dos dirigentes, em matéria de informação o Estado português não é liberal. «mas intervencionista, não é agnósti-

Desastres à semana

. Na cidade ou na estrada a semana também anda ao compasso dos desastres do trânsito. Na estrada, o perigo das ultrapassagens dos cruzamentos, do mau piso; nas ruas da cidade outro se acresce a estes — os peões. Para os peões, o mesmo perigo de sempre — os carros. Constantemente, os desastres contabilizam a semana.

co porque faz a opção de valores essenciais». E dos valores essenciais, os mais elevados, e mais contestados, aqueles que o governo entende defender sem concessões, há a enumerar Deus, a Pátria, a Família e a autoridade. E a preocupação parece justificar-se uma vez que as orientações políticas dos jornais das direitas não serão responsáveis por tais obrigações, existe na «panóplia da nossa Imprensa», ao que parece, o pluralismo da nossa Imprensa oferece aos leitores as mais variadas tendências: «... do centro, progressistas, socialistas, mais ou menos, reformistas e marxistas, de todos os credos e convicções...». Esta liberalização poderá também encontrar-se na actuação de certos organismos estaduais, como seja a Secretaria de Estado da Informação e Turismo que na atribuição dos seus prémios, recentemente distribuídos, apenas não considera «as obras que visem a subversão ou representem uma atitude comprometida». Foi dentro deste contexto que várias figuras das letras, do teatro, do cinema e da música se encontraram esta semana no Palácio Foz para receberem os prémios instituídos por aquele organismo, referentes aos anos de 1971 e 1972. Entre as várias personalidades premiadas encontravam-se David Mourão Ferreira, Adolfo Simões Müller, Fernando Lopes, Augusto Cabrita, Manuel Costa e Silva, José de Castro, Vasco Morgado que recebeu a comenda da Ordem de Benemerência e Glória de Matos.

MANUEL DOS SANTOS

. Manuel dos Santos e Manolo Escudero foram a enterrar. O corpo do matador está agora sepultado no cemitério da Golegã a onde foi acompanhado por milhares de pessoas. O antigo moço de estoques foi levado ao cemitério do Lumiar onde centenas de acompanhantes o viram descer à terra. Otoureiro contava 48 anos. Natural de Lisboa, tomou a alternativa de bandarilheiro em 1944 e três anos depois, em Badajoz estreava-se como novilheiro, para, no ano seguinte, tomar em Sevilha a alternativa de matador. A sua última actuação profissional seria em 1963, na praça de Santarém. Nesse mesmo ano tornou-se empresário da praça do Campo Pequeno.

A ALIANÇA

No âmbito das comemorações do IV Centenário da Aliança Luso-Britânica, levadas a efeito, conjuntamente, pelos governos português e inglês, o Fundo de Fomento e Exportação emitiu uma vinheta alusiva ao comércio entre os dois países, procurando assim associar-se à efeméride, independentemente de outras iniciativas suas a anunciar oportunamente. O organismo pretende que as suas vinhetas sejam utilizadas na correspondência postal.

REUNIÃO

O ministro das Corporações e Previdência Social, o dr. Rebello de Souza presidiu, à sessão de encerramento da Reunião dos Serviços Centrais daquele departamento, que durante alguns dias decorreu no Serviço de Formação Profissional, em Xabregas. Tal como foi noticiado, o objectivo da reunião foi o de promover um conhecimento recíproco dos planos de estudo e acções a empreender pelos diversos serviços no decurso deste ano tendo em conta, especialmente, o programa da execução do III Plano de Fomento.

A encerrar a sessão, usou da palavra o secretário de Estado do Trabalho e Previdência, dr. Silva Pinto que apresentou detalhada análise da actividade do Ministério.

CINEMA NO MUNDO

JUGOSLÁVIA

BELGRADO — O cineasta Dusan Makavejev, realizador de «Mistérios do Organismo», foi expulso do Partido Comunista por «insultar» os antigos combatentes — anuncia o Partido.

A comissão comunista da empresa estatal «Dunav Filmes» decidiu a expulsão depois de apreciar a entrevista dada por Makavejev ao jornal da Alemanha Ocidental «Az-Nachtrichten», em que se inclui o insulto.

Um informador da comissão declarou que Markevejev já caíra em erro ao produzir os «Mistérios do Organismo», que nunca chegou a ser exibido na Jugoslávia, embora tenha alcançado êxito no estrangeiro, onde o seu realizador se encontra também.

MÉXICO

CIDADE DO MÉXICO — «El Juicio de Martin Cortes» é o primeiro filme começado a rodar no México em 1973. Tem realização de Alejandro Galindo e a acção desenrola-se nos primeiros anos da conquista do México, descrevendo um contraste entre os dois filhos do conquistador Hernan Cortes, um nascido na Espanha e o outro no México. Os dois papéis são interpretados por Gonzalo Vega e Juan Pelaez.

EUA

SAN FRANCISCO DA CALIFÓRNIA — Walter Matthau será o protagonista do filme «The Laughing Policeman», que Stuart Rosenberg começou a rodar em San Francisco da Califórnia.

HOLLYWOOD — «I Escaped From the Devil's Island» é o título do próximo filme do realizador Bernard Kowalski, a rodar na América Central, numa produção de Gene e Roger Corman. O protagonista será Jim Brown.

HOLLYWOOD — Charles Bronson vai produzir um filme intitulado «Gage», com Jill Ireland (mulher de Bronson) como protagonista. A realização está a cargo de Terence Young.

INGLATERRA

LONDRES — Stanley Kubrick parece ter-se fechado numa torre de marfim evitando falar do próximo filme que, diz-se, será rodado a partir de Maio ou Junho, tendo como protagonistas Ryan O'Neal e Marisa Berenson.

CASA

COMPRA-SE OU ALUGA-SE

MORADIA OU PEQUENO PRÉDIO ANTIGOS DENTRO DE LISBOA C/ JARDIM OU VISTA SOBRE O RIO, PARA HABITAÇÃO PRÓPRIA.

Dá-se preferência a zona antiga s/ reconstrução.

Resposta a este jornal ao n.º 777.

Banco Pinto & Sotto Mayor

Compram-se acções. Prèços e quantidades a este jornal ao n.º 744.

FIDES

FUNDO DE INVESTIMENTOS PARA O DESENVOLVIMENTO ECONÓMICO E SOCIAL

distribuição de rendimento

A SOGESTIL — Sociedade de Gestão de Títulos, S. A. R. L., lembra os Ex.mos Srs. Participantes do Fundo FIDES de que resolveu proceder à distribuição, no dia 31 do passado mês de Janeiro, de

Esc. 7$00

por unidade de participação, por conta dos lucros da anuidade de 1972/73.

Os Srs. Participantes poderão converter o rendimento distribuído em novas unidades de participação, o que lhes permitirá beneficiar das seguintes vantagens:

a) *As novas unidades adquiridas com o valor do rendimento estarão isentas da comissão de 3 % fixada no artigo 13.º do Regulamento;*

b) *Se a conversão se efectuar durante o mês de Fevereiro, a cotação será a que foi fixada imediatamente após a distribuição do rendimento, portanto*

Esc. 194$00

c) *Findo o mês de Fevereiro, os Srs. Participantes continuarão a poder beneficiar, na conversão do rendimento, da isenção da comissão de 3 %, mas a operação far-se-á à cotação do dia respectivo.*

O Conselho de Administração
da

SOGESTIL
Sociedade de Gestão de Títulos, S. A. R. L.

SEDE:
Rua do Ouro, 69-79 · Lisboa 2

REGIONAL

OS ENGANOS DE UM SUECO

. OLHÃO — O Algarve começou por atrair os turistas estrangeiros. Vieram depois os heteleiros, os proprietários de bares, os reformados em busca de sol e de preços em conta. E como o estrangeiro atrai o estrangeiro, começam agora a fixar-se no Algarve outros industriais estrangeiros. E o caso de um sueco que instalou na Quinta da Cabeça, em Moncarrapacho, belas estufas de flores tropicais. Deixou-se atrair pelo clima ameno, o que reduz as despesas com oaquecimento. Além da venda aos turistas, projectava exportar as flores para os mercados estrangeiros. Como bom homem de negócios, previra tudo. Tudo menos as dificuldades burocráticas. A instalação de aquecimento das estufas só poderá ser ligada à rede eléctrica depois de vistoriada pelos serviços da Secretaria de Estado da Indústria. O pedido de vistoria, apresentado há sete meses, foi reforçado por diversas petições dirigidas às autoridades. Em vão. Nada a fazer perante a máquina perra da administração. As flores estão a morrer por falta de aquecimento, o nosso sueco deita as mãos à cabeça. Não há quem o convença de que não se trata de uma perseguição, não lhe entra na cabeça que a espera é normal.

Em Tavira faltam água electricidade e esgotos

..TAVIRA — Cento e vinte e sete lugares deste concelho ainda estão por electrificar, afirma o plano de actividades e bases do orçamento da Câmara Municipal de Tavira. Apesar das repetidas diligências do Município, os trabalhos de electrificação estão paralisados desde 1969.

..No relatório que acompanha o plano de actividades, escreve-se que o bem-estar das populações e a expansão dos empreendimentos turísticos estão a sofrer prejuízos devido à falta de estações de tratamento de águas e às deficiências das redes de esgotos nos principais centros urbanos e nas povoações rurais. A fim de levar a cabo as obras de esgotos e abastecimento de águas a Tavira, a Câmara solicitou um empréstimo de quatro mil e oitocentos contos à Caixa Geral dos Depósitos, pedido que ainda não foi deferido.

..O orçamento municipal para o ano corrente prevê cinco mil contos de receitas ordinárias e vinte mil de receitas extraordinárias, a que correspondem despesas no montante de vinte e cinco mil contos. O plano de actividades prevê a construção de uma ponte de ligação à praia e numerosos trabalhos de urbanização na cidade. As obras a realizar nas freguesias rurais incluem a construção de sentinas e lavadouros, a aquisição de terrenos para cantinas escolares, trabalhos de electrificação e melhorias nos arruamentos e caminhos.

Vandalos

..ENTRONCAMENTO — O revestimento em corticite da parede do fundo da sala do Cine-Teatro S. João foi destruído, durante uma das últimas noites, pelos espectadores que ocupavam a última fila da tribuna. A coberto da escuridão, dilaceraram a corticite com canivetes e navalhas.

..Não é a primeira vez que aquela casa de espectáculos é vítima dos vândalos. Os estofos das cadeiras são frequentemente anavalhados. E as próprias chapas com as indicações das filas e dos números das cadeiras têm sido arrancadas durante a realização das sessões de cinema.

Rapazes de catorze anos são escolhidos pelos marnotos na Feira dos Moços

O salgado de Aveiro em luta com os armazenistas

AVEIRO — A safra de sal nas margens da ria de Aveiro está ameaçada pela recusa dos armazenistas de pagarem o preço pedido pelo Grémio de Lavoura de Aveiro e Ílhavo. Não há muito tempo, acordou-se que o preço do sal passaria de 3.700$00, por vagão de dez toneladas, para 3.500$00. Numa reunião recente, os armazenistas propuseram o preço de 4 500$00 por vagão, preço que o Grémio não aceitou, por não o considerar compensador nem para os proprietários das marinhas, nem para os marnotos. Entretanto, os armazenistas iniciaram a importação de sal de outras proveniências, deixando de o requisitar ao salgado de Aveiro. A situação é ainda agravada pelos prejuízos causados às salinas pelo mau tempo. Normalmente, a safra anda por sessenta mil toneladas. Este ano, não deve ir além de quarenta mil toneladas.

Assim, a alguns dias do início da safra, em começos de Março, ainda não se conhecem os preços que serão pagos pelos armazenistas, não se sabe, sequer, se haverá compradores. Os principais prejudicados são os marnotos. Os proprietários das marinhas recebem metade da produção, os marnotos a outra metade. Mas é o marnoto que paga os impostos e todas as despesas de exploração.

O recrutamento da mão-de-obra para a safra continua a ser feito, como nos tempos passados, na Feira dos Moços. Rapazes de treze, catorze e quinze anos concentram-se ali, são escolhidos pelos marnotos em função da sua robustez e força física. Depois de terminada a instrução primária, têm como única oportunidade de trabalho **o transporte de dezenas de canastras de sal por dia.** No final da safra, cerca de sete meses de trabalho, recebem 15 a 16 contos.

DO LIXO AOS ADUBOS

CADAVAL — A Estação de Tratamento de Lixo de Lisboa, em Beirolas, começará a fornecer à lavoura, o mais tardar em fins de Março, um novo adubo orgânico, o «Fertumus». A laboração diária será de cerca de 400 toneladas. Embora os preços ainda não tenham sido aprovados oficialmente, calcula-se que o «Fertumus» será vendido, à saída da fábrica, a 450$00 a tonelada, a granel, a 500$00 ensacado.

..A Estação de Tratamento de Lixo de Lisboa, em que já foram dispendidos duzentos mil contos, é uma das mais bem apetrechadas da Europa, rivalizando com a estação de Moscovo. No Cercal, na área do concelho do Cadaval, será instalado um entreposto de armazenagem e distribuição de adubos para o centro do País. O entreposto do Cercal custará quinze mil contos e ocupará oito hectares, terreno que já foi adquirido pela Federação dos Grémios de Lavoura da Província da Estremadura.

DIRECTOR FINANCEIRO

PARA IMPORTANTE EMPRESA INDUSTRIAL DE COIMBRA

Funções : —

Dirigir o departamento financeiro da empresa nos domínios de :
— Gestão Financeira
— Controlo Orçamental
— Contabilidade Analítica
— Contabilidade Geral

Exige-se : —

Licenciatura pelo ISCEF, FEP ou escola similar estrangeira (há pelo menos cinco anos)
Comprovada experiência nos domínios acima referidos
Serviço Militar cumprido

Factor Preferencial : —

Experiência de controlo orçamental e gestão financeira em empresas estrangeiras

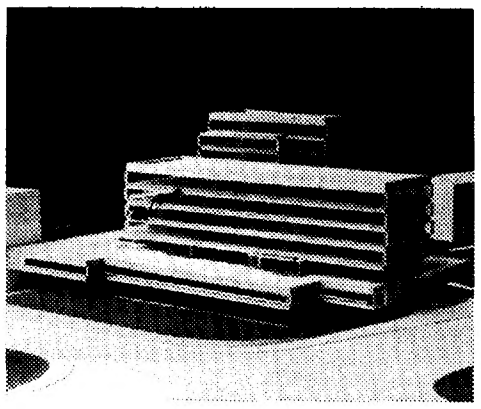
Oferece-se : —

Remuneração compatível com funções e «curriculum»
— Possibilidade de aperfeiçoamento profissional integrado na empresa
— 30 dias de férias

Resposta com «curriculum vitae» completo a este jornal ao n.° 742

MUTUAL

COMPANHIA DE SEGUROS



CONCURSOS PÚBLICOS

PARA A ARREMATAÇÃO DE EMPREITADAS DO EDIFÍCIO DESTINADO À **SEDE DA MUTUAL** — COMPANHIA DE SEGUROS E À **RENDIMENTO**, A CONSTRUIR NO GAVETO POENTE DAS RUAS DO CAMPO ALEGRE E GONÇALO SAMPAIO, DA CIDADE DO PORTO.

EMPREITADA DE ELECTRICIDADE

Alvará mínimo exigível: categoria VI — classe 2 A, ou correspondente.

Este concurso é por inscrição.

O boletim e condições de inscrição são fornecidos nos escritórios da Companhia no Porto, à Rua Fernandes Tomás, 797 e em Lisboa, à Aven. Duque d'Ávila, 20-1.°.

O prazo de inscrição termina, impreterivelmente, às 18 horas do dia 6/3/73.

A C. P. informa:

BILHETES DE FIM-DE-SEMANA

Por motivo da «QUADRA DO CARNAVAL», os «bilhetes de fim-de-semana» têm validade, para início da viagem de ida, desde as 17 horas do dia 2 do próximo mês de Março (sexta-feira) até às 12 horas de domingo, dia 4, e para início da viagem de regresso, desde as 12 horas do mesmo domingo até às 24 horas de quinta-feira, dia 8.

VIDA SOCIAL

LOURENÇO & SANTOS, LDA.

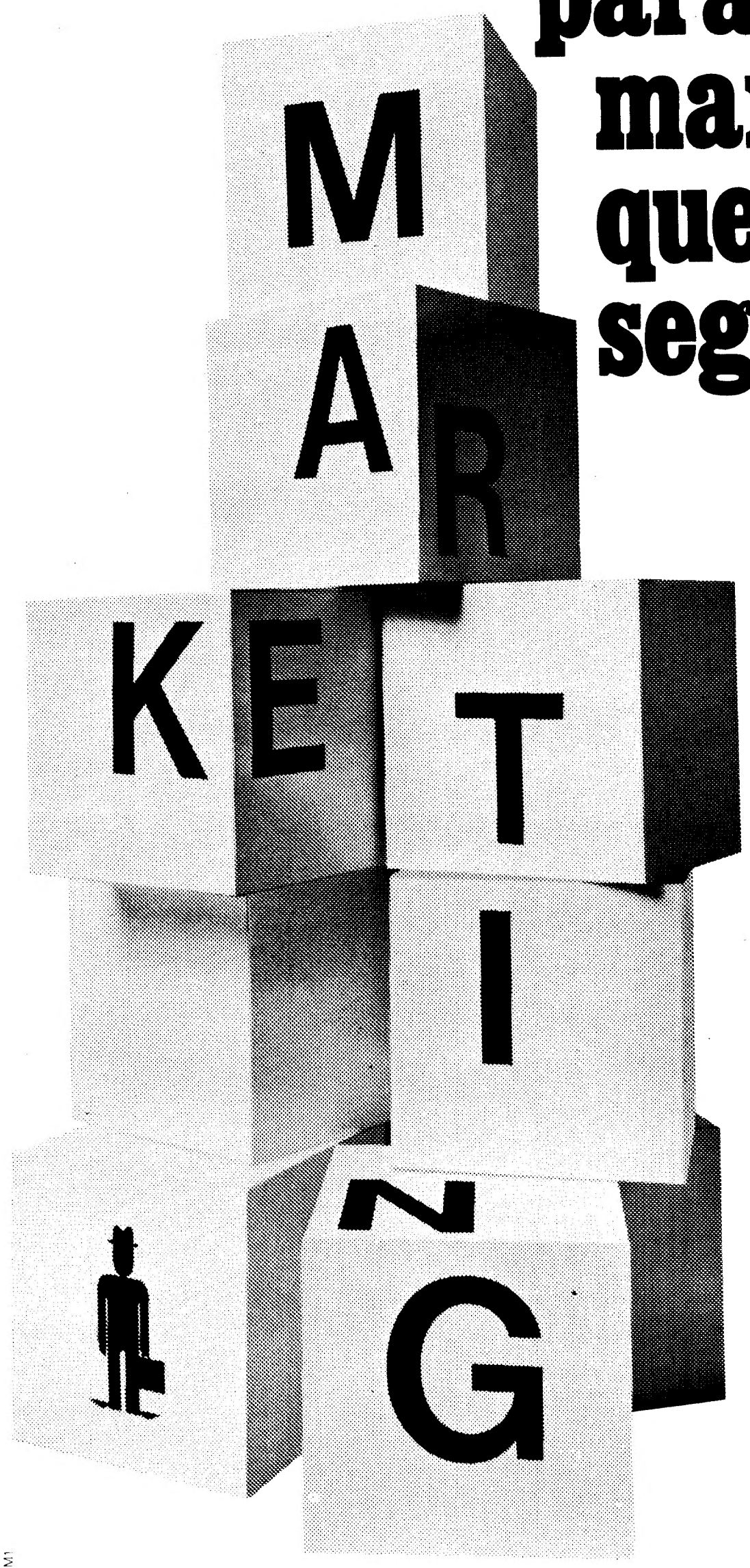
Seguiram hoje para Londres, por via aérea, os srs. Manuel Gomes da Silva e José Augusto Guerra Machado, sócios gerentes desta firma, com o fim de seleccionarem as novas colecções de vestuário Outono-Inverno do corrente ano.

FEIRA DE MOEDAS DE TOMAR

Sábado, 3 de Março de 1973
das 18 às 23 horas

Informações pelos telefones
32676 e 32827

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Ramalho e Madruga «Papelaria Simões». Praça da República, 72 — VENDAS NOVAS



para a Império marketing quer dizer segurança

Porque a Companhia de Seguros Império é uma Companhia de Marketing.
Porque só depois de estudar as necessidades do Cliente concebe os produtos aptos a satisfazer essas necessidades. Porque pensa que o Cliente é o único juiz das decisões da empresa e que as suas iniciativas só são válidas quando o Cliente aceita os produtos pelo seu justo valor.
Porque dispõe hoje de uma diversidade de soluções para os problemas de segurança que o preocupam: a protecção face aos riscos que afectam os indivíduos e as famílias na sua saúde, nos seus rendimentos, no seu património.
Porque se organiza para atingir níveis de produtividade que permitam, através de preços mais baixos, alargar o mercado a novos grupos de consumidores.
Porque faz da inovação uma força impulsionadora da empresa, nos caminhos do progresso.
Porque sabe que, a longo prazo, só a satisfação das necessidades do Cliente é garantia duma empresa sólida, rentável, dimensionada em termos de futuro, útil à economia do País.

A Império tem consciência de que **a segurança se tornou um dever social** *e trabalha para se integrar na nossa sociedade do futuro.*
Porque a inovação é uma das suas constantes, a Império deu o passo decisivo para estar mais perto das necessidades do Cliente:
formou homens para uma profissão de vanguarda: Consultores de segurança. *A sua missão: estudar, conhecer o seu problema, aconselhar.*

"AO SEU SERVIÇO"
IMPÉRIO
a sua seguradora

PENTA-CSI-M1

CARTA DO BRASIL

CHIANGA DE GARCIA

QUANTO CUSTA UM VÍCIO

E sou forçado a sair de novo, mergulhando, aqui, em Copacabana, é bem isto. O que eu tenho é o vício de ir ao cinema. De me sentar numa poltrona e entregar os olhos ao prazer efémero de um colorido desfile de imagens. Qualquer filme serve para mim. Bons e maus. Mas diàriamente tenho, pelo menos, de passar duas horas satisfazendo esse prazer doentio.

Se às vezes a vida enche o meu dia, e chego a horas tardias disposto, em casa, a ler um livro que me interessa, nada feito. O vício impõe-se, exigente:

— Quero ver um filme!

E sou foçado a sair de novo, mergunlhando, aqui, em Copacabana, num destes cinemas que funcionam até de madrugada.

— É um mal pior do que drogas. Pior que o vício da bebida. Bem, esse, às vezes... Mas vamos em frente. Só consigo sossegar quando começa a projecção, e aí, desligando-me do filme, fico navegando à toa por estranhos labirintos que se formam dentro de mim. Eis como é, na realidade, o meu onírico desejo de ir ao cinema...

A EXCEPÇÃO À REGRA

Mas às vezes (raras, é certo) o vício é mesmo de cinema pelo cinema. E isso desespera-me.

...O pior é que há muitos filmes que também fiquei omisso. Essa é que é essa. Aí os meus olhos viram férias, avermelham-se, desesperam-se irradiam faíscas, contraiem-se, e só reabrem as pálpebras quando lhes sirvo uma dose cavalar daqueles ensaguentados, e actualmente em extinção, faruestes italianos.

AGORA A SURPRESA

...Bem, tudo isto o leitor sabe, tanto quanto eu. Mas o que deu pé para um novo e verdadeiro milagre brasileiro, isso vocês vão saber agora. Porque este vosso humilde cronista, falou, conversou, ouviu e viu, em carne e osso, Bernardo Bertolucci, e o autor do Tango, estando ele perto de mim, numa poltrona de canada-Índia, em ajardinada cobertura de Copacabana, numa tarde quente desta última semana...

Sim. Eu poderia até botar, embora traiçoeiramente, no alto da página o título de CONFIDÊNCIAS DO AUTOR DO «ÚLTIMO TANGO EM PARIS»

Não devo fazê-lo. Ele conversou comigo, displicente, na maior naturalidade, como quem, num botequim, se distrai batendo papo com o garçon. E era isso o que eu estava sendo exactamente naquele momento...

Mas tenho de explicar os antecedentes da situação.

AS GRANDES CONFIDÊNCIAS

Sou íntimo de uma morena, que, anos atrás, lancei no que hoje se chama de show-business.

Desde então, como o triunfante Roberto Carlos que, sempre que vem a propósito, não esquece lembrar que foi lançado por mim na tevê (Meu Deus, como o tempo passa!) também a Moêma (é esse o seu nome) guarda, no puro recorte racial da sua cabeça africana, a convicção de ser uma criação minha. Mentira! Tanto ela, como Roberto, tinham o destino marcado. Foi por si própria que ela venceu, tanto no teatro, como no cinema de além-mar, isto é, na Itália, onde já fez alguns filmes como primeira figura feminina. Hoje está rica, independente, mas continua sendo a mesma Moêma simples, afectuosa, amiga dos primeiros amigos que lhe ensinaram, como ela diz, o «mapa da mina». Eis porque, ao voltar de Roma vem sempre ao meu encontro. E eis porque eu, por minha vez, continuo sendo o seu velho confidente.

A COMBINAÇÃO

Pois bem, na semana passada telefonou-me orgulhosa:

— Está aqui, no Rio, incógnito, durante dois dias, um importante amigo meu.

— O Onassis?

— Não, pô! Um cara que tá na crista da onda...

— Quem?

— Não posso dizer, ele veio no mais absoluto sigilo. Só para me ver...

— Mas quem é?

...— Vem aqui em casa que eu conto prá você!

Fui. Quando ela me disse quem era, quasi que fiquei louco:

— Não, não é possível. Ele está em Nova Yorque.

— Volta para lá amanhã. Veio de corrida, só por amor!

— Moêma querida, e eu não posso vê-lo? Falar com ele?

— De geito nenhum. Só sai do hotel de noite, onde está registado com um nome suposto. Detesta entrevistas. Não quer conhecer ninguém. Já sabe que vão logo convidá-lo para entrar numa produção italo-brasileira. Sem essa!

— Mas eu podia...

— O quê?

— Passar por teu padrasto, teu tio, teu avô, que veio lá do sertão para ser internado num hospital...

— Com essa cara? Desguia!

Não. Ele impuzera a condição de não haver ninguém em casa...

Olhou para mim, viu-me tão desanimado, que teve uma ideia mágica:

— Já sei. Você vai ser o meu mordomo. Vestes aquele colete com mangas riscadas de amarelo e preto e vens com o carrinho servir bebidas e salgadinhos...

— Aceito.

— Mas nada de abrir a boca, tá? Depois eu saio, e vou jantar com ele!

— Óptimo. E enquanto você se arruma eu meto em cima dele o meu italiano de S. Paulo. Mas juro que não falo de cinema!

E foi assim que tive a oportunidade de me encontrar face a face com Bernardo Bertolucci, o tão discutido autor do **Último Tango em Paris...**

O HERÓI ENTRA EM CENA

Abri a porta. Ali estava um sujeito baixinho, desageitado, os olhos escondidos por detrás de uns óculos pretos e que avançou ligeiro na direcção do living, onde o esperavam os braços sensuais de Moêma. Riram. Palavrões em gíria romana. Senti que era conveniente retirar-me...

FUMANDO ESPERO...

Esperei meia hora. Empurrei o carrinho. Ainda era cedo. Retrocedi.

Por fim a voz dela:

—Rafaello!

Respirei fundo e avancei com um leve tilintar de cristais na pequena mesa rolante. Curvei-me. E obedecendo às ordens servi o que me pediram. Olhei em volta. O luar entrava pelas janelas. Liguei baixinho um som de música suave. Deixei aceso um único **abat-jour**. Fui lá para dentro. Fumei e bebi.

— Rafaello!

Entrei de novo fazendo refulgir as oscilantes garrafas de bebidas caras...

Aí Moêma perguntou-lhe se ele queria esperar um minuto. Só queria passar uma escova no cabelo...

Saíu. No meu vago italiano de teatro de revista perguntei o que poderia agradar-lhe...

— Fala italiano?

— Mal. Vim com cinco anos para São Paulo. Meu nome é Rafaello.

Ele aprendera com Moêma algumas palavras de gíria carioca, e eu não sei com que inesperadas forças (ou não tivesse antepassados genoveses) embora alinhando mal as minhas frases, fui mantendo um diálogo de que lhes dou a seguir uma versão mais ou menos aproximada, pois ele respondia, como já disse, com aquela confiante tranquilidade de quem está falando com um pobre-diabo de garçon perdido por estes Brasis...

O DIÁLOGO

— O senhor, embora mal pergunte, trabalha em quê?

Ele: — Na maneira de melhor vender a minha mercadoria...

— Para isso deve ser precisa uma boa dose de virtude...

Ele — Ás virtudes que cansam, prefiro os vícios que distraem.

— Não obedece às leis divinas?

Ele: — Desobedecer é procurar a liberdade com devoção...

— É essa a sua maneira de ser devoto?

Ele: — Bem, devoto é aquele que sob as ordens de um chefe religioso continua sendo ateu!

— Há sinceridade nisso, meu senhor?

Ele: — Nós, os homens temos mais amor-próprio do que amor à verdade.

— Cada um faz o que pode, não é?

Ele: — Eu só faço o que entendo que devo fazer e nunca o que os outros entendem que eu deveria fazer...

— Acredita em boas intenções?

Ele: — Tudo é puro para os que são puros. E nada é puro para os que só pensam nos seus dogmas.

— O senhor pelas suas respostas parece-me um homem de génio. Perturba-me.

Ele: — O génio, meu caro, é uma longa «impaciência»!

— O senhor gosta de cinema? O que pensa dos críticos?

Ele: — Não entendo do assunto. Os críticos são bons. O público é que tem a nostalgia da lama.

— O senhor gosta de discutir?

Ele: — Não. Mas quando falo com um imbecil, nunca me rendo.

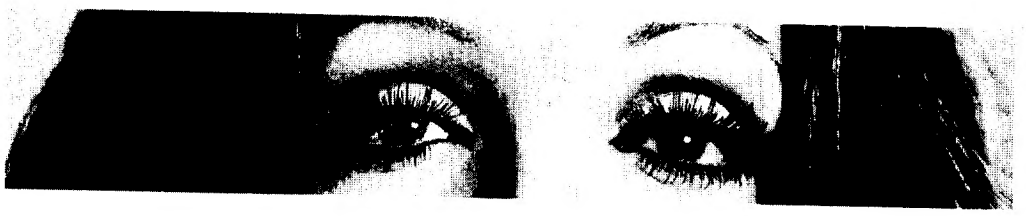
Tinha-me dado o golpe final.

THE END

Aí surgiu Luana. Vestia um modelo verde, transparente, de largas pantalonas. Rebrilhava de pedrarias. Beijaram-se. Saíram nos braços um do outro. Fechei a porta. Despi a minha fantasia de mordomo. E aqui estou em casa contando a minha história.

Para correspondência — Rua Fernando Mendes, 28 — ap. 908-Copacabana-G.B. BRASIL

Margaret Astor

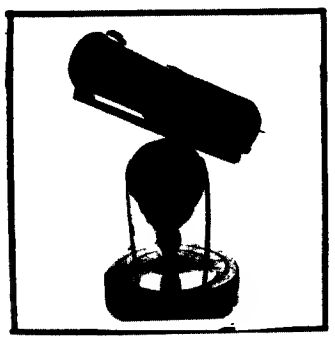


a mulher mais bela do mundo

Margaret Astor

NOVA LINHA COMPLETA DE MAQUILHAGEM !

A CIÊNCIA E O HOMEM



por ANTÓNIO M. BAPTISTA

O desencanto com a física...

..Deveríamos antes dizer desencanto com a Ciência, mas a Física desempenha no nosso tempo um papel tão central no desenvolvimento de toda a ciência que geralmente é a esta disciplina que se ataca quando se pretende singularizar o inimigo. Esta aversão, particularmente importante hoje nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha, parece ter duas origens: uma relacionada com a ameaça do mundo do indivíduo e das suas liberdades pelos progressos da Física, a outra por um sentimento de inferioridade perante uma especialização que levou a conhecimentos muito afastados da experiência ordinária. Estas reacções traduzem-se já nesses países numa diminuição do número de estudantes das disciplinas da Física e, ao mesmo tempo, numa diminuição importante dos fundos atribuídos à investigação e desenvolvimento científico. Assim, enquanto na administração de Eisenhower o aumento dos gastos governamentais em investigação e desenvolvimento, por ano, foi de 15 por cento, na de John Kennedy de 16,6 por cento, na de Johnson de 3 por cento, na actual, proposta por Nixon para o ano fiscal de 1974, apenas de 1,8 por cento, que não chegará para compensar a desvalorização sofrida pela moeda devida à inflação. Além disso, a maior parte do aumento destinar-se-á a certos projectos de ciência aplicada caros à administração actual, como sejam os programas contra o cancro e as doenças cardíacas, o desenvolvimento de novas fontes de energia, estudo dos meios de redução dos prejuízos causados pelos tremores de terra e outros desastres naturais, investigações de novos métodos para prevenção e controlo do crime. Em compensação, se assim se pode dizer, foi muito diminuído o apoio aos oito ramos dos Institutos Nacionais de Saúde que não se ocupam, directamente, dos problemas do cancro e das doenças do coração.

..Não se discute o interesse desses programas que se intensificam agora, mas deve salientar-se que relativamente ao aumento do orçamento americano tem havido declínio das verbas destinadas à investigação e desenvolvimento. Falamos dos Estados Unidos, pois, quando se trata de ciência, como noutras actividades, diz-se que quando este país espirra, é porque o mundo vai ficar também constipado em breve.

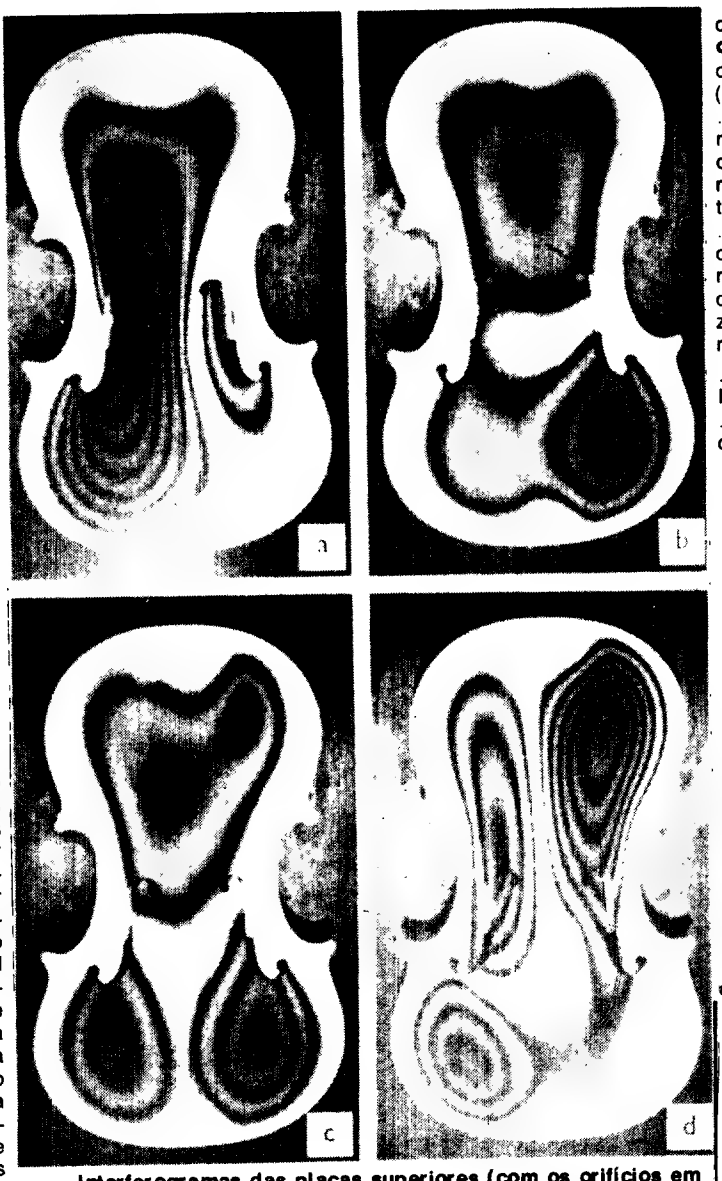
..Assim, ainda durante a presidência de Johnson víamos vários países como a Alemanha Federal e a França aumentarem substancialmente o apoio à ciência académica. Contudo, hoje, já se notam idênticos sinais de contracção das despesas destinadas à investigação.

..Quanto à desconfiança que pode chegar à aversão, originada pela incapacidade em penetrar no mundo dos especialistas com as suas elaboradas técnicas físico-matemáticas, lembramo-nos da violenta apóstrofe do poeta espanhol: «Oh Castela miserável que desprezas o que ignoras...»

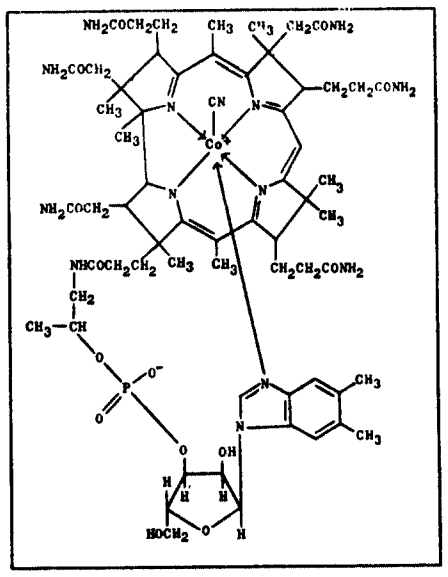
..Aqui, no entanto, o problema é de tornar as «Castelas» menos ignorantes pois precisamos das «Castelas». Necessitamos do auxílio do público que paga as investigações científicas. O problema, pois, é o de ensinar «Castela» para que «Castela» auxilie quem a torne, por sua vez, mais sábia e rica, menos miserável.

..Os cientistas não podem isolar-se nas suas torres de marfim ou ficarem como faroleiros, como ambicionava (dizia) Einstein. Têm de estabelecer laços entre aquilo que fazem e os objectivos da sociedade a que pertencem. Teremos de explicar, as vezes que forem necessárias e sem desfalecimentos, que todo o progresso da humanidade nasce da curiosidade de alguns dos seus homens mais inteligentes, dos que têm aptidões para a abstracção e para uma forma de pensamento quantitativo dos fenómenos, duma inteligência que podemos qualificar do tipo físico-matemática. Na medida em que esse tipo de actividade se alarga a outras disciplinas, se progride, e este progresso é progresso contra a miséria, contra a dor, é um progresso que pode ser mas não é condição única da felicidade pois a estas paragens mais remotas não se chega só pelos caminhos do progresso da ciência, mas poderão alcançar-se melhor seguindo esses mesmos caminhos.

..E perigoso interferir, como se está fazendo, nas relações entre a ciência básica e as aplicações científicas que por sua vez levam a novas investigações básicas, sem se correr o risco de provocar uma catástrofe. Além disso, quando pensamos na situação actual da Ciência nos Estados Unidos, devemos ver uma crise que é de certo modo derivada da exuberância da sua vida científica (registemos que o orçamento de Nixon para a ciência e desenvolvimento tecnológico é de 17,4 milhões de dólares, mais de 430 milhões de contos...). Até atingirmos um estado correspondente, cultivemos a nossa ambição, com um pouco de inveja à mistura, tomando desde já os nossos apontamentos para, em dias mais felizes, não sermos atingidos pelos mesmos males



Interferogramas das placas superiores (com os orifícios em forma de F dum violino para frequências de a) 540 hertz (ciclo por segundo), b) 775 hertz; c) 800 hertz e d) 980 hertz. Estes são os tipos de resultados que ajudam os físicos a compreender melhor o mecanismo da produção do som num violino.



Fórmula da molécula da vitamina B12 agora sintetizada por Woodward.

Mas oxalá estivéssemos a lutar já com idênticos problemas. Do mal, o menos...

..Não é que fogem todos os encantos
..Ao mais leve contacto com a gélida filosofia?

KEATS

Estremecem os manes dos Amati, de Stradivari, de Guarneri, de Stainer: os cientistas não desistem de compreender qual o mecanismo da produção do som num violino e, daqui, relacionar esse mecanismo com as qualidades tonais do instrumento para que um dia se possam construir violinos tão excelentes como os fabricados por esses célebres fabricantes. Sorriem os cépticos embora esses conhecimentos colhidos pelos cientistas possam já, segundo a eminente física Carleen Hutchins, permitir a construção de bons violinos mas, ai de nós, ainda não excelentes. Mas não duvidamos de que, um dia, os cientistas, possam apagar esse sorriso dos perenemente cépticos.

..Actualmente, os «lasers», contribuem para se colherem elementos mais rigorosos para esse estudo. O que torna a luz do «laser» particularmente apropriada para esse fim é o facto de ser muito intensa e muito pura, quase monocromática, isto é, apenas de uma frequência. Se se faz incidir a luz dum «laser» no corpo dum violino que esteja a vibrar, e se a luz reflectida no instrumento interfere com uma parte do feixe luminoso não perturbado, pode observar-se sobre uma chapa fotográfica o resultado dessa interferência. Nos pontos onde as elevações dos dois feixes coincidem observa-se um reforço da luz, naqueles onde uma elevação das ondas dum dos feixes coincide com uma depressão do outro, o resultado é a extinção da luz.

..Quando se faz vibrar um violino com uma dada frequência existem pontos das placas que se mantêm pràticamente imóveis enquanto que outros vibram. Os primeiros pontos chamam-se nós e os segundos ventres. Pois a interferência dos feixes de luz «laser» permite «visualizar» as linhas cujos pontos são os nós assim como os ventres. Podemos observar na figura junta os chamados **interferogramas** obtidos num estudo realizado por E. Jansson, N. E. Molin e H. Sundin, do Instituto de Investigação Optica e do Departamento de Comunicação Oral (curioso título...) do Instituto Real de Tecnologia de Estocolmo.

..E sabido que ouvimos um violino porque atrás das cordas existe uma ciaxa. A vibração das cordas, pois elas só não chegariam para produzir um som de intensidade suficiente, transmite-se ao volume de ar contido na caixa e às placas que constituem a caixa. E a ressonância desse volume de ar, transmitida através das fendas em forma de f das placas, e das próprias placas, que permite uma amplificação do som. A qualidade tonal do instrumento está ligada, pois, aos modos como vibram essas placas que, por sua vez, **dependem** da sua forma, da natureza do seu material, acabamento (verniz, tratamento, etc.).

..Neste caso a ciência **ainda** não produziu os resultados que os artífices alcançaram pelo método pré-científico das tentativas e erros.

..Mas continuam a fazer-nos doer os ouvidos os versos, numa linguagem bastante colorida (é colorida que se deve dizer, não?...), de E. E. Cummings:

..Enquanto tu e eu temos lábios e vozes que
..São para com eles beijar e cantar

..Quem se importa que um zarolho filho duma cabra
..Invente um instrumento para medir com ele a Primavera?

..Exemplo recente de colaboração no campo da bioquímica: a determinação da estrutura da hormona da paratiroideia e a síntese da sua parte biologicamente activa.

..As paratiroideias são quatro pequenas glândulas situadas próximo da glândula tiroideia, no pescoço. Estas glândulas libertam para a circulação sanguínea uma hormona que está ligada ao processo de absorção do cálcio pelo organismo. Recentemente um grupo sob a direcção de H. Bryan Brewer do Instituto Nacional do Coração e Pulmões dos Estados Unidos conseguiu descobrir a sequência da ligação dos 34 amino-ácidos que constituem a parte biologicamente activa da molécula de hormona da paratiroideia que é constituída por um total de 84 amino-ácidos.

..Os investigadores trabalharam com uma hormona humana extraída de tumores das paratiroideias. Médicos de doze países e de 150 instituições recolheram esses tumores em doentes operados e enviaram-nos, refrigerados, para a Clínica Mayo onde foram obtidas fracções da hormona que depois foram purificadas. Foi com este material que o grupo de Brewer trabalhou.

..Uma vez conhecida a ordem segundo a qual os amino-ácidos se dispunham na molécula foi esta sintetizada pelo grupo de Walter Rittel da Ciba-Geigy na Suíça. Não se sabe ainda se esta fracção da hormona assim sintetizada poderá ser utilizada na terapêutica de doenças devidas a deficiência dessa hormona, que até agora são tratadas pela administração de vitamina D associada a cálcio. Aliás, segundo recentes investigações, a vitamina D comporta-se mais como uma

Continua na pag. 16

ANTOLOGIA

Jonathan Cole e Stephen Cole são professores de Sociologia da Universidade da Clúmbia e da Universidade do Estado de Nova Iorque, respectivamente. Recentemente, publicaram na revista «Science» um estudo em que procuraram verificar se aquilo a que chamavam a «hipótese de Ortega» era apoiada pelos factos conhecidos do desenvolvimento das ciências físicas. Ortega y Gasset, o grande pensador espanhol escreveu, com efeito, no seu famoso livro «A Rebelião das Massas»:

«... o homem de ciência actual é o protótipo do homem-massa. E não por acaso, nem por defeito unipessoal de cada homem de ciência, mas porque a própria ciência-raiz da civilização o converte, automàticamente, em homem massa. Isto é, faz dele um primitivo, um bárbaro moderno... O caso é que, recolhido na estreiteza do seu campo visual, consegue, com efeito, descobrir novos factos e fazer avançar a ciência que ele quase não conhece e, com ela, a enciclopédia do pensamento, que conscientemente desconhece. Como tem sido e é possível coisa semelhante? Porque convém acentuar a extravagância deste facto inegável: «a ciência experimental progrediu, em boa parte, mercê do trabalho de homens fabulosamente medíocres e até menos do que medíocres...»

Esta passagem que sublinhámos, é o que os Cole consideram «a hipótese de Ortega» e que foram analisar, como dissemos. As suas conclusões não apoiam a posição de Ortega. Lembramo-nos aqui de George Orwell: «todos os homens são iguais mas há alguns que são mais iguais do que outros». Eis um trecho do trabalho dos Cole:

«... seria extremamente difícil substituir a obra dum Murray Gellmann mas não difícil substituir a dum cientista que é citado uma só vez num dos trabalhos de Gellmann. Se os cientistas menos distintos têm equivalentes funcionais, o mesmo acontece com os variados preparadores e outros auxiliares de laboratório que muitas vezes realizam tarefas vitais quando se fazem descobertas científicas. Não estamos a dizer que as tarefas são desnecessárias mas que há muitas pessoas que as poderiam realizar.

Eis uma analogia que pode cristalizar este ponto. Os homens da limpeza têm funções socialmente úteis e necessárias. Sem eles uma sociedade industrial complexa não funcionaria muito suavemente. Uma greve prolongada dos homens da limpeza causaria, provàvelmente, um caos maior do que uma greve de professores, de assistentes sociais ou mesmo, talvez, de enfermeiras e médicos. Todavia o trabalho que os homens da limpeza fazem poderia ser realizado por quaisquer outros, enquanto que as tarefas realizadas por especialistas não poderiam sê-lo por pessoas não treinadas. O homem da limpeza tem pouco prestígio na hierarquia das ocupações não sòmente pelo seu baixo salário e condições de trabalho precárias relativas às de um médico, de um advogado, de um cientista, mas também porque tem muito mais equivalentes funcionais no sistema social do que o especialista. É muito mais fácil encontrar substitutos para o homem de limpeza do que para o cientista ou o médico. O mesmo princípio se aplica dentro da mesma profissão. Na ciência alguns homens são mais fàcilmente substituíveis do que outros. Nós sugerimos que talvez não seja necessário ter 80 por cento da comunidade científica ocupada em produzir 15 ou 20 por cento do trabalho que é utilizado em descobertas científicas significativas, se metade desse número puder produzir o mesmo trabalho».

O texto de Cole mereceria um comentário pois só com «estradas reais» dificilmente se pode aproveitar todo o território. Mas, hoje, ficamos por aqui.

1

A ESTRANHA GUERRILHA DO ULSTER

Após uma acalmia de seis meses, devida, em grande parte, ao êxito da operação «Motorman», que permitiu, em fins de Julho do ano passado, que o Exército britânico prendesse um importante número de responsáveis do IRA «provisório», o Ulster vê-se, de novo, perante uma vaga de violências. Numa altura em que a habilidade de Whitelaw, secretário de Estado para a Irlanda do Norte, nomeado por Londres, após a dissolução do Parlamento, em Março do ano passado, parecia dar os seus frutos, e se preparava uma importante aproximação junto de Dublin, mais desejosa do que nunca de desempenhar um papel na solução da crise irlandesa, os extremistas católicos e protestantes parecem ter voltado de novo à carga.

Acesso de febre provocado pela próxima publicação do Livro Branco sobre o novo estatuto da Irlanda do Norte, que Londres anunciou como iminente? Crítica de toda a política britânica, de há um ano a esta parte? As próximas semanas fornecer-nos-ão, por certo, uma resposta que, no entanto, se devará interpretar com prudência. Tal como sempre, na Irlanda, onde o pior — como o melhor — nunca é muito seguro.

● **Por NICOLE BERNHEIM**

NÃO HÁ ESTADO DE SÍTIO, MAS...

Quem imaginasse Belfast como uma cidade submetida a estado de sítio, de há quatro anos a esta parte, desconheceria a verdade. A «guerrilha urbana» afecta, sobretudo, certos bairros, católicos e protestantes — Shankill Road, Falls Road, etc. — cujos nomes aparecem nos telegramas das agências noticiosas com desesperante regularidade. À primeira vista, no centro, «a vida continua» e, entre dois alertas por causa de uma bomba e o ranger dos carros blindados britânicos, os «Saracens», que patrulham, lentamente, as grandes artérias, os habitantes parecem dirigir-se calmamente às suas ocupações habituais.

Chegaram mesmo a ver-se, durante as festas de Natal, as tradicionais panóplias do perfeito guerreiro, oferecidas à admiração dos garotos — e, talvez, também das mocinhas — com a metralhadora de plástico que imita, na perfeição, a dos «lads» do IRA. Aliás, já se deu o caso de um rapazito de 12 anos ter sido morto por um soldado britânico, enquanto brandia a sua arma de brinquedo.

De há uns meses a esta parte, têm estado vedadas ao trânsito todas as ruelas do centro comercial, fechadas por grades que só se podem franquear de dia, depois de se ter sido revistado por militares dos dois sexos. Trata-se de interceptar os portadores de encomendas-armadilha, que continuam a ser a arma preferida do terrorismo.

O carro armadilhado também é uma obsessão: a maior parte das artérias do cento das cidades está interdita aos veículos estacionados sem ninguém lá dentro, e quase não há dia nenhum em que a Polícia não faça estoirar um carro suspeito, erradamente, por vezes. O que não impede que Belfast não estremeça, quase todas as noites, com as explosões de carros cheios de gelinite, que alternam com rajadas de armas automáticas, disparadas sobre não se sabe quem, por não se sabe quem...

Belfast não é uma cidade em estado de sítio, mas... Os soldados que a patrulham a pé nem sempre trazem capacete, mas nunca deixam de envergar um colete anti balas; o comércio parece processar-se um tanto ou quanto normalmente, mas as pessoas são revistadas à entrada dos grandes armazéns e é necessário bater à porta das pequenas lojas. A multidão quase não pára para ver a montra estilhaçada do último «pub» ido pelos ares, mas toda a gente estremece ao ouvir o estampido de um escape livre. Em teoria, as pessoas podem dirigir-se a qualquer bairro «quente», Andersonstown, bastião católico, ou Shankill, praça forte protestante, incluídos, mas, depois das sete da tarde, só com muita dificuldade se encontrará um motorista de táxi disposto a correr tal risco.

Após a operação «Motorman», que, em Julho do ano passado, levou à prisão de perto de duzentos membros do IRA «provisório», em que se incluiam uma centena de «oficiais», a organização encontra-se mais na defensiva, limitando-se a golpes de mão que apetece classificar de artesanais. Embora a utilização recente de foguetes anti carro, de fabrico soviético, inquiete o Exército, por causa dos carros blindados e dos postos de guarda, para os quais aqueles engenhos constituem um sério perigo, a verdade é que tal utilização se mantem esporádica. O que nada tira ao clima de tensão que se instaura assim que a Rádio, a Televisão — ou os boatos — anunciam um novo atentado.

Mas nenhum dos esquemas clássicos de guerrilha, urbana ou não, se aplica com justeza ao que se passa na Irlanda do Norte.

Se, como acontece no conflito israelo-árabe, o litígio é de natureza religiosa e cultural, a verdade é que as implicações internacionais da guerra na Irlanda continuam reduzidas. Por outro lado, a «diaspora» irlandesa, por mais numerosa que seja, mantem com a mãe-pátria vínculos mais sentimentais do que políticos. Um motorista de táxi, sem dúvida protestante e talvez activista, informou-nos de que nos navios mercantes em que andara embarcado durante muitos anos, nunca se verificaram desordens entre marinheiros irlandeses protestantes e católicos. Tanto um como o outro dos partidos dá mostras do mesmo desconfiado chauvinismo, particularmente em relação aos ingleses...

UM «LOBBY» IMPOSSÍVEL DE ENCONTRAR

A situação no Ulster não se pode comparar, politicamente, pelo menos, à que fez nascer a guerra da Argélia. Não existe um «lobby» irlandês em Londres, quer no Parlamento, quer na imprensa ou na opinião pública, e o Exército britânico acantonado na Irlanda do Norte parece desprovido da menor inclinação no sentido de desempenhar um papel político entre as duas comunidades.

Nem uma nem outra das comunidades, aliás, se pode gabar a sério, do apoio activo de um grupo de pressão exterior, tanto os protestantes em Inglaterra, apesar dos laços que os deputados unionistas mantêm, em Londres, com certos elementos do Partido Conservador, como os católicos no Sul, apesar da aura romântica que continua a envolver o IRA. A lei votada no dia 2 de Dezembro, pelo governo de Lynch, com vista a interditar as actividades dos organismos ilegais prova, aliás, que aquela aura está talvez, em vias de empalidecer.

Quanto ao «lobby» irlandês dos Estados Unidos, se, sem dúvida, forneceu ao activismo católico dinheiro e armas, durante anos, as repetidas advertências do governo britânico contra certas «organizações que organizam colectas de caridade», começam, afirma-se, a dar os seus frutos.

As armas e o dinheiro continuam, no entanto, a alimentar o activismo católico, e, talvez, o protestante. Donde vêm as armas? As opiniões autorizadas mantêm-se prudentes: as últimas «bazookas» de fabrico soviético seriam, talvez, provenientes do Médio Oriente, ou da Checoslováquia. Alguns dos fornecimentos seguem, segundo se diz, um caminho complicado, através do Mediterrâneo, para serem embarcados algures, entre Gibraltar e a costa alemã, em barcos de pesca que demandam a Irlanda durante a noite.

No aeroporto de Belfast, ainda há bem pouco tempo se revistavam as bagagens de mão dos passageiros provenientes de Londres, mas nem sempre

as suas malas, e o «contrôle» era quase nulo no comboio pouco frequentado que liga Belfast a Dublin, em duas horas e meia.

Quando se sabe o que são os controles de polícia eficazes quando praticados por funcionários pouco preocupados com manter, quanto mais não seja, as aparências das liberdades fundamentais, năp podemos deixar de pensar que aquelas medidas também dão mostras de serem artesanais. Sobretudo num país onde ninguém é obrigado a ter o mais pequeno documento de identificação, a não ser a carta de condução...

UMA LINHA SINUOSA

Sem dúvida, como se deixa perceber aqui e ali, são vários os grupos de esquerda e extrema esquerda interessados no caso irlandês, mas a «linha» política dos activistas não deve ser fácil de seguir. O IRA «oficial» professa um marxismo muitas vezes mais próximo do socialismo utópico do século passado do que das ortodoxias de Moscovo, Pequim ou Belgrado. Os seus militantes, aliás, quase abandonaram, por agora, toda a acção directa. Os «duros», os «provisórios», têm a fama de «esquerdistas», mas também se mostram imbuídos de um nacionalismo e de um catolicismo muito próximo do integrismo. Uns e outros desejam, tal como todos os católicos do Ulster, uma reunificação da Irlanda, mas os «oficiais» sonham, sobretudo, com um Estado socialista...

Quanto aos activistas protestantes, sejam eles membros da UDA (Associação para a Defesa do Ulster) ou de movimentos extremistas, «Vanguard» ou «Loyalist Association of Workers» (LAW), outra ideologia não professam senão a de uma obediência, com muito de passadista, à Coroa britânica. Mas certos elementos da LAW, cujo «patrão», Billy Hull, é também um dos «caids» dos estaleiros de Belfast, não seriam insensíveis às sereias da luta de classes.

Na realidade, os dois activismos recrutam-se, mais ou menos, nas mesmas camadas sociais: operários, desempregados, pequenos agricultores, empregados, pequenos comerciantes. Os seus métodos não diferem, embora o IRA disponha de um largo avanço sobre o activismo protestante, cuja tradição é mais recente.

Os dois movimentos são herdeiros de um pesado passado de querelas de origem religiosa e cultural, que sempre tiveram tendência a solucionar-se a um nível estritamente local. A história do IRA e dos seus diversos avatares está assinalada por episódios burlescos e sangrentos, nos quais a preparação do «paxo» (gelinite) em panelas de cozinha desempenha um papel-chave. E os activistas que morreram nas explosões provocadas pelas suas bombas caseiras são tão numerosos como os que cometeram actos de louca bravura com uma simples espingarde de caça.

Ainda hoje, e sobretudo depois da operação «Motorman», é difícil discernir uma intenção «política» precisa nos atentados que continuma a alimentar a crónica quotidiana no Ulster.

Ajuste de contas, como, à falta de melhor, tem o costume de escrever a imprensa, execução de denunciantes, manifestação pura e simples de espírito de «progrom»? Como explicar, perante o facto de só um pequeno número de «leaders» ter sido vítima de atentados, o número crescente — mais de cento e trinta em princípios de Fevereiro — de cidadãos abatidos nas ruas, muitas vezes a uns passos de casa, e que não pertenciam, oficialmente pelo menos, nem à polícia nem ao Regimento de Defesa do Ulster (U.D.R.), a guarda territorial que substituiu os famosos «B specials», de sinistra memória, mas continua, tal como aqueles, a ser detestada pelos católicos?

Como admitir a morte destes dois garotos de catorze anos? Como explicar o caso das donas de casa mortas à noite, através da janela da cozinha? Como desculpar esta cena de linchagem que nos foi contada por uma testemunha: numa tarde de sábado, num bairro protestante, um jovem casal empurra um carrinho de bébé. De repente, o marido desata a correr e a nossa testemunha vê, então, uma multidão a perseguir o fugitivo. Depressa alcançado, o infeliz é atingido a soco, à cacetada, ao pontapé. Esvaindo-se em sangue, no passeio, recebe uma última pancada dada com uma barra de ferro. Durante toda a cena, que durou perto de dez minutos, a mulher gritou, berrou, mas as janelas e as portas do bairro fecharam-se e ninguém se mexeu. Que «crime» teria cometido a vítima — católica — que foi transportada para o hospital em estado de coma? Possìvelmente, o de ter casado com uma protestante.

Nos campos, a luta assume, muitas vezes, aspectos de «vendetta»: numa aldeia da fronteira, duas famílias, uma católica e a outra protestante, cobrem-se, periòdicamente, de tiros, após uma confusa história em que a filha de uma e o filho da outra perderam a vida, há mais de um ano.

APARECEM OS NORUEGUESES...

Com os seus 14.000 quilómetros quadrados para 1.500.000 habitantes (dois terços dos quais são protestantes) o território do Ulster propicia este tipo de querelas, que certos meios moderados consideram, com desprezo, como «tribais». As pessoas não se conhecem suficientemente bem nas comunas e nos bairros para gostarem umas das outras, tanto mais que, desde a instrução primária, frequentam escolas diferentes, conforme pertencem a uma ou outra das comunidades. Mas conhecem-se o bastante para se odiarem, para se denunciarem.

Uma boa parte das detenções dos responsáveis dos «provisórios» pode ser imputada ao facto de darem tanto nas vistas como o lobo branco. A exiguidade do território dos seis condados, acrescida da

Continua na pag. 16

Próximo artigo:
ULTRAS E MODERADOS

7 DIAS

1 DOMINGO

No mesmo dia em que Mao Tsé-Tung recebia Henry Kissinger, a China Popular fez saber, através de Mohammed Heykal o antigo director do jornal cairota «Al Ahram», que dispunha de um foguetão intercontinental, capaz de atingir alvos a seis mil quilómetros de distância do ponto de partida. Pequim entrou definitivamente na alta roda internacional. O arsenal chinês não permite, por enquanto, retaliar em força ou (no caso dos EUA e da Europa Ocidental) sequer desencadear um ataque poderoso contra qualquer dos outros grandes deste mundo. Mas isso é apenas uma questão de tempo. Entretanto, o governo de Pequim vai construindo a sua diplomacia de uma forma que por certo tem espantado alguns dos seus adeptos ocidentais e do terceiro mundo. Apesar da ausência, também por enquanto, de relações diplomáticas entre Washington e Pequim, as visitas de Kissinger multiplicam-se e os acordos também. A questão da Formosa continua a ser o único óbice para o restabelecimento formal das relações entre aquelas duas grandes potências. Para isso, será talvez necessário esperar a morte de Chiang Kai-Shek, homem já muito idoso e, ao que se disse ùltimamente, muito doente. Nessa altura, americanos e chineses poderão arranjar um modus vivendi a respeito da Formosa que tenha como lógica final a integração da ilha no espaço administrativo subordinado a Pequim. O problema fundamental da Formosa — os 12 milhões de formosinos que vivem sob o jugo dos dois milhões de chineses de Chiang — não será posto pelos americanos e, muito menos, pelos chineses de Mao.

Alguns observadores mais receosos de um conluio sino-americano encontraram na cordialidade do encontro de Mao com Kissinger indícios perigosos. Se têm ou não razão, o tempo se apressará a dizê-lo.

2 SEGUNDA

A urna com os restos mortais do antigo presidente francês, marechal Philipe Pétain, desapareceu do seu túmulo na ilha de Yeu, onde morreu há 22 anos, depois de cumprir seis anos de prisão. Pétain, que se tornou célebre ao chefiar as tropas francesas na batalha de Verdun, na primeira guerra mundial, derrotando o invasor alemão, acabou por se tornar cúmplice dos nazis, durante a segunda guerra mundial. Essa cumplicidade, várias vezes demonstrada nos contactos pessoais entre Hitler e o marechal, facilitou a entrega aos alemães de milhares de franceses, de judeus e de estrangeiros que se opunham ao regime nazi. Milhares dessas pessoas vieram a morrer nos campos de trabalho ou de concentração. Por isso, isto é, por indubitavelmente ter cometido o crime de traição à Pátria, Pétain foi condenado à morte, tendo-lhe sido, apesar de tudo, comutada a pena para a prisão perpétua devido ao seu passado. Morto em 1951, o marechal foi enterrado no local onde estivera preso. Muitos são, contudo, os saudosistas — não se sabe bem se de Verdun se do Terceiro Reich — que querem atribuir a Pétain as honras de um herói. Muitos mais são os que se horrorizam só de pensar que o colaborador possa vir a ser considerado como herói. O corpo foi encontrado. Tinha sido roubado por um grupo da extrema direita — um candidato a deputado pelo agrupamento do advogado Tixier de Vignancourt (defensor dos homens da OAS) esteve envolvido na acção — que pretendia enterrar Pétain em Verdun, onde estão os 300 mil franceses que aí caíram. Pompidou devolveu o corpo ao seu túmulo de sempre. Houve quem pensasse que o caso era melindroso para o presidente, pois forçava-o a tomar uma decisão — mandar o corpo para Yeu ou para Verdun — o que causaria o descontentamento de uma parte dos franceses. Pompidou, contudo, não teve desses problemas pois a sua opção era perfeitamente clara. As eleições que estão à porta são de tal modo importantes e as posições tão claras que não há muito direitista que hesite em votar num gaullista, caso esteja à vista uma vitória social-comunista.

3 TERÇA

Conversando com dirigentes sindicais do seu país, o presidente Nixon disse que os EUA haviam «cumprido a sua missão na Indochina». Segundo o presidente, essa missão era a de impedir a conquista do poder pelos comunistas em Saigão. Se essa missão foi ou não cumprida, só o tempo o poderá dizer. Porém, a verdade é que nunca os inimigos do governo saigonita disseram que o seu objectivo era o de colocar um governo comunista em Saigão. O que eles sempre afirmaram querer, todos concordam, estão à beira de o conseguir. Mas Nixon tinha de dizer isso, sobretudo porque os seus interlocutores são considerados como falcões que não apreciam a sua política económica. Como o presidente os não pode, ou quer, satisfazer no plano económico, teve de fornecer-lhes uma vitória, por mais fictícia que ela seja.

4 QUARTA

Foi assinado em Vientiane o acordo de cessar-fogo para o Laos. O Camboja passa, assim, a ser o único país da Indochina a continuar em guerra oficialmente. Do ponto de vista da situação do Vietname, este acordo é benéfico para a FNL pois impede a continuação dos bombardeamentos da pista Ho Chi Minh. De resto, esta parece ser a única alteração fundamental em relação à situação acordada em 1962. O próximo governo laociano será em tudo semelhanto ao de 1962: com neutrais (?), direitas e esquerdas. O que não parece muito provável é o regresso dos americanos ao país, depois de tantos anos de insucesso. As tropas governamentais continuarão nas suas posições, bem como as do Neo Lao Aksat, vulgarmente designado por Pathet Lao. Os voluntários (?) tailandeses regressarão ao seu país, bem como os vietnamitas que, diz, estão no país. A pidta Ho Chi Minh, essa continuará muito provàvelmente a desempenhar o seu papel de ligação entre as duas zonas do Vietname e de passagem para o Camboja. Esta a grande importância do cessar-fogo no Laos. No Camboja a partida dos americanos não é tão necessária.

5 QUINTA

O governo de Saigão continua a acusar «os comunistas» de provocarem inúmeras violações do cessar-fogo. Num caso muito concreto, porém, os representates de Saigão recusaram-se a fazer uma investigação. O general Tran Van Tra da Frente Nacional de Libertação pediu uma investigação devido ao bombardeamento da cidade de Duc Co, ocupada pela frente. O general saigonita da Comissão Militar Conjunta não negou que os seus aviões houvessem bombardeado o aeródromo daquela cidade, matando muitos operários que preparavam as instalações dos fiscais húngaros, polacos, canadianos e indonésios. Contudo, vetou que se fizesse qualquer investigação. O que é mais significativo é que o bombardeamento se verificou imediatamente após o general Tran Van Tra ter apontado aquela cidade como local de reabastecimento à Comissão Militar Conjunta. Este tipo de actividades por parte do Governo de Saigão vai continuar ainda por muito tempo, pois Van Thieu e os seus amigos sabem bem que o cabal cumprimento do acordo de Paris só lhe pode ser desfavorável.

6 SEXTA

Numa tentativa para obter a colaboração, dos trabalhadores ingleses para a sua política de combate à inflação, o primeiro-ministro Edward Heath foi à televisão fazer um apelo-aviso. Diga-se que os sindicatos britânicos não se opõem à luta contra a inflação, mas sim ao congelamento de salários e de preços, tal como está a ser posto em prática. Segundo os sindicatos, esse congelamento funciona muito melhor em relação aos salários do que aos preços, pelo que se sentem afectados, reivindicando, nessa conformidade, o levantamento de tal congelamento. Recentemente, verificaram-se grandes movimentações, incluindo algumas paralisações de trabalho.

paralizações de trabalho. A entrada para o Mercado Comum não veio facilitar as coisas, embora torne mais imperiosa ainda a luta contra a inflação. Muitos dos preços praticados antes dessa entrada terão de ser aumentados. Heath teve no Parlamento uma acesa discussão com o chefe da oposição trabalhista, Harold Wilson, a respeito desta questão. Para Wilson, neste momento, evidentemente, a questão só pode resolver-se através de eleições gerais. E que, apesar do seu partido não estar muito bem visto, os conservadores têm um apoio de tal modo reduzido que seriam derrotados numa consulta. Para Heath essa questão nem se põe pelas mesmíssimas razões.

7 SÁBADO

Vindo de Londres e Moscovo, onde se avistou com os dirigentes daqueles países, chegou a Washington o conselheiro especial do presidente Sadat, Hafez Ismail, portador de uma mensagem onde o dirigente egípcio adverte Nixon de que parece inevitável uma confrontação aberta, caso não cessem as «agressões israelitas». A recepção calorosa que Nixon concedeu ao enviado do presidente Sadat levou observadores a pensar que está praticamente superado o «gelo» que caracterizou as relações americano-egípcias nos últimos tempos. Durante a recepção que reuniu também na Casa Branca, o secretário de Estado William Rogers, o presidente Nixon fez questão de acentuar que o «povo egípcio sempre lhe merecera a maior simpatia, sendo grande o desejo do seu governo — «especialmente no segundo mandato» de contribuir para aliviar a tensão no Médio Oriente.

Membros da «Acção Palestiniana» manifestam-se em Londres, em frente aos escritórios da companhia aérea «El Al», contra o ataque israelita ao avião líbio.

COMENTÁRIO INTERNACIONAL

TÁCTICA CONTRARIADA

Pára-quedistas e «comandos» da marinha israelita atacaram e destruíram o que foi descrito pelas autoridades sionistas de Tel-Aviv como duas bases de guerrilheiros palestinianos no Norte do Líbano. Os mortos e feridos foram muitos e, segundo os informadores libaneses, neles se incluiam muitas mulheres e crianças bem como outros civis que nada tinham de bélico.

. . O ministro dos Negócios Estrangeiros israelita (passo a utilizar esta forma para que os súbditos do Estado de Israel não sejam confundidos com os fiéis da religião, os israelitas), Abba Eban, disse que o ataque, que causou 30 mortos pelo menos, evitara mortes potenciais — as vítimas de eventuais ataques dos guerrilheiros daquelas bases. De qualquer modo, pensava o ministro, o incidente não prejudicaria a imagem de Israel. É natural que o ministro tivesse razão, pois é sabido como um ataque dos feddayin — quando assume algumas proporções, mas quase sempre causando menos vítimas do que os «raids» israelianos — logo é violentamente condenado em toda a Imprensa que interessa para criar a tal imagem. O mesmo, evidentemente, não acontece quando os aviões ou os comandos de Tel-Aviv se lançam ao ataque.

. . . . Porém, algumas horas depois do ataque contra as duas aldeias libaneses, bem longe da fronteira com Israel, os caças da Força Aérea israeliana abateram sobre o território árabe ocupado do Sinai um avião de carreira líbio, levando a morte a mais de 90 pessoas que nada tinham a ver directamente com o conflito. Apesar das autoridades israelianas se terem apressado a atribuir as culpas do incidente ao piloto francês do aparelho, um «Boeing-727», a imagem de Israel não pode deixar de ser prejudicada por um acto que indignou e chocou quase toda a gente. Em Tel-Aviv tem-se consciência disso. Por essa razão se lembra desconhecidas ameaças dos palestinianos — dizendo que um avião comercial seria utilizado para, cheio ou não de explosivos, se despenhar sobre Tel-Aviv ou alguma instalação militar importante.

. . . . Alguns observadores pensam que, sobretudo o ataque contra o Líbano, se deve a uma decisão israeliana no sentido de prejudicar as actuais ofensivas diplomáticas (árabes e americanas) em favor de um compromisso. Isso poderá ser verdade, pois qualquer que seja o compromisso, Israel terá de abandonar parte do território actualmente ocupado, o que, torna-se cada vez mais claro, não está dentro dos planos da sr.ª Golda Meir e general Dayan. O expansionismo sionista não é um mito e o combate a esse expansionismo não deve ser confundido com antisemitismo.

O agravar da tensão na área leva a que os americanos fiquem de mãos quase amarradas em relação às suas ofensivas de paz. Isto porque o poder do sionismo na América é enorme, dominando grandes sectores da Imprensa e da finança. Nixon, ou qualquer outro presidente, não pode dar-se ao luxo de hostilizar a política de Israel, pois isso reflectir-se-ia inevitavelmente nas consultas eleitorais de duas formas: muitos judeus americanos deixariam de votar no partido que não ajudasse Israel e, mais importante, os grandes financeiros judeus (todos sionistas) deixariam de financiar esse partido, provocando a perda de muitos votos a ganhar pela propaganda. O caso do avião veio prejudicar um pouco esta ardilosa táctica.

A. VILLAVERDE CABRAL

ANÁLISES CLÍNICAS DE URGÊNCIA

CLÍNICA DE DIAGNÓSTICOS

DR. FERNANDO TEIXEIRA

R. Rodrigues Sampaio, 30-A-3.º, esq. — Lisboa

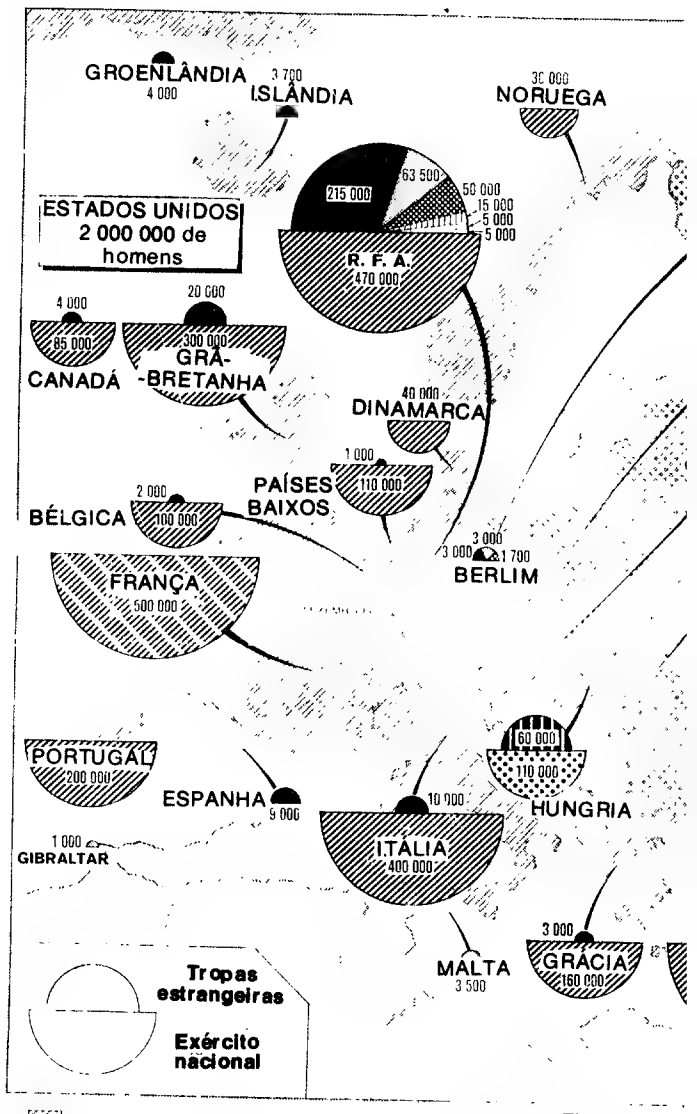
Com início em 1 de Fevereiro, serviço permanente, diurno e nocturno, incluindo Sábados, Domingos e Feriados

Colheitas domiciliárias

Chamadas pelos telefones 555527 - 555561

DOSSIER INTERNACIONAL

A REDUÇÃO DAS FORÇAS NA EUROPA



Tudo continua por definir na negociação que se trava sobre uma eventual redução das forças na Europa. Efectivamente, as conversações que se iniciaram em 31 de Janeiro serão puramente exploratórias. Do mesmo modo que as conversações multilaterais, que tiveram lugar em Helsínquia, outra coisa não são do que a preparação da conferência sobre a segurança e a cooperação na Europa (as P.M.P. e a C.S.C.E., como se diz na gíria diplomática), assim as conversações futuras serão as P.M.P. das M.B.F.R.: a verdadeira negociação sobre as reduções mútuas e equilibradas das forças (Mutual Balanced Force Reductions), não se abrirá provàvelmente senão no próximo Outono. Indo da mais simples à mais complexa, as perguntas em suspenso são as seguintes:

1) Quem participará nas negociações? Os Estados Unidos queriam, de início, uma participação reduzida para fazer «trabalho sério». Tiveram, todavia, de alargar a lista, sob pressão dos seus aliados da OTAN, mas ficou-se pelos doze países do lado ocidental, incluindo os observadores. Hoje, os soviéticos querem abrir a negociação a todos os Estados que o solicitarem. Esta questão será decidida no decurso das conversações, mas Washington continua muito reservado perante a presença eventual de neutros. Quanto à França, depois de ter contrariado os preparativos, deixou perceber recentemente que poderia associar-se mais tarde às conversações.

2) Em que zona se reduzirão as forças? No espírito dos dirigentes atlânticos, trata-se essencialmente da Alemanha e da zona Centro-Europa: República Federal da Alemanha, República Democrática da Alemanha, Checoslováquia e, eventualmente, Hungria. Os soviéticos tinham, até muito recentemente, a mesma concepção, pois falavam da «Europa Central». Depois da sua proposta para alargamento da conferência, já não se trata senão da Europa em geral. Porém, será provàvelmente pela Alemanha que se começará.

3) Tratar-se-à das forças nacionais de cada país ou das forças ditas «estacionadas», por outras palavras, das tropas estrangeiras — soviéticas e americanas sobretudo — que se encontra frente a frente na Europa? Nixon, submetido às pressões do senador Mansfield e do Congresso, com vista a uma redução das forças americanas no estrangeiro, pensa sobretudo nas forças estacionadas. Moscovo parece pronto a segui-lo neste caminho. Em contrapartida, os alemães, a quem se deve a primeira iniciativa a favor das M.B.F.R., em 1968, bem como vários países da OTAN, querem falar, também, das forças nacionais, na esperança de reduzir os seus orçamentos militares. A França, essa, não prevê nenhuma redução, tanto no que se refere ao seu orçamento de defesa como aos seus efectivos na Alemanha.

4) Pode haver uma redução «equilibrada» das forças? Esta noção é muito difícil de definir. Para começar, a relação das forças faz aparecer em muitos domínios, como se verá no quadro abaixo, um desequilíbrio a favor do pacto de Varsóvia. É preciso, também, ter em conta o desequilíbrio geográfico: uma unidade americana evacuada da Europa atravessará o Atlântico, enquanto que uma unidade soviética repatriada não retrocederá senão algumas centenas de quilómetros, muito menos longe do teatro eventual de operações. Os soviéticos fazem valer que o seu território se estende até ao Pacífico e que têm responsabilidade algures para além da Europa. Recusam, portanto, este argumento, e, mais do que a redução «equilibrada», preferem falar de «segurança igual». Todavia, são possíveis compromissos: se se decidisse, por exemplo, reduzir de 10 por cento as forças soviéticas e americanas na Europa Central (esta hipótese é a mais correntemente considerada), o resultado seria, da mesma maneira, uma redução mais forte do lado Leste, pois os soviéticos são mais numerosos.

5) Como se abordará o problema dos armamentos? Várias aproximações são possíveis: pode-se limitar a negociar sobre um único tipo de arma considerada isoladamente (carros contra carros, aviões contra aviões, etc.) ou, mais lògicamente, sobre o binário ataque-defesa (por exemplo, uma redução da muito grande superioridade do Leste em carros de assalto iria de par com uma redução dos armamentos anti carros ocidentais, muito mais numerosos, ou, ainda, sobre um conjunto de armamentos muito diferentes, segundo aquilo a que os americanos chamam o **«trade-off»**. Os critérios são muito difíceis de determinar, mas este último sistema permitiria compensar parcialmente a dissimetria geográfica evocada mais acima: se, por exemplo, cem aviões americanos são evacuados da Alemanha em troca de cem carros soviéticos que são repatriados para a U.R.S.S., o jogo torna-se igual, pois, grosso modo, será preciso tanto tempo a uns como a outros para voltarem ao seu ponto de partida... Porém, isto não passa, de momento, de uma hipótese.

6) Falar-se-à das armas nucleares? É claro que os dois grandes preferem reservar este assunto para as negociações que conduzem directamente para a limitação do seu arsenal estratégico (SALT). Porém, os aliados dos Estados Unidos entendem por bem dever estar associados a toda a decisão relativa aos «sistemas avançados» americanos (bombas atómicas tácticas armazenadas na Alemanha e colocadas a bordo da 6.ª Esquadra do Mediterrâneo), pois consideram, bem ou mal, que a sua segurança depende delas, em primeiro lugar. Os Estados Unidos admitem esta preocupação, porém, a questão da forma que tomará a participação dos seus aliados não está decidida.

É preciso, em todo o caso, contar com longos anos de discussões, dado que todas estas perguntas são ainda mais complexas do que aquelas sobre as quais soviéticos e americanos, só por si, levaram quase três anos a entender-se no quadro das SALT. Ora, desta feita, serão muito mais numerosos, A verdade é que ninguém está com muita pressa.

● **Por JACQUES ISNARD**

O.T.A.N. (As divisões «operacionais» são de 15.000 homens)	ZONA GEOGRÁFICA	PACTO (As divi são c
2.000 aviões de combate tácticos 16 divisões de infantaria	Flanco Norte e Europa Central	4.200 a 37 c
8 divisões mecanizadas (5.500 carros) 850 aviões de combate tácticos 30 divisões de infantaria 7 divisões mecanizadas (2.500 carros)	Flanco Sul (Mediterrâneo)	28 c (16.000 1.200 a 21 d 9 d (5.700 c
No total: 585 navios de guerra		N
(As seis divisões francesas não estão integradas mas poderiam cooperar com os aliados em determinadas circunstâncias).		(A Jug membro

UMA COMPARAÇÃO DIFÍCIL

Uma comparação das tropas do Leste e do Ocidente na Europa (para simplificar, as da OTAN e as do Pacto de Varsóvia) não é nem fácil, nem muito demonstrativa de uma relação das forças que evolui incessantemente.

Com efeito, não se passa uma só semana em que os serviços de informação não notem modificações ou deslocações de unidades... Além disso, se os observadores concordam geralmente sobre uma avaliação dos efectivos em presença, com diferenças de alguns milhares de homens apenas, é mais delicado entenderem-se muito precisamente sobre uma estimativa da qualidade destas unidades, tanto no referente a material e equipamento dos homens como quanto ao seu grau de treinamento e de instrução individual ou colectiva. Mas, no fim de contas, o que diferencia os dois «campos» é, antes do mais, a sua posição geográfica e as vantagens ou os inconvenientes com ela ligados.

As tropas do Leste manobram num terreno, pràticamente de uma só peça, com uma profundidade que não tem comparação nenhuma com a do território ocidental. Desta disposição do solo, um comando militar tira evidentemente benefício: sobre um território ininterrupto, como o Leste da Europa Central e a União Soviética, as linhas de comunicação (estradas, vias férreas, **pipe-lines**, etc.) permitem um aprovisionamento mais fácil, senão mais rápido e, portanto, reforços em materiais pesados, graças aos seus meios de transporte uniformes.

Isto está longe de ser o caso do Ocidente. Pelo contrário, o terreno de exercício dos exércitos ocidentais é descontínuo, com um flanco nórdico e um flanco mediterrânico que protegem uma barreira central na Europa continental. Países membros da OTAN não têm fronteiras comuns e há que atravessar braços de mar, mares e até o Oceano Atlântico, para o caso dos Estados Unidos.

Em período de crise, o encaminhamento de reforços eventuais, com o seu equipamento pesado, sobre grandes distâncias, seria oneroso, lento (por via marítima) e também muito arriscado (por avião). Por outro lado, um tal abastecimento supõe portos ou aeródromos de recepção cuja vigilância e protecção requerem numerosas tropas.

NO LESTE: PRIORIDADE AOS MATERIAIS

É principalmente a razão essencial da atitude circunspecta relativamente às negociações que se iniciaram, própria de certos países da aliança atlântica, em especial a França. A rapidez com que as tropas do Leste poderiam deslocar-se e, em caso positivo, conduzir em permanência combates clássicos e a proximidade dos seus aliados soviéticos, incitam os estados maiores ocidentais a falar mais de uma redução desigual segundo os «campos» para preservar, no imediato e sobre o terreno, um equilíbrio relativo das forças. De facto, e entretanto, instaurou-se um equilíbrio. Na Europa, a OTAN dispõe de sete mil armas nucleares tácticas de fraca potência (mísseis, aviões, peças de artilharia e minas), controladas directamente pelos americanos, enquanto que o arsenal soviético seria menos de metade.

Quanto ao resto, o equipamento das unidades do Pacto de Varsóvia parece bastante completo. No Ocidente, explica-se fàcilmente que os soviéticos e os seus aliados conseguiram — diferentemente dos países da OTAN — reprimir a alta constante e inevitável dos soldos dos militares que tem geralmente como efeito comprimir os créditos de equipamento em proveito das despesas de funcionamento.

A manutenção corrente das tropas do Leste não é negligenciado por isso, porém, o seu custo — estritamente contido dentro de determinados limites financeiros — não impede que se dê a prioridade ao estudo e ao fabrico em série dos materiais mais modernos, e não necessàriamente os mais caros. O arsenal do Pacto de Varsóvia não atinge a «sofisticação», isto é, o aperfeiçoamento e a complexidade técnicas sempre onerosas dos equipamentos ocidentais.

NO OESTE: A APARIÇÃO DAS «SMART BOMBS»

Assim, no Leste, chegou-se,

DE VARSÓVIA

ões «operacionais»
000 homens)

viões de combate tácticos
ivisões de infantaria

ivisões mecanizadas
carros)
viões de combate tácticos
visões de infantaria
visões mecanizadas
arros)
total: 530 navios de guerra

oslávia e a Albânia não são
s).

ao que parece, a uma relativa padronização dos armamentos — todos os países possuem os mesmos materiais, pelo menos quanto às armas pesadas, de origem soviética, checa ou polaca, no essencial — enquanto que os membros da OTAN não se encontram no mesmo estado de uniformização. Esta situação, que os peritos e os industriais se esforçam presentemente por modificar, não favorece uma cooperação táctica dos membros da OTAN; com efeito, os depósitos de materiais e de peças sobressalentes, os métodos de manutenção e de emprego não podem ser postos em comum.

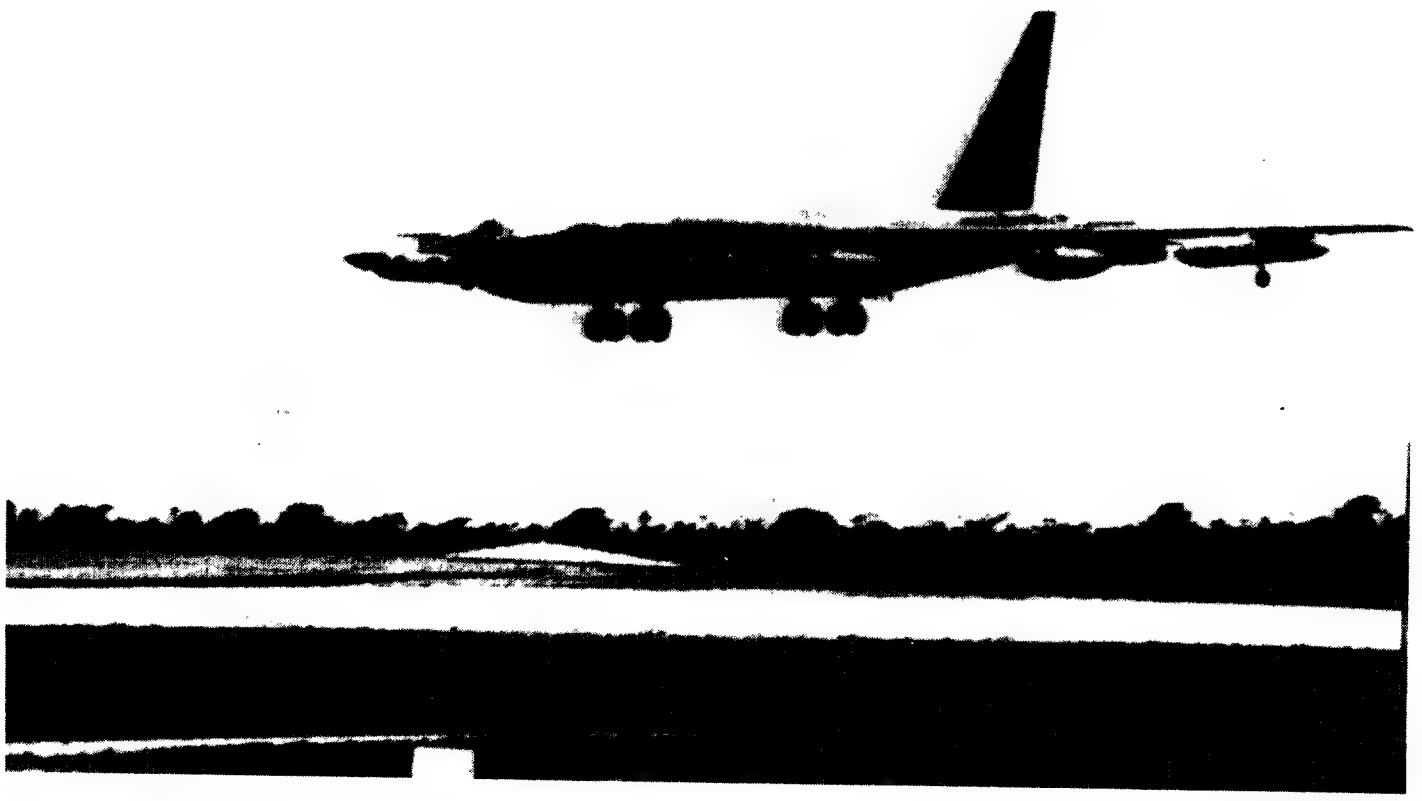
O Pacto de Varsóvia constitui fortes unidades blindadas (carros) e de tropas aerotransportadas (pára-quedistas e comandos), a exemplo do que fez a União Soviética. A invasão da Checoslováquia, em Agosto de 1968, e uma série de recentes manobras no Leste testemunharam a velocidade de deslocação destas unidades e a eficácia das tropas especializadas transportadas por helicópteros ou por aviões. Por outro lado — é um facto notado pelos estados-maiores ocidentais — o apoio logístico destas forças (o seu aprovisionamento em carburantes, em munições e em peças sobressalentes) está assegurada ao longo de toda a sua deslocação, e segue-as com a mesma rapidez. Finalmente, o Pacto de Varsóvia pôs o acento tónico nos veículos anfíbios para poder franquear determinados obstáculos (em especial, os rios) e para o desembarque nas costas a partir das forças navais, cujo desenvolvimento recente se conhece sobre quase todos os mares do globo.

As tropas da OTAN, por seu lado, tentaram aumentar a sua capacidade anti carros, e a infantaria continua a formar a espinal medula das divisões actuais. A defesa áerea — mesmo que possa alinhar aviões mais recentes de maior raio de acção — continua aparentemente a ser de um potencial inferior ao do Pacto de Varsóvia. Por isso mesmo os americanos propuseram aos seus aliados as bombas ditasn«inteligentes» **(smart bombs)** já utilizadas no Vietname. Estas poderiam, por exemplo, furar a rede de radar, muito densa na Alemanha do Leste, para facilitar a passagem de aparelhos mais pesados, ou destruir as vias de comunicação e de abastecimento, bem como as bases de mísseis terra-ar.

O que diferencia ainda os dois «campos» é, provàvelmente, a existência, na Europa do Leste, de um sistema de mobilização das reservas que é superior àquele que os estados-maiores ocidentais já tentarem, sem êxito, pôr em funcionamento. As divisões do Pacto de Varsóvia, práticamente, reforçam-se e desdobram-se, isto é, cada uma acolhe quadros e soldados da reserva, que formam uma unidade suplementar.

É, evidentemente, difícil especular sobre o estado de preparação e sobre o equipamento destas unidades de mobilização, mas pode-se observar que o serviço militar — principalmente na União Soviética, aonde dura de dois a três anos consoante os exércitos — parece suficientemente longo para, em princípio, instruir especialistas. De resto, são organizadas manobras regulares a fim de pôr à prova estes reservistas e melhorar a eficácia dos procedimentos de chamamento às armas.

No Ocidente, nada de verdadeiramente comparável foi concebido, com excepção de algumas experiências — em França — de um interesse limitado. Tudo se passa como se os estados maiores ocidentais fizessem a hipótese de uma guerra curta de «profissionais», precedendo ou não o apocalipse nuclear após uma série de réplicas «graduadas», uma vez que o Pacto de Varsóvia se deu finalmente os meios de uma estratégia mais flexível.



CRONOLOGIA

1966-1967 — Sob o nome de «exercício Harmel», a Organização Atlântica procede a um exame global da sua situação. O relatório sobre as futuras tarefas da aliança, aprovada em Dezembro de 1967, declara: «Os aliados estudam actualmente as medidas de desarmamento e de controlo prático, e, principalmente, a possibilidade de redução equilibrada das forças».

27 de Junho de 1968 — Reunido em Reykjavik, o Conselho do Atlântico Norte diz-se decidido a «tomar todas as disposições necessárias para discussões a este respeito (as reduções de forças) com a União Soviética e outros países da Europa do Leste». A França não se associa a esta decisão.

21 de Agosto de 1968 — A. U. R. S. S. e quatro dos seus aliados invadem a Checoslováquia.

16 de Novembro de 1968 — Em Bruxelas, o Conselho do Atlântico condena a intervenção soviética e constata que as perspectivas de reduções das forças «sofreram um sério recúo».

26-27 de Maio de 1970 — Declaração de Roma: o Conselho Atlântico convida os Estados interessados a ter conversações exploratórias sobre as M. B. F. R. na Europa, referindo-se especialmente à Europa Central.

22 de Junho de 1970 — Em Budapeste, os ministros dos Negócios Estrangeiros dos países do Pacto de Varsóvia pedem que seja estudada a questão da redução das «forças armadas estrangeiras estacionadas nos territórios dos Estados europeus». Esta questão, declaram eles, poderia ser examinada «no seio do organismo a criar na conferência pan-europeia (sobre a segurança), ou sob qualquer outra forma aceitável pelos Estados interessados».

4 de Dezembro de 1970 — Em Bruxelas, o Conselho Atlântico constata que os países do Pacto de Varsóvia não «responderam directamente» às suas propostas. Renova aos Estados interessados o convite para se entrar em conversações exploratórias sobre a base da declaração de Roma.

14 de Maio de 1971 — Em Tbilissi, Brejnev convida as potências ocidentais a abrir uma negociação sobre a redução das forças na Europa Central. Esta proposta estava já contida no seu relatório ao 24.º Congresso do Partido Comunista, em 30 de Março anterior.

3-4 de Junho de 1971 — Em Lisboa, os países atlânticos, com excepção da França, decidem sondar as intenções soviéticas sobre a redução das forças na Europa. Designarão «no momento exacto» uma personalidade responsável por esta missão. Esta, será confiada, durante o mês de Outubro, a Brosio, antigo secretário-geral da OTAN.

10 de Dezembro de 1971 — Em Bruxelas, o Conselho Atlântico constata com pesar que Moscovo não respondeu ainda à sua oferta de conversação por intermédio de Brosio.

31 de Maio de 1972 — Em Bona, os países atlânticos, lamentando o silêncio persistente de Moscovo a propósito das M.B.F.R., fazem votos para que «conversações exploratórias multilaterais» a seu respeito «possam começar o mais breve possível, antes ou paralelamente à abertura de conversações multilaterais preparatórias relativamente a uma conferência sobre a segurança e a cooperação na Europa» (C.S.C.E.).

12 de Setembro de 1972 — Visita de Kissinger a Moscovo. A U.R.S.S. propõe começar as conversações exploratórias sobre as M.B.F.R. nos fins de Janeiro de 1973. Os Estados Unidos não levantam qualquer objecção a que as conversações multilaterais sobre a C.S.C.E. se iniciem em 22 de Novembro em Helsínquia.

15 de Novembro de 1972 — Doze países ocidentais propõem oficialmente à U.R.S.S. a abertura, 31 de Janeiro de 1973, de conversações exploratórias sobre as M.B.F.R. Dentre estes doze países, sete (Alemanha, Bélgica, Holanda, Luxemburgo, Reino Unido, Canadá e Estados Unidos) participariam de maneira permanente nas conversações, porque fazem parte da Europa Central ou mantêm tropas nessa zona. Os cinco outros participariam nessas conversações, cada um por sua vez, e representariam os «flancos»: Dinamarca e Noruega, ao Norte; Grécia, Itália e Turquia, ao Sul.

22 de Novembro de 1972 — Abertura, em Helsínquia, das consultas para uma conferência europeia sobre a segurança e a cooperação.

12 de Janeiro de 1973 — Encontro Brejney-Pompidou, em Minsk.

18 de Janeiro de 1973 — Resposta da Rússia, da Polónia, da Checoslováquia, da Hungria e da República Democrática da Alemanha à nota ocidental de 15 de Novembro. Os cinco países do Leste declaram-se prontos a participar nas consultas sobre as M.B.F.R., em 31 de Janeiro, em Viena de preferência a Genebra. Propõem convidar para as negociações «todos os Estados que vierem a manifestar interesse».

25 de Janeiro de 1973 — Os países da OTAN calculam que, tendo a questão da lista dos participantes uma «influência importante», ela poderia ser debatida durante as conversações exploratórias. Finalmente, é escolhida a cidade de Viena. Os soviéticos pedem que a Roménia e a Bulgária estejam presentes em 31 de Janeiro.

MONUMENTAL

LIQUIDAÇÃO

PARA ENTREGA URGENTE DAS AMPLAS INSTALAÇÕES DA AVENIDA DO BRASIL, A UM IMPORTANTE

GRUPO RETALHISTA

LIQUIDA-SE O STOCK TOTAL

COMPOSTO DE MILHARES DE APARELHOS ELECTRODOMÉSTICOS, TAIS COMO:
MÁQUINAS DE LAVAR ROUPA E LOIÇA, FRIGORÍFICOS, TELEVISORES, RÁDIOS, GIRA-DISCOS, ASPIRADORES, FOGÕES, ESQUENTADORES, MÁQUINAS DE COZINHA, CANDEEIROS, MOBÍLIAS COMPLETAS E PEÇAS SOLTAS, ESTOFOS, ETC., ETC.
E AINDA PARA RESTAURANTES E SIMILARES, MÁQUINAS E UTENSÍLIOS, PARA CAFÉS, RESTAURANTES, CHARCUTARIAS, TAIS COMO:
FOGÕES INDUSTRIAIS, FRITADEIRAS, CARROS DE SERVIÇO, FRIGORÍFICOS, VITRINES FRIGORÍFICAS, ETC.

PREÇOS ABAIXO DO CUSTO !
CORRA ! CHEGUE PRIMEIRO !

ESTA LIQUIDAÇÃO EFECTUA-SE NA AV. DO BRASIL, 40-A e 40-B

(PRÓXIMO DO CAMPO GRANDE)

Os primeiros 10 000 visitantes, comprem ou não qualquer coisa, levarão grátis um disco, escolhido livremente entre os milhares do nosso stock.

a casa que você deseja

ESTÁ EM

SITUAÇÃO PRIVILEGIADA, 2 KM APÓS LOURES A 15 KM DO MARQUÊS DE POMBAL.
3 AMPLAS ASSOALHADAS, HALL, COZINHA, ZONA DE LAVAR E CASA DE BANHO, CAIXILHARIAS DE ALUMÍNIO, CÓMODOS ROUPEIROS, COZINHAS TIPO AMERICANO, LOUÇAS ITALIANAS, AQUECIMENTO ELECTRICO, ALCATIFADAS, PAREDES FORRADAS A PAPEL, INTEIRAMENTE A SEU GOSTO.

VEJA NO LOCAL O ANDAR MODELO

PLANO FINANCEIRO

ANDARES	NO ACTO DO CONTRATO DE COMPRA E VENDA	NA ALTURA DA ENTREGA DAS CHAVES	35 PRESTAÇÕES MENSAIS SUCESSIVAS DE	36ª PRESTAÇÃO (somente final em hipoteca)
R/CHÃO	25.500 00	51.000.00	1.630.20	150.000.00
1º ANDAR	30.000.00	60.000.00	1.825.00	180.000.00
2º ANDAR	29.500.00	59.000.00	1.817.20	175.000.00
3º ANDAR	28.500.00	57.000.00	1.754 30	170.000.00

SPOC

SOCIEDADE PORTUGUESA DE OBRAS DE CONSTRUÇÃO, LDA
ROSSIO 74-3º TELFS. 35438/36825 7/35521 LISBOA

ULSTER

Continuação da pág. 12

natureza comunicativa do temperamento irlandês, sobretudo nos «pubs», torna difícil a verdadeira clandestinidade. «Os membros do IRA sempre falaram e escreveram demasiado», afirmou-nos um católico moderado, aludindo aos frutuosos assaltos que, periòdicamente, a Polícia e o Exército fazem aos locais tidos como clandestinos, mas sempre conhecidos por elevado número de pessoas.

Sem dúvida também verdade que muitas daquelas detenções se verificaram após «severos» interrogatórios dos presos. Dever-se-à acreditar, como nos garantiram, que oExercito, preocupado com não sujar demasiado as mãos, prefere encarregar de tal «trabalho» o Regimento de Defesa do Ulster? A Associação para os Direitos Cívicos, cuja acção esteve, em grande parte, na origem do desencadeamento dos tumultos de 1969, continua a estabelecer e a publicar uma minuciosa lista dos maus tratos infligidos aos presos.

Porque, nesta estranha guerrilha, tudo se passa, também, como se o governo inglês se esforçasse por manter, contra ventos e marés, a sacrossanta liberdade do cidadão. Apesar das «manchas» — muito numerosas — que têm sido denunciadas de há três anos a esta parte, em particular pela «Amnesty International», os jornalistas têm de reconhecer que podem circular livremente, encontrarem-se com quem muito bem quiserem, e que não existe censura política. A não ser que se considere como tal a evidente preocupação da imprensa britânica de não enegrecer o quadro. Mas as emissões de rádio e televisão que se podem ver e ouvir, todas as noites, em Belfast, pareceram-nos objectivas e de notável dignidade profissional.

O melhor símbolo dos numeros paradoxos da situação é, sem dúvida, a notícia da instalação de uma fábrica norueguesa de pequena mecânica em Londonderry, centro católico onde ocorreram os mais graves tumultos de 1972.

«Procuramos» testas de ponte «no Mercado Comum, e o governo britânico ofereceu-nos condições muito vantajosas», explicou, calmamente, o director da empresa à televisão de Belfast, sobre um fundo de oficinas e maquinarias ultra modernas. Segundo as últimas notícias, os japoneses também estão a chegar...

A CIÊNCIA E O HOMEM

Continuação da pag. 11

hormona do que como uma vitamina. Tanto ela como a hormona das paratiroideias tendem a manter elevado o nível do cálcio no sangue. A vitamina D, em particular, aumenta a absorção do cálcio pelos intestinos.

..Um esforço verdadeiramente gigantesco tem agora o seu êxito. O Prémio Nobel da Química, Robert B. Woodward da Universidade de Harvard, consegue, ao fim de dez anos de trabalho, sintetizar a última vitamina que faltava, a vitamina B12.

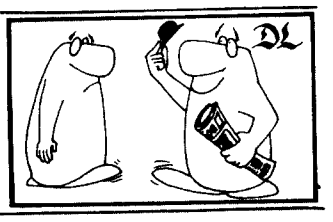
..Ao fim e ao cabo parece que o feito não tem grande importância. A vitamina B-12 tão importante para a saúde do organismo, obtem-se hoje facilmente e até é barata. As dificuldades formidáveis da sua síntese, agora anunciada, levam a crer que a sua obtenção por este modo nunca chegará a ter real importância económica. Então porquê toda esta excitação por este vencimento dum Everest da Química Orgânica? Será que se está apenas a comemorar uma façanha científica como se tratasse dum esforço atlético?

..Quando em 1971 se reuniu em Boston a União Internacional de Química Pura e Aplicada, centenas de químicos enchiam a sala onde apresentaria uma comunicação o professor Woodward. Corria o boato de que Woodward tinha, finalmente, conseguido sintetizar a vitamina B12, culminando o seu trabalho de uma década. Já tinha sido Woodward que sintetizara a vitamina D. No entanto, Woodward, afinal tinha encontrado dificuldades próximo do fim do seu objectivo. Essas dificuldades foram agora removidas. Teremos então que saudar esta conquista como a do Everest? Recorda-se que alguém perguntou, creio que a Hunt, qual o motivo por que tinham embarcado nessa aventura dolorosa que foi a escalada do Everest. Porquê o Everest? Respondeu Hunt «simplesmente porque o Everest estava aí e ninguém o tinha trepado...». Mas o que os cientistas saudavam não era o facto de a vitamina B12 estar aí e ninguém a ter sintetizado. E que a sua síntese levou ao desenvolvimento de novas regras da química orgânica, as chamadas «regras da simetria orbital», baseadas na aplicação dos princípios da física quântica. Essas regras permitem compreender como os vários átomos se podem associar na constituição de moléculas de grande importância para a vida. Numa fuga, razoável, para o campo da ficção científica, poder-se-á até pensar em sintetizar moléculas com certas funções fisiológicas e que não existem na natureza.

LUSTRES

de confecção esmerada, cores maravilhosas, fazem lares lindos. Fábrica, Av. 5 de Outubro, 203-r/c., Esq. (Ao Campo Pequeno). Telefone 77 16 39.

VENDA AO PÚBLICO



SENSACIONAL...

Sofás cama - Tipo Belga	1800$00
Balanças - Casa de banho	150$00
Torradeiras	180$00
Frigoríficos 140, L.	1790$00
T. V. 2 canais	3390$00

FILIAL SUPERMANOS

ESTRADA DE BENFICA, 705

UM JORNAL
EM PERMANENTE EXPANSÃO
MOTOR BI-SEMANÁRIO
EDIÇÃO DOS DESPORTOS
MOTORIZADOS
ÀS SEGUNDAS-FEIRAS
DE MANHÃ
A PARTIR DO DIA 26
COM O SUPLEMENTO
(MOTOR JÚNIOR):
REPORTAGENS, NOTÍCIAS,
FOTOGRAFIAS A CORES
DE FUTEBOL E OUTRAS
MODALIDADES
PREÇO 3$50

TEATRO

●CARLOS PORTO

SÍNTESES CRÍTICAS

AS CRIADAS
Teatro Experimental de Cascais

Um dos raros exemplos de espectáculo em Portugal em que é possível assistir à criação de uma linguagem teatral (Victor Garcia). Uma escrita poética extraordinàriamente bella (Jean Genet). Uma interpretação excepcional (Eunice Muñoz e Glicínia Quartin/Graça Lobo substitui Lourdes Norberto).

ADRIANO VII
Teatro da Trindade

De como gastar os dinheiros públicos (com mais proveito do que glória) ou de como um texto limitado é mais limitado por uma encenação (José Osuna) menos inteligente do que balofa. Recuperação (provisória?) de um actor do **boulevard** (Paulo Renato). Mesmo assim, o menos mau dos últimos «Nacionais».

SUA EXCELÊNCIA O PENDURA
Variedades

Um grande actor português (José Viana) gasta a sua esperança num espectáculo menos mau do que parece e bastante pior do que se deve exigir.

SEXO NUNCA! SOMOS BRITÂNICOS
Capitólio

Ou de como os ingleses dão nova versão do seu célebre pensamento: «O Teatro é Dinheiro». O industrial Vasco Morgado concorda.

É O FIM DA MACACADA
ABC

Depois de várias tentativas de renovação da revista à portuguesa — «Pimenta na Língua», «Saídas da Casca» —, «E o Fim da Macacada» propõe um outro registo de espectáculo musical que pode levar mais longe essas tentativas.

MULHERES É COMIGO
Monumental

Pode existir uma revista sem humor, sem ritmo, sem garra? Pode: chamar-se «Mulheres E Comigo». Pode existir uma revista com bons artistas (Aida Baptista, Margarida Mauperrin) com maus papéis? Pode: chamar-se «Mulheres E Comigo». Pode existir uma revista rica, bem vestida, bem calçada, bem pintada e quase totalmente desinteressante? Pode: E essa mesmo.

CÁ VAMOS PAGANDO E RINDO
Maria Vitória

Há autores de revista desprovidos de imaginação que se desculpam com (pre) conceitos tradicionalistas. Esta é um bem exemplo.

CINEMA

●LAURO ANTÓNIO

ATALANTE (Atalante), **ZERO EM COMPORTAMENTO** (Zero de Conduit) e **A PROPÓSITO DE NICE** (A Propos de Nice), todos de Jean Vigo (França, 1930-34) Cinema Estúdio.

Um dos mais importantes dos menos conhecidos e mais influentes cineastas de toda a história do cinema. A revelação de toda a sua obra, até hoje inédita em **écrans** nacionais. Irreverência, humor, um lirismo profundo, um anquismo de ressonâncias surrealistas. A não perder.

EM NOME DO POVO ITALIANO (In Nome del Popolo Italiano), de Dino Riso, (Itália, 1972) com Ugo Tognazzi, Vittorio Gassman, etc. Cinema Monumental (3.ª Semana).

Uma comédia popular, carregada de um humor diabólicamente dirigido contra a sociedade italiana e alguns dos seus vicios. Um processo contra a cidade, cheio de coragem e lucidez. Ugo Tognazzi —, magnifico! A não perder.

O ULTIMO A RIR (Charles, Mort ou Vif), de Alain Tanner (Suiça, 1969), com Françoise Simon, Marcel Robert, etc. cinema Satélite (2.ª semana);

O cinema também nasce na Suiça dos relógios e do queijo. Alain Tanner, de câmara de 16 milimetros na mão, em cenários naturais, com reduzido orçamento é um exemplo de inteligência, agressividade e talento. O espirito de **Maio 68,** ofrecido através de «palavras de ordem» e **slogans.** A não perder.

AS NOITES LOUCAS DO DR. JERRYL (The Nutty Professor), de Jerry Lewis (EUA, 1965), com Jerry Lewis e Stella Stevens. Cinema Berna (2.ª Semana).

Obra prima da comédia americana dos anos 60, esta pelicula adaptada livremente de **O Médico e o Monstro**, de Stevenson, vale por si só para definir e comprovar o humor o talento, a invenção corrusiva do maior auto-actor de comédias da actualidade. A não perder.

O GRANDE CONQUISTADOR (Play it Again, Sam), de Herbert Rose (EUA, 1972), com Woody Allen, Diane Keaton, etc...Cinema Estúdio Apolo 70 (10.ª Semana).

Depois de **O Inimigo Público e Bananas,** eis Woody Allen de regresso agora sob a batuta refreadora de Herbert Ross. Uma sátira á grande América, empreendida através de alguns dos seus mitos mais seguros. Woody Allen, Genial! A não perder.

EVA (Eva), de Joseph Losey (Inglaterra, 1962), com Stanley Baker, Jeanne Moreau, Virna Lisi, etc. Cinema Alvalade (2.ª Semana).

Partindo de um romance policial, Losey recria o espirito de uma tragédia definindo admirávelmente o **background** social das figuras e o seu significado. Numa Veneza brunosa, uma viagem ao fundo da noite. A não perder.

TELEVISÃO

AQUI, O FESTIVAL DE AMANHÃ

Com início previsto para as 22 horas, realiza-se amanhã o maiior certame de cantigas que exiiste em Portugal. Considerado, por uns, um mal necessário; por outros o processo mais adequado para a escolha da canção que representará a música do país no Frstival da Eurovisão e, ainda por outros, uma coisa perfeitamente desnecessária, o facto é que o Grande Prémio TV da Canção Portuguesa movimenta o maior número de espectadores jamais alcançado por uma emissão de televisão em Portugal e só comprarável às transmissões do Campeonato Mundial de Futebol de 1966, quando os portugueses viram a equipa nacional classificar-se em 3.º lugar.

AS ATRACÇÕES

Apresentados por Artur Artur Agostinho, Teresa Tarouca e o francês Gilbert Bécaud estão ancarregados da primeira parte deste espectáculo, que, segundo, as entrevistas que inundaram a Imprensa nos últimos dias, será o melhor de sempre.

A presença de Teresa Tarouca no **show** de abertura, segundo as más línguas, servirá apenas para lembrar aos espectadores que o fado não tem nada a ver com o que acontecerá na segunda parte do espectáculo, ou seja, com o festival pròpriamente dito. Quanto ao Gilbert Bécaud, os que acompanharam o noticiário a respeito da festa, sabem que ele virá preencher um lugar que estava originalmente destinado a Charles Aznavour, actualmente hospitalizado devido a uma fractura na perna. Para os espectadores, entretanto, resta uma esperança: no palco, Bécaud é muito melhor do que o velho Charles.

Teresa Tarouca, segundo está anunciado, deve cantar quatro fados: **Cai chuva do céu cinzento**, um poema de Fernando Pessoa, com música do **Fado das Horas**, de José Sabrosa; **Canção Verde**, com versos de Pedro Homem de Melo e música do fado **Perseguição**; **Confirmação**, letra de Pedro Homem de Melo e música do fado **Meia-Noite** e, encerrando, **Povo**, com poema de Pedro Homem de Melo e música de Joaquim Campos. O acompanhamento será feito pelo conjunto de guitarras de Raul Néry.

Os restantes 30 minutos desta primeira parte serão preenchidos pelo **show** de Gilbert Bécaud. Depois disso haverá o primeiro intervalo, ocasião que será aproveitada para a exibição de um documentário sobre o Luxemburgo, local onde será realizado o próximo Festival da Eurovisão.

Uma curiosidade: no momento em que Teresa e Bécaud estiverem a cantar, nos bastidores os intérpretes recebem os últimos retoques nas suas respectivas maquilhagens e entoarão baixinho alguns acordes das canções que irão, pouco depois, submeter a um julgamento definitivo.

O FESTIVAL

Segundo os cálculos, aproximadamente às 23 horas será iniciada a competição. Terminado o primeiro intervalo, Artur Agostinho estará outra vez no palco, onde lerá o regulamento do concurso, passando a palavra para a sua companheira, Alice Cruz, que fará a introdução.

Uma vez que o regulamento, nesse ponto, é bastante rígido, Alice apenas dirá, pela ordem, o nome da canção a ser cantada, o do autor da música, da letra, da orquestração e, finalmente, o do intérprete. Quanto ao Artur Agostinho, nesta segunda parte, e após a apresentação de cada uma das dez canções concorrentes, dirá apenas:

Pedimos aos senhores es-

OS APRESENTADORES

Artur Agostinho e Alice Cruz serão os apresentadores do X Grande Prémio TV da Canção. Artur será o primeiro a aparecer no vídeo da RTP. Exactamente às 22 horas, ele iniciará, na frente do Teatro Maria Matos, uma breve saudação ao público, anunciando o festival. Pouco depois, já no palco, apresentará Teresa Tarouca aos espectadores. Quanto à Alice Cruz, o seu papel será o de anunciar as canções concorrentes, na segunda parte do espectáculo, ocasião em que o Artur dirá apenas «Pedimos aos senhores espectadores o favor de se manterem nos seus lugares».

ACOMPANHE A VOTAÇÃO

Para você acompanhar a votação do X Grande Prémio TV da Canção, publicamos aqui o boletim da votação, ou, na linguagem da RTP, de «escrutinador». Em todo o o caso, ele serve para você acompanhar o espectáculo, ou mesmo para dar o seu voto pessoal.

Quanto ao sistema de votação oficial, funcionarão dois júris. O primeiro deles chamado de selecção, é presidido pelo dr. Oliveira Martins, secretariado por Adão Rodrigues e tem como vogais os senhores dr. Ivo Cruz, ten. cor. Baptista Rosa, dr. Peres Rodrigues, Melo Pereira, Francisco D'Orey. Feito Teixeira, António Andrade, Luis Andrade e Henrique Mendes. No juri de selecção funcionarão ainda, como escrutinadores, José Batalheiro e Jorge de Almeida e, como operador de quadro, António Rodrigues.

O segundo juri, também chamado «nacional», é composto por 36 pessoas, divididas por cidades e agrupadas profissionalmente. No juri estão representadas as seguintes categorias profissionais: empregados de escritório, 3;; professores, 3; estudantes, 10; funcionários de Caixa de Previdência, 1; funcionário bancário, 1; funcionários camarários, 2; comerciantes, 4; assistente social, 1; funcionários dos CTT, 2; doméstica, 1; funcionários públicos, 1; contabilista, 1; arquitecto, 1; locutor, 1; tradutor, 1; industrial, 1 e, regente agrícola, 1.

Para que o jurí nacional não cometa erros ao votar na noite do dia 26, haverá, na parte da manhã, um ensaio da votação. Por outro lado, os membros do juri nacional, presenciarão o ensaio geral, previsto para a tarde, no Teatro Maria Matos.

ORDEM	CANÇÕES	AVEIRO	BEJA	JÚRI DE SELECÇÃO TEN COR. BAPTISTA ROSA	BRAGA	BRAGANÇA	JÚRI DE SELECÇÃO DR. IVO CRUZ	CASTELO BRANCO	COIMBRA	JÚRI DE SELECÇÃO DR. PERES RODRIGUES	ÉVORA	FARO	JÚRI DE SELECÇÃO MELO PEREIRA	GUARDA	LEIRIA	JÚRI DE SELECÇÃO FELICIO TEIXEIRA	LISBOA	PORTALEGRE	JÚRI DE SELECÇÃO LUIS ANDRADE	PORTO	SANTARÉM	JÚRI DE SELECÇÃO FRANCISCO D'OREY	SETÚBAL	VIANA DO CASTELO	JÚRI DE SELECÇÃO ANTÓNIO ANDRADE	VILA REAL	VISEU	JÚRI DE SELECÇÃO HENRIQUE MENDES	TOTAIS
1	"A RAPARIGA E O POETA"																											
2	"MENINA DE LUTO"																											
3	"TOURADA"																											
4	"MINHA SENHORA DAS DORES"																											
5	"É POR ISSO QUE EU VIVO"																											
6	"SEMENTE"																											
7	"CANTIGA"																											
8	"GENTE"																											
9	"CARTA DE LONGE"																											
10	"APENAS O MEU POVO"																											
		20	20	10	20	20	10	20	20	10	20	20	10	20	20	10	20	20	10	20	20	10	20	20	10	20	20	10	

Pela ordem de apresentação, são estas as canções que concorrerão amanhã ao X Grande Prémio TV da Canção:

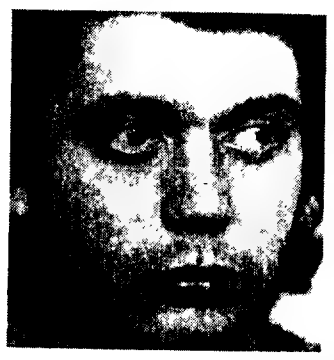
AS CANÇÕES E OS SEUS INTÉRPRETES

1)_A RAPARIGA E O POETA

MÚSICA: José Calvário
LETRA: José Niza
ORQUESTRAÇÃO: José Calvário
MAESTRO: José Calvário
INTÉRPRETE: Tonicha

2) MENINA DE LUTO

MÚSICA: Carlos Canelhas
LETRA: António Sousa Freitas
ORQUESTRAÇÃO: Thilo Krassman
MAESTRO: Thilo Krassman
MAESTRO: Thilo Krassman
INTÉRPRETE: Mini-Pop



3) TOURADA

MÚSICA: Fernando Tordo
LETRA: Ary dos Santos
ORQUESTRAÇÃO: Pedro Osório
MAESTRO: Jorge Costa Pinto
INTÉRPRETE: Fernando Tordo

4)_MINHA SENHORA DAS DORES

MÚSICA: Fernando Tordo
LETRA: Ary dos Santos
ORQUESTRAÇÃO: Pepe Nieto
MAESTRO: Pepe Nieto
INTÉRPRETE: Luis Duarte

5)_É POR ISSO QUE EU VIVO

MÚSICA: Paco Bandeira
LETRA: Ary dos Santos
ORQUESTRAÇÃO: Ivor Raymond
MAESTRO: Ivor Raymond
INTÉRPRETE: Paco Bandeira

6)_SEMENTE

MÚSICA: Fernando Guerra
LETRA: Ary dos Santos
ORQUESTRAÇÃO: Thilo Krassman
MAESTRO: Thilo Krassman
INTÉRPRETE: Paulo de Carvalho

pectadores o favor de se manterem nos seus lugares.

Nessa altura, conforme o ritual que todos conhecem dos outros festivais, descerá o marcador que regista a votação. Segundo as previsões, esta operação deve tomar por inteiro os três minutos que deve durar o intervalo entre a apresentação de cada concorrente. No final da votação, Artur Agostinho pedirá ao júri que anuncie a quem foi atribuído o **Prémio de Interpretação**, depois do que, chamará ao palco, sucessivamente, os responsáveis pelas canções classificadas em 3.º, 2.º e, finalmente, em 1.º lugar. Como se pode ver, haverá «suspense».

Conhecidos os vencedores, chegamos ao grande final. Nesta altura, os espectadores, tanto os de casa como os que estiverem no Teatro Maria Matos, estarão a discutir as injustiças e os critérios adoptados para a atribuição de prémios. No palco, Alice Cruz iniciará, neste momento, a entrega dos prémios, ritual que obedecerá à mesma ordem pela qual foram anunciados os vencedores. Isto é, de trás para diante. Quanto à entrega do prémio ao primeiro classificado, isto não será feito pela Alice. Neste momento ela chamará ao palco o vencedor do festival do ano passado, Carlos Mendes, que fará a entrega do prémio ao vencedor deste ano. Findo o que, a festa acaba.

A PALAVRA DO REALIZADOR

Luís Andrade, realizador de televisão que se tornou célebre pelo seu trabalho aquando do «falecido» Zip-Zip na televisão, é o encarregado da realização do X Grande Prémio TV da Canção. Por isso abandonou a realização do programa «Domingo à Noite».

Deixei de realizar o «Domingo à Noite» por causa do Festival, mas, não só por esse motivo, diz-nos o realizador. E explica porquê:

Quando um programa é emitido durante muito tempo, como é o caso do «Domingo à Noite», deve haver, no entender dos responsáveis pela distribuição dos serviços aos realizadores, e no meu também, um «roulement». Sendo assim, sempre que se mude o realizador de um programa, haverá com certeza uma mudança na realização do mesmo, pois cada realizador, imprime um cunho diferente à mesma obra. Quem beneficiará com este «roulement», será sem dúvida o telespectador.

Como vai realizar o Festival?

De forma mais simples. O Festival por si só, já é espectáculo.

Quantas câmaras?

Entre as que estão na sala do Maria Matos, e as que se encontram ligadas ao Estúdio A, para dar o júri de Selecção e Nacional são ao todo 10, as câmaras que funcionarão na noite do festival.

Colaborará Luís Andrade com o cenografista? Em que medida?

Sem que estejamos dependentes um do outro a ponto de nos lomitarmos, colaborámos inteiramente e até ao mínimo pormenor, para uma sequência e unidade do espectáculo.

A cenografia serve a realização e esta serve-se da cenografia. Ambas terão que estar de acordo.

Que inovações de realização em relação ao ano passado?

Espectáculos desta natureza, não são susceptíveis de grandes inovações. Assim limitar-me-ei numa linguagem simples, mas que penso ser a exacta, a mostrar o melhor possível o festival, ao telespectador.

Quantos festivais já realizou?

«Já realizei três festivais».

Era tudo, pois...

«Todo o tempo é pouco para tudo o que tenho a fazer!»

7)_CANTIGA

MÚSICA: João Rafael
LETRA: João Rafael
ORQUESTRAÇÃO: Thilo Krassman
MAESTRO: Thilo Krassman
INTÉRPRETE: Improviso

8) GENTE

MÚSICA: José Calvário
LETRA: José Niza
ORQUESTRAÇÃO: José Calvário
MAESTRO: José Calvário
INTÉRPRETE: Duarte Mendes

9) CARTA DE LONGE

MÚSICA: Fernando Tordo
LETRA: Ary dos Santos
ORQUESTRAÇÃO: Pedro Osório
MAESTRO: Jorge Costa Pinto
INTÉRPRETE: Fernando Tordo

10) APENAS O MEU POVO

MÚSICA: Fernando Tordo
LETRA: Ary dos Santos
ORQUESTRAÇÃO: Ivor Raymond
MAESTRO: Ivor Raymond
INTÉRPRETE: Simone de Oliveira

Sonab
just listen to it
TELECOL
R. D. Estefânia, 121, 6.º
LISBOA - Telef. 44798

As atracções

Teresa Tarouca e Gilbert Bécaud são os encarregados da primeira parte do espectáculo de amanhã. Teresa vai cantar quatro fados, com versos de Fernando Pessoa (i) e Pedro Homem de Melo (os restantes). Segundo as más línguas, a apresentação de Teresa servirá para mostrar aos espectadores que o fado não tem nada a ver com o festival. Quanto à presença de Gilbert Bècaud, o motivo é conhecido: Charles Aznavour partiu uma perna e ele vem para substituí-lo.

O «DIÁRIO DE LISBOA» VENDE-SE NO PORTO

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Rotunda da Boavista, Carvalhido, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras

VÁ AO TEATRO!!!

VASCO MORGADO recomenda os seus espectáculos:

TEATRO Tel. 32 60 17
VARIEDADES
30.ª SEMANA
Grupo C M/ 14 anos
com JOSÉ VIANA
no protagonista
SUA EXCELÊNCIA O VENDURA
com
DORA LEAL (revelação da temporada 72-73), Henrique Viana, Luís Santos, Manuela Cassola, Maria Otília, Vítor de Sousa, Luís Pinhão, Cândido Mota, Carlos Rosa, Joaquim Miranda, António Semedo, Ana Le Mattre, Jorge Nascimento e a colaboração de MARIA PAULA
Terça e quarta-feira, às 21.45 horas; quintas, sextas e sábados, 2 sessões, às 20.45 e 23 horas:
domingos, às 16 e 21.45
2.ª feira, excepcionalmente, descanso da C.ª

HOJE
À NOITE 2 sessões: 20.45 e 23 h
TELEF. 55 51 33
UMA FABULOSA REVISTA DE BONS E NOVOS COSTUMES no Teatro MONUMENTAL
UMA PRODUÇÃO DE VASCO MORGADO
com
CAMILO de OLIVEIRA
EM
MULHERES E COMIGO?!
com AIDA BAPTISTA
UM ÊXITO!
LINDA SILVA
CRISTINA CASSOLA
VITÓRIA MARIA
THE RED ROSE BALLET
Maiores 18 anos
Domingos: «matinées» às 16 h
2.ª e 4.ª feira, descansos da C.ª

TEATRO Tel. 32 74 93
CAPITÓLIO
10.ª SEMANA
Grupo D M 18 anos
Uma comédia inglesa com FLORBELA QUEIROS
Sexo, nunca! somos britânicos...
No elenco
IRENE ISIDRO
Carlos Duarte, Jorge de Sousa Costa, Norberto de Sousa, Fernanda Franco, Mariano, Fátima Miranda e, pela primeira vez em comédia OCTÁVIO DE MATOS
Encenação de
Maria Helena Matos
3.ª* e 5.ª*: às 21.45 horas
6.ª-FEIRAS, SABADOS E DOMINGOS — 2 sessões: ÀS 20.45 E 23 HORAS
Domingos: «matinées» às 16 h
2.ª e 4.ª feira, descansos da C.ª

CINEMA

ALAIN TANNER:

Cinema suíço, vivo ou morto?

Um dos filmes mais importantes a visitarem-nos neste início de ano é, seguramente, o de Alain Tanner, «O Último a Rir» (no original: «Charles, Mort ou Vif). Suíço, nascido, portanto num pequeno país que se notabiliza, sobretudo, pelos relógios, o queijo e as contas bancárias, Alain Tanner estava, aparentemente, em desvantagem para iniciar uma carreira cinematográfica interessante e significativa. Na verdade, o cinema suíço era praticamente desconhecido no estranjeiro e, ao que se supõe, de bastante má qualidade. Foi sobretudo Tanner quem lhe ofereceu pergaminhos e uma hipótese de ingresso nos grandes circuitos internacionais. Foi, sobretudo, «Charles, Mort ou Vif» (de 1969) que abriu o caminho. No ano seguinte, «La Salamandre» desencadeou novo interesse, ultimamente renovado com a «descoberta» de outro valor do cinema suíço: Michel Soutter, de quem se estreou, há pouco tempo, em França, um filme que provocou vivo entusiasmo: «Les Arpenteurs».

«O Último a Rir» abre (re-abre) para nós, portugueses, uma discussão extremamente interessante e proveitosa: será possível a existência de um cinema autêntico, intransigente e pessoal, num pequeno país sem tradição, nem estruturas aptas para a sobrevivência de uma indústria? Com uma máquina de 16 milímetros na mão, em cenários naturais, com um orçamento reduzidíssimo, com uma ideia na cabeça e muito talento dentro de si, Tanner mostra que tudo é possível e que o cinema não é pretença das grandes indústrias e dos países altamente desenvolvidos. Por isso é urgente ver e meditar a lição de **«Charles, Mort ou Vif»**, desencantado desenho de um país esquecido. Como elemento mais para uma possível discussão, aqui se transcrevem alguns trechos de uma entrevista de Tanner, aparecido nos **Cahiers du Cinema**, n.º 213.

L.A.

— Existe alguma série de Televisão, na Suíça, como aquela que mostra no filme «O Último a rir»?

— Existe mas não é exactamente a mesma coisa. Já fiz quatro retratos nessa série televisiva. De resto, a ideia, o ponto de partida do filme — se bem que tudo o resto seja muito diferente — é uma experiência real. Um desses retratos era o de um médico de província: a Televisão entrou na vida desse homem e ele tornou-se de certo modo o porta-palavra do corpo médico. Ficámos quinze dias em casa dele e falámos durante muito tempo. Isto fez com que abrisse uma brecha na sua vida. Obrigou-o a pensar; a emissão marcou-o profundamente. A seguir sofreu uma depressão nervosa bastante grave. Esta foi a ideia de partida, um saco onde depois meti muitas mais coisas. Quis sobretudo evitar ser demasiado sério, de pregar fosse o que fosse. Foi por isso que me distanciei um pouco em relação às coisas. No filme é o pai que não está de acordo e o filho que está de acordo com a sociedade, isto para mudar um pouco. Digamos que é um jogo que não pretende ser edificante.

— É justamente isso que faz com que o filme esteja permanentemente sobre a corda bamba, tendo nós a todo o tempo medo da queda...

— Efectivamente, tive uma dificuldade terrível, antes de filmar reli o diálogo — que estava completamente escrito — e cheguei a pensar em modificar tudo, pensando que me ia «enterrar». De facto, foi andar um pouco em cima da corda bamba.

— Uma das coisas interessantes no filme é o seu lado didáctico. Isto é, para ser mais claro: um filme talvez didáctico que se justifica no plano psicológico, para respeitar a regra do jogo, ou então faz-se psicologia, conta-se uma história edificante, fazendo com que, para mais, o filme seja didáctico. Parece-me que há uma dissociação entre duas coisas, uma distância igual entre as duas posições. Quer dizer que nunca se sabe, no momento em que os personagens falam, se eles entram na psicologia que os explica ou se eles falam para o espectador.

— E colar etiquetas para as descolar em seguida, é um pouco isso. Há etiquetas no filme que são imediatamente retiradas. Isto também fazia parte da corda bamba.

— Tem-se a impressão de que se poderia escrever ao princípio de cada sequência o que os personagens vão fazer...

— Sim, é talvez o que há de mais voluntário no filme. Podia ter colocado um pequeno texto no princípio de cada cena. Preferi proceder de outra maneira. Muitas vezes a cena começa com o cenário vazio e o personagem entra, como no teatro, e depois volta a sair. Em todo o caso não pensei em Brecht quando fazia o filme, embora ele me seja bastante familiar. Quando comecei a preparar o filme senti uma espécie de incapacidade em entrar verdadeiramente na realidade suíça, em descrever o comportamento psicológico das pessoas, essa sensação de claustrofobia e de satisfação. Não conseguia escrever no papel e imaginar filmar depois personagens realistas, coisas reais. E podia ter sentido a tentação de o fazer, uma vez que era o meu primeiro filme e não sabia ao certo em que direcção ir. Como tinha uma longa experiência de reportagem e de documentário na Televisão, podia ter sido tentado a ficar ao nível da realidade. Reparei, desde início, que era preciso ganhar uma certa distância, desmontar, divertir-me um pouco, mas não entrar directamente na realidade, não era possível. Foi como que uma necessidade biológica. Teria sido possível contar uma história de uma maneira mais realista, na medida em que a destacássemos de toda outra ambição. Deve ser possível contar uma história de amor junto ao lago de Genebra ou não importa onde. Mas se queremos verdadeiramente abordar esta espécie de queijo em que vivemos, não é possível tomar o caminho da realidade.

— Depressa nos apercebemos de que o casal boémio com o qual Charles vai viver está muito mais «decadente» do que ele.

— Fiz isso de propósito. Esse género de personagens existe na Suíça. Num país como a Suíça, aqueles que se colocam à margem da sociedade, como esse casal, esses tipos que vegetam para ganhar meia dúzia de patacos por semana, estão presos a outra forma de emburguesamento, é a burguesia marginal. O que provoca envelhecimentos absolutamente trágicos, patéticos. Porque não existe para esta gente a possibilidade de chegar a um verdadeiro compromisso político, ou de encontrar formas de contestação a partir do emprego, ou seja do que for. Tornam-se marginais e, finalmente, são tão trágicos como tudo o resto.

— É justamente quando vemos baloiçar o automóvel que receamos cair na convenção e que perguntamos que distância tomou o realizador em relação a este género de atitudes.

— Onde me têm censurado de cair na convenção é no fim, na cena dos enfermeiros, que é, efectivamente, bastante caricatural. Disseram-me: isto não é a Suíça. Na Suíça internam-se os doentes mentais com delicadeza. E eu respondi: agora internam-se com delicadeza, mas no dia em que não se puderem aguentar, internam-se como em todo o lado. A verdade é que a cena foi rodada muito depressa e que os actores não estiveram à altura. Não conseguíamos aguentar, de tal maneira nos divertiamos.

— Em todo o caso, a justeza dos actores principais é admirável.

— Tinha um pouco de medo de François Simon, devido à sua grande experiência de teatro, precisamente porque ele devia ver-se representar a si próprio. E ele não é um personagem desse estilo, é um actor no estilo de Tchekov. Mas, no entanto, a coisa correu bem. Simon atravessa o filme de uma maneira extraordinária. E a sua natureza, é a sua fotogenia, é algo difícil de definir.

— Ele «aproximou-se» do personagem durante as filmagens ou ficou sempre um pouco à distância?

— Ficou sempre um tanto à distância. Dizia-me muitas vezes: «o teu filme é muito triste, vais fazer chorar toda a gente». Nunca trabalhou no mesmo comprimento de ondas que eu, e o filme acabou por ganhar bastante com isso.

CARNAVAL 73 NO MINHO!

4 NOITES DE ALEGRIA

HOTEL DO PINHAL
OFIR
Telefone 023-89473

RESTAURANTE
Sexteto «ORBITA 5»

HOTEL AFONSO III
VIANA DO CASTELO
Telefone 028-24123

RESTAURANTE
Sexteto «PROMOTION»

Directamente do Brasil a grande vedeta

ELIANE PITTMAN

e o seu conjunto privativo

BOITE
Conjunto «AGUANOVA»
(ex-Sexta Reacção)

DISCOTECA
A mais moderna estereofonia

«SHOW» Carioca com o magnífico Trio

WILMA PALMER — WILSON DE VASCONCELOS — PEIRÓ

Preços por pessoa:
SÁBADO E SEGUNDA
Hotel do Pinhal — Restaurante Esc. 200$00 — Boite Esc. 150$00
Hotel Afonso III — Restaurante Esc. 200$00 — Discoteca Esc. 150$00
DOMINGO E TERÇA
Hotel do Pinhal — Boite Esc. 150$00 (Programa completo)
Hotel Afonso III — Discoteca Esc. 150$00 (Show Carioca)
Todos estes preços incluem o direito a reserva de mesa, Brindes Carnavalescos e o primeiro consumo (whisky, licor, brandy 1/4 Espumante ou refrigerante)
15 % de desconto nos restantes serviços dos hoteis

HOTEL RALI
VIANA DO CASTELO
Telefone 028-22176

Para quem deseje um Carnaval calmo, podendo nadar na sua linda Piscina interior à temperatura de 24 graus agora inaugurada e única na Metrópole, privativa dos hóspedes do hotel.
O Clube «PRÍNCIPE HENRIQUE» também merece a sua visita.
Grupo C — Maiores de 14 anos

Os "Procol Harum" em Cascais

Quando Barry Wilson, baterista dos «Procol Harum», chegou a Lisboa, na passada sexta-feira, disse: **«Nunca supus que em Portugal houvesse tanto entusiasmo pela apresentação de um conjunto como o nosso.»**. Barry tinha sabido, já, da extraordinária procura de bilhetes para os dois concertos que o conjunto veio realizar a Portugal. Pois ontem à noite foi a confirmação desse entusiasmo: o Pavilhão dos Desportos de Cascais a abarrotar de gente, que vibrou com a música praticada pelos «Procol Harum» e com todo o espectáculo de que o grupo se faz acompanhar.

Por tudo isto se prevê para o segundo concerto, que esta tarde se realiza, mais um grande êxito. Na foto, Barry Wilson e Mick Grabham, dois dos responsáveis pelo que ontem aconteceu e que, tudo leva a crer, se repetirá hoje.

ENTREVISTA

LIV ULLMAN NÃO QUER SER UMA NOVA GARBO

No passado mês de Janeiro, ao distribuir os prémios relativos aos «melhores do ano», a Associação dos Críticos Cinematográficos dos Estados Unidos reconheceu oficialmente o talento de Liv Ullman, a musa de Ingmar Bergman, radicada naquele país desde 1971. Um pouco antes a revista «Time» dedicara-lhe a sua capa, anunciando-a como «a nova estrela nórdica de Hollywood».

Liv Ullmann

Ingrid Bergman foi a primeira sueca a dizer não aos padrões impostos pelos produtores aos artistas. Perdoada, está outra vez integrada na máquina de sonhos.

AS SUECAS

Na verdade, Liv Ullman nasceu no Japão, quando o seu pai ali estava a trabalhar como engenheiro, mas, a maior parte dos primeiros anos da sua vida, passou-os no Canadá, e em Nova Iorque. O pai faleceu nesta cidade e Liv Ullman, juntamente com a sua mãe, regressou à Noruega, país do qual possui a nacionalidade, embora muitos pensem que ela seja sueca.

De volta aos Estados Unidos, numa entrevista concedida à agência UPI, ela disse que, da cidade onde passara parte da sua infância, pouco ou nada reconhecia. Lembrava-se, apenas e vagamente, da Estátua da Liberdade. Nesta entrevista, a actriz declarava ainda que se divertia muito ao ler o que se escrevia sobre ela nos jornais norte-americanos.

Os jornalistas daqui acreditam que eu seja sueca e como tal me tratam. Acho divertido quando encontro artigos onde críticos e repórteres especializados em cinema tentam comparar-me à Greta Garbo e, num exemplo mais recente, à Ingrid Bergman. Na verdade estou ligada à Suécia por causa de Ingmar Bergman, que, além de ter sido meu marido, foi a pessoa com quem dei os meus primeiros passos no cinema.

Apesar deste esclarecimento, ninguém duvida de que Liv Ullman, para a imprensa de Hollywood, continuará a ser uma «sueca», com todas as implicações freudianas da palavra. E, mais do que isso, é bem possível que a máquina publicitária dos grandes estúdios já esteja a ser orientada no sentido de criar um tipo para si, talvez o mesmo planeado para Greta Garbo e mais tarde aplicado à Ingrid Bergman.

Como se recorda, Greta Garbo e Ingrid Bergman mantiveram uma imagem, aparecendo para o público-consumidor aureoladas de mistério, insondáveis e distantes. Greta Garbo continua assim. Ainda agora, quando ela esconde dos fotógrafos a sua velhice, o seu mito cresce. E crescem também as receitas dos seus filmes, exibidos em retrospectivas cada vez mais frequentes.

Já com Ingrid Bergman, foi diferente: repudiando a imagem que os especialistas criaram para si, acabou por escandalizar os directores dos estúdios cinematográficos, quando abandonou a família e se entregou, na Ilha de Stromboli, à paixão que lhe despertara o gordo e talentoso realizador italiano Roberto Rosselini. Como é do conhecimento geral, Hollywood agiu de forma impiedosa para com esta mulher que ousou desmentir o mito de virtude incorruptível, embora mais tarde, soubesse perdoá-la, recebendo-a de volta e homenageando-a. Claro, por trás dos bastidores, ditando uma e outra acção, encontram-se as conveniências das grandes indústrias, embora também tenha pesado na última decisão uma sintomática mudança nos costumes, registada nos Estados Unidos a partir dos anos 60.

O importante, nisso tudo, talvez seja manter a ligação existente entre o nome de Liv Ullman e a Suécia, com todas as sugestões que isso implica e que o cinema-indústria ainda está obrigado a promover, por causa da sua interminável vocação de fábrica de sonhos.

INTIMIDADE VIOLADA

E aqui, e na medida em que o estúdio passa a intervir cada vez mais frequentemente na vida dos seus actores, que começarão, por certo, os problemas entre Liv Ullman e Holywood. Aliás, um incidente já foi registado e, embora a sua importância seja quase nula, foi revelado ao público pela actriz, na sua entrevista à UPI:

— Os departamentos de relações-públicas das grandes produtoras cinematográficas norte-americanas têm o costume de distribuir à imprensa, não apenas material informativo sobre os filmes que estão a produzir, mas até entrevistas completas, deste ou daquele actor, elaboradas, na maior parte das vezes, sem o seu conhecimento. Outro dia li uma dessas entrevistas, onde eu atribuía ao uso frequente de máscaras feitas com clara de ovos, a beleza da minha pele. Isso, apesar dos meus 33 anos! Ora, eu não uso ovos na face, embora saiba que tal aplicação seja muito boa. Pode ser até maravilhosa, mas eu não a uso. E os «especialistas» do estúdio não possuem o direito de dizer nada em contrário. O que me entristece é que fabriquem essas coisas e lhes dêem tanta importância.

Deixando de lado esses pequenos problemas, a vida de Liv Ullman parece correr bem em Hollywood. Já apareceu em alguns filmes e conseguiu o seu primeiro prémio pela interpretação em «Emigrantes», filme que foi considerado um dos cinco melhores do ano pela crítica especializada. Entretanto, o seu primeiro filme nos Estados Unidos, onde interpreta a figura de uma camponesa que, segundo uma lenda, foi eleita «Papa», não agradou, nem a si mesma, nem à crítica:

— Eu li o argumento e gostei muito, assinando o contrato. A história falava de uma rapariga moderna, que imagina ter sido nomeado Papa no século IX e eu desempenhei o papel com muito gosto. Vi o filme na sua versão original e gostei do resultado. Entretanto, de lá para cá, foram tantos os cortes feitos na obra que já não consigo ver, no filme, sequer um esboço da ideia original. O meu trabalho, por outro lado, está completamente fragmentado.

APENAS UMA VISITA

Apesar das tentativas feitas no sentido de transformá-la numa estrela e do fracasso do seu primeiro filme, Liv Ullman não tem outras queixas contra o sistema dos estúdios norte-americanos. Às tentativas de transformá-la numa nova Garbo ou numa Ingrid Bergman, reagiu com atitudes contrárias daquelas que eram esperadas de uma estrela, mostrando-se acessível à imprensa e frequentando, quando saía, os restaurantes e boites da classe média. Nos seus primeiros tempos nos Estados Unidos, tentou viver sòzinha, mas não conseguiu adaptar-se e optou por um hotel.

— Eu creio no meu trabalho como actriz, mas não julgo que o artista seja diferente das outras pessoas, que deva ser um «ídolo». Por outro lado, devo muito da minha carreira à Ingmar Bergman, que foi meu marido e continua sendo o meu realizador preferido. Aliás, voltarei a filmar com ele brevemente. Primeiro vou participar num filme musical e, a seguir viajarei para a Suécia, onde farei também alguns filmes para a televisão. Portanto, posso dizer que estou de visita à Hollywood e que não pretendo fixar-me aqui. Isso, aliás, é o que mais me alegra.

Embora esta declaração possa conduzir à suposição de que Liv Ullman está a preparar-se para dizer adeus ao cinema norte-americano, os seus planos, com realação a Hollywood não são tão drásticos.

— Primeiro farei este musical — «Lost Horizon» — para o qual estou a preparar-me com a ajuda de Hermes Pan, o professor que auxiliou Audrey Hepburn em «My Fair Lady». Terminado este filme, viajo para a Suécia para trabalhar a sério, com Ingmar Bergman. Depois disso voltarei novamente aos Estados Unidos para participar numa comédia

Greta Garbo ainda vive hoje as consequências do papel que Hollywood criou para si.

— «Forty Carats». Farei ainda uma peça teatral em Oslo e, na volta, participarei num «western» intitulado «Taylor's Bride», ao lado de Gene Hackman. Como se vê, a minha associação com Hollywood ainda vai durar algum tempo, embora eu espere que, nesse tempo, eles desistam de me transformar numa estrela.

W.D.

DESPORTO

COMO SALVAR AS OLIMPÍADAS ?

Uma notícia de Truckee (Califórnia): As Olimpíadas de Inverno foram atacadas pela maldição dos «ismos» __ Nacionalismo, Profissionalismo e Comercialismo. É esta a opinião de 13 membros (antigos e actuais) de equipas olímpicas norte-americanas.

Andrea Mead Lawrence foi quem convocou agora a Imprensa para uma reunião na estância de Tahoe Donner. E disse:

«Os Jogos Olímpicos, nos tempos modernos, estão atacados de uma grave praga de hipocrisia e de desorientação. Chegou a altura de tomarmos uma posição: ou apresentamos um novo conceito de olimpismo ou pomos termo à nossa participação.

Para Andrea Lawrence, os Jogos Olímpicos (que tiveram início no ano 776 antes de Cristo, na Grécia), foram abolidos em 394 devido ao **«incontrolável nacionalismo e aos esquemas dirigidos ao lucro»**.

A opinião de Andrea Lawrence foi corroborada pela maioria dos 13 membros que estiveram presentes na conferência. Rick Chaffee, «capitão» da equipa olímpica norte-americana, em 1972, afirmou que o nacionalismo e o «falso amadorismo» amaldiçoaram os Jogos. Acusou os russos de se servirem das Olimpíadas para mostrar a superioridade do seu estilo de vida e os europeus de utilizarem os Jogos para fins comerciais.

«A Áustria (salientou) baseia grande parte da sua economia no negócio do esqui e necessita das Olimpíadas para fomentar essa Economia. Acrescentou que a atitude dos Estados Unidos e do Canadá, neste aspecto, é um **«conglomerado»**.

«Os nossos atletas competem por amor ao desporto. De um modo geral, não estão interessados em fazer carreira no esqui, mas desejam exceder-se a si próprios no desporto que escolheram» __ afirmou.

A sua irmã (Susan Chaffee), que também foi componente da equipa olímpica norte-americana de 1972, declarou que o problema nos Estados Unidos, é que um desporto amador precisa de apoio do Governo __ problema que é lugar-comum em outros países.

A opinião dos que assistiram à conferência foi unânime num ponto: é preciso salvar os Jogos. Mas, para isso, torna-se absolutamente necessário introduzir-lhes alterações.

«Quando o Nacionalismo for afastado, quando a irmandade dos atletas se puder elevar ao nível do desporto puro, então poderemos fazer reviver o ideal que é agora apenas uma hipocrisia. É este o único modo de salvar as Olimpíadas» __ afiirmou Andrea Lawrence.

MEDIDAS DRÁSTICAS PARA REDUZIR GASTOS

Entretanto as autoridades de Lake Placid (Nova Yorque) acreditam poder organizar, em 1980, umas Olimpíadas de Inverno que poderão servir de modelo a todos os futuros Jogos Olímpicos, tanto de Verão como de Inverno.

Para começar, seriam impostos limites ao número de acompanhantes dos atletas, dos representantes dos órgãos de informação e dos espectadores...

«Os Jogos Olímpicos, tanto de inverno como de verão, são demasiado grandiosos» __ declara Norman Hess, componente da delegação de Lake Placid que se deslocou à Suiça, numa vã tentativa para chamar a Lake Placid a realização dos Jogos de 1976, depois de Denver e Salt Lake City terem anunciado a sua desistência.

«Temos de reduzir as Olimpíadas a um tamanho e custo que não sejam proibitivos (acrescenta Hess). **Temos já um plano para o efeito, que será aplicado em 1980.**

Actualmente, Lake Placid está a fazer todos os esforços para organizar os Jogos de 1980.

«Examinei as cifras referentes às recentes Olimpíadas, especialmente as de 1972, em Sapporo __ explica Hess. __ **Se não estou em erro, ali estiveram 1.067 atletas, 500 representantes das equipas e cerca de 4.000 jornalistas. Não vejo necessidade de haver um delegado por cada dois atletas nem tantos jornalistas.**

«O nosso plano é este: não distribuiremos cartões de Imprensa a todos os que o solicitarem Os pedidos apresentados por diários de pequena tiragem, por semanários e por revistas mensais serão rejeitados.

«No que refere aos espectadores, venderemos apenas o número de bilhetes que um recinto possa comportar. Por exemplo: se o recinto onde se disputam as provas de saltos de esqui tem capacidade para dez mil espectadores, é exactamente esse o número de bilhetes que serão postos à venda. Ninguém mais será autorizado a entrar na Área».

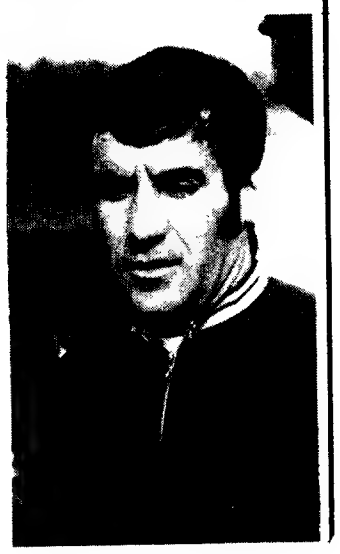
De acordo com Hess, o mesmo princípio será aplicado aos alojamentos.

«Temos à volta de 5.000 camas disponíveis na área Lake Placid __ Saranac __ Wilmington. O número sobe a 20 mil se incluirmos as da área de Plahsburgh, que fica a 80 quilómetros de distância.

«Só terão direito a alojamento aqueles que estiverem munidos de credenciais. Todos os outros poderão ver as competições na televisão, ou ler nos jornais.

E este o único modo de fazer com que as Olimpíadas voltem a ser o que eram __ diz, a terminar, Hess. Comparem o custo das Olimpíadas de 1964, em Innsbruck, com o bilião de dólares despendido em Sapporo.

«Tem de se estabelecer um limite. Não abdicaremos da nossa posição: assim é que as Olimpíadas devem ser».



Estes homens custaram 1340 CONTOS

Os 1340 contos despendidos pelo Benfica no pagamento de honorários ao «pessoal técnico» do seu departamento de futebol, foram, no ano transacto, amplamente compensados pelos resultados vitoriosos do pé na bola benfiquista. Com excepção da malograda e mal conduzida «campanha europeia», quantas provas deixou de levar por vencida, nos diferentes escalões, o «esquadrão da Luz»? Hagan, Cabrita, Ângelo, Coluna e Biri foram os homens que dividiram (nas devidas proporções e percentagens) parte da parte mais bem empregue do capital «encarnado». A outra foi a que se gastou com os jogadores. Aqueles fabulosos jogadores do Benfica...

PORQUÊ um relógio CAUNY vale mais do que custa?

PORQUE o seu slogan «Uma marca para toda a vida» não é uma utopia.

PORQUE desde há 45 anos oferece um bom relógio a preço popular.

PORQUE a sua produção permite fabricar relógios com uma pequena margem de benefício.

Compare a sua mecânica com outra marca de maior preço de venda e comprová-lo-á.

ADM. UNIVERSIDADE

EXAMES «AD HOC» — MAIORES DE 25 ANOS

CURSOS ESPECIALMENTE ORGANIZADOS PARA O EFEITO

—— PREPARAÇÃO INTENSIVA ——

EXTERNATOS

São Vicente • Rua do Paraíso, 28 Tel. 864100

Marquês de Pombal • Rua Morais Soares, 93 Tel. 82 02 21/83 46 58

Álvares Cabral • Avenida Grão Vasco, 1 (Benfica) — Tel. 70 69 74/5

LICEAL — PREPARATÓRIO — COMERCIAL — INSTITUTOS

JUDO

Angolanos nos nacionais

Jorge Teixeira, João Coutinho, Carlos Mário, Eduardo Galeão e Romeu Galeano, todos do Judo Clube de Angola, foram escolhidos pelo seleccionador provincial Frygies Torok para se deslocarem a Lisboa a fim de disputarem os Campeonatos Nacionais de Judo nas categorias de «Esperanças» e «Juniores».

A escolha foi feita em função dos resultados obtidos nos Campeonatos angolanos que acabam de se disputar, em que aqueles atletas se classificaram, respectivamente, campeões de leves e meios médios (esperanças), médios e meios pesados (esperanças) e médios (juniores), leves (juniores), meios médios __ vice-campeão __ (juniores) e médios (juniores).

GOLFE

Brasileiros em Portugal

Ismar Brasil e Edu Cortes garantiram, no Itanhanga, a sua participação na equipa brasileira que nos dias 13 e 14 de Março disputará o torneio «Pedro Alvares Cabral», em Portugal.

Os golfistas Jaime Gonzalez, Ricardo Rossi, Douglas Mac Farlane e João Costa Lima estavam já seleccionados.

Nos Estados Unidos

OS DESPORTOS FAVORITOS

..O desporto-rei (quanto ao público) nos Estados Unidos, continua a ser o futebol americano. A natação, entretanto, é o desporto mais praticado pelos americanos.

..O «baseball», que cedeu o primeiro lugar ao futebol americano em 1966, continua (porém) pouco atrás: no ano passado, a diferença de popularidade era de 3 por cento apenas. Quanto ao terceiro lugar, sempre quanto ao público, permanece em poder do basquetebol. O «borem», todavia, que era sétimo, passou para quarto lugar.

..Quanto ao futebol á inglesa («soccer») verifica-se que passou de 12.º lugar para quinto, obtendo treze por cento do público quando só tinha um por cento em 1959. E de notar, curiosamente, que nenhum dos desportos praticados figura na lista dos desportos de grande bilheteira, excepto o «baseball».

..Assim, quanto a espectadores a lista é, por ordem decrescente:

..Futebol americano, «baseball», basquetebol, boxe, futebol, hipismo, hóquei sobre o gelo, luta, atletismo, corridas de galgos, automobilismo e ténis.

..Quanto a desportos praticados, informa também a France-Press, a ordem (decrescente) é a seguinte:

..Natação, «bowling», pesca, «baseball», golfe, caça, ténis, voleibol, equitação, patinagem sobre o gelo e esqui.

Casa Pia: renovação na ginástica

A secção de Pina Manique da Casa Pia de Lisboa deu, a partir do corrente ano lectivo, uma nova orientação ao modo como se vinham processando as aulas de educação física naquele estabelecimento de ensino.

Como principal responsável pelo quadro de professores, ouvimos o prof. Morais Rocha que começou por dizer:

«Toda a acção dos professores de educação física que estão neste momento na secção de Pina Manique, está dentro de uma orientação prèviamente estabelecida, quero dizer, planificada, no princípio do ano lectivo justamente com todos esses professores. Para mim, o importante é que todo esse trabalho teórico, está até agora, posto na prática. E trabalhos teóricos há muitos: — Sobre Educação Física, sobre planeamentos, sobre orientação a dar dentro de estabelecimentos de ensino, simplesmente considero que, não só se fez o trabalho teórico no princípio do ano como se conseguiu dar-lhe acção».

Como foi isso possível?

«Conseguimos pôr em acção esse plano pelos professores, que souberam estimular os próprios alunos, como pelas actuais condições que a Secção de Pina Manique nos oferece e, principalmente, a ajuda grande e o apoio que tivemos da parte do Director, que nos tem proporcionado todos os meios necessários para poder formar essa acção, pois evidentemente, sem termos esses meios, mesmo por muito boa vontade que tivéssemos, não o podíamos pôr em execução.

Desde a ginástica clássica, educativa, de esquemas, até à ginástica desportiva de aparelhos e aos saltos (sejam de mesa alemã, de mini-trampolim, sejam exercícios de solo, de tapete, etc.) pretendemos, aproveitando o conjunto de circunstâncias proporcionadas, cumprir da melhor maneira, o programa inicialmente estabelecido. Claro, que houve uma série de condições favoráveis, independentemente das condições dos próprios professores interessados e especializados dentro desse tipo de ginástica, que foram factor importante. Nem todos os professores de educação física estão preparados para determinadas modalidades, como é lógico. Este ano tínhamos todas essas condições».

Secção de Pina Manique: ginástica ajuda a vencer

E os moços: têm correspondido?

«O interesse dos alunos pela ginástica desportiva tem sido grande, bastante grande, o mesmo acontecendo por parte da Direcção da casa, que além de nos proporcionar o material desportivo necessário, nos tem ainda entusiasmado por esse tipo de ginástica, inclusivé, com ideias de, no futuro, ser essa modalidade (a ginástica desportiva) representativa do desporto da Casa. Até agora as modalidades representativas têm sido mais no campo desportivo, quero dizer, «desportivo-jogos» e nunca de ginástica.. Além disso, nós, professores, consideramos a ginástica desportiva, uma das modalidades mais completas, porque independentemente do ginasta ter de praticar vários aparelhos com características muito diferenciadas, exige um aspecto formativo, que consideramos muito importante para a ginástica escolar.

Temos ainda um outro aspecto educativo-formativo, que interessa para o ambiente escolar: Dar ao praticante as condições necessárias à vida corrente e mais além delas: prepará-lo físicamente para uma destreza e uma coordenação neuro-muscular, dando-lhe ainda um conhecimento, de si próprio, das suas possibilidades físicas. Este é um dos objectivos que pretendemos atingir, pelo menos na secção de Pina Manique».

De quem partiu a ideia do sarau a realizar na próxima sexta-feira e quais os objectivos que o mesmo pretende atingir?

«A iniciativa nasceu de um grupo de professores e teve logo todo o apoio da Direcção e dos próprios alunos.

Há dois objectivos (neste Sarau) importantes a meu ver: um, estimular e mostrar aos rapazes o que se pode atingir com a prática da ginástica desportiva e por isso cá está a ideia de trazermos até cá os nossos melhores ginastas. O outro, é de facto, o aspecto educativo e pedagógico da modalidade que nunca nos podemos esquecer aqui dentro da Casa: mostrar: aos rapazes o aprumo, a ordem e a disciplina com que é praticado esse tipo de modalidade que eu considero bastante importante em relação às outras. Considero a ginástica desportiva uma modalidade de excelência».

Para além da ginástica quais as outras modalidades que se praticam na secção de Pina Manique?

«Dividimos todos os meios de Educação Física que tínhamos possibilidades em núcleos; demos aos alunos, a todos os alunos, a sua preferência por três modalidades. Ora isto, dava-nos uma garantia de que o rapaz iria fazer uma educação física de que gostava, quando muitas vezes sabíamos, até pela experiência de alguns anos, que muitos alunos iam para as aulas de Educação Física contrariados, talvez porque a modalidade lhe é um pouco imposta».

Elisário salta: ele quer, aos 13 anos, ser professor de educação física

NÃO É SÓ ENSINAR...

José Robalo é outro dos professores de educação física do quadro da secção de Pina Manique. No nosso breve contacto, tivemos oportunidade de ver, acima da sua missão de professor de educação física, a sua preocupação de professor-educador. Não nos enganámos quando o ouvimos:

— «No que se me afigura, a ginástica desportiva, independentemente do gosto particular que dela possa ter, é um dos meios mais válidos na educação e muito particularmente para as características específicas dos alunos da Casa Pia. Isto porque, não tendo estes miúdos atrás deles nada que os justifique como posição de valores, têm a necessidade natural de criar, e a forma mais fácil de criar é-lhes apresentada sob a forma de uma pseudo-criação, cuja concretização se manifesta pela necessidade de destruição, pois que é esta a forma que lhes permite sentirem-se transformadores do meio. Todos eles no seu todo, vivem a sobrevivência, a luta, o vencer, e a forma mais fácil, se bem que apócrifa, de vitória, encontram-na exactamente na modulação do meio, cujo caminho mais fácil é o da destruição. São, portanto, estes, indivíduos de actividade preponderantemente sincrética, sem qualquer espécie de disciplina. É por isso que me pareceu encontrar, suponho mesmo, na ginástica desportiva o meio ideal a exigir a auto-disciplina contrabalançadora e equilibradora do seu psiquismo. E mais: a pouco e pouco desperta neles uma noção de arte, de equilíbrio, de beleza, e isso dá-lhes portanto, uma outra forma de expressão e de afirmação de personalidade através da criação e do amor ao que é positivo».

A concluir, expressando melhor o seu pensamento sobre a modalidade, José Robalo, ainda nos afirmou:

«Assim eu vejo a ginástica desportiva: um meio que, para mim, começa a ser um partido na minha preocupação de educador. Afigura-se-me poder vir a encontrar nela (ginástica desportiva) a melhor forma, o melhor caminho que eles (os rapazes) têm de se encontrarem, de se afirmarem e de se poderem integrar amanhã como elementos válidos, disciplinados e portanto, como elementos úteis à sociedade.

FRANCISCO FARIA

CASA AFRICANA
PRIMAVERA-VERÃO 1973
ABERTURA DE ESTAÇÃO 5 DE MARÇO

Recauchutagem LUSA
(COIMBRA)
2 QUALIDADES—2 PREÇOS
DESCONTOS ATÉ 50 % MAIS BARATOS DO QUE O PREÇO DA CONCORRÊNCIA EM PNEUS DE
AUTO e COMERCIAIS
PREÇOS SÓ FEITOS DIRECTAMENTE PELA FÁBRICA
EM BREVE TAMBÉM EM PNEUS PESADOS
FABRICOS GARANTIDOS CONTRA QUAISQUER DEFEITOS TÉCNICOS
CONDIÇÕES ESPECIAIS AOS NOSSOS AGENTES

TECIDOS ESTAMPADOS
FINLÂNDIA É MERCADO
— Temos 50 anos de experiência de têxteis na Finlândia — estamos lá.
— Temos bem estabelecido um contacto directo e constante com Portugal — estamos cá.
— Temos prestígio (lá e cá) apreciável através de referências que prontamente fornecemos.
Agora o mercado finlandês «pede» tecidos estampados.
Dirigimos um convite às boas Empresas que querem vender na Finlândia — e não encontraram ainda o caminho certo. Contactem-nos ràpidamente! Só nos interessam Firmas que encarem sèriamente o assunto de exportação.
Carta para Emp. de Confecções Nórdica
C/o NUNO MORGADO — Ap. 10 / Vila do Conde

GRANDE CARNAVAL NO ALGARVE
PRIMEIRO CARNAVAL EM QUARTEIRA
HOTEL QUARTEIRASOL
DINNER DANCING QUARTEIRASOL
4 NOITES — 3 — 4 — 5 — 6 MARÇO
2 AMBIENTES À SUA ESCOLHA
2 CONJUNTOS — «MOZAMBEATS»
«QUARTEIRASOL SHOW»
GRANDES ATRACÇÕES
SÁBADO — JANTAR DE GALA
DOMINGO — NOITE ALGARVIA
SEGUNDA — JANTAR TRAPALHÃO
TERÇA — CHURRASCADA À BRASILEIRA
— DIVIRTA-SE E DANCE ATÉ DE MADRUGADA —
SURPRESAS ATÉ ÀS 6 DA MANHÃ
PEÇA-NOS PROGRAMA DETALHADO
★ Reservas nas Agências de Viagem
★ ou pelos Tels. n.os 65421 - 65316

CENTRO DE MEDICINA DENTÁRIA
— RATO —
Obturações, extracções, correcção de dentes, dentaduras
— PREÇOS DE POLICLÍNICA —
CONSULTAS DAS 9 ÀS 19 HORAS
ENCERRADO AOS SABADOS E DOMINGOS
Calçada Bento da Rocha Cabral, 1 (ao Rato) — Tel. 68 41 91

A Fábrica Escola Irmãos Stephens associando-se às comemorações do 4.º Centenário dos Lusíadas, criou uma colecção de peças alusivas ao acontecimento, pelo que tem à disposição dos interessados, uma série única de 500 cálices numerados em cristal de chumbo (27%) de fabrico e decoração inteiramente manuais.

Quaisquer informações podem ser pedidas a

F.E.I.S. / Marinha Grande,
ou
DELEGAÇÃO / Praça José Fontana, 16-1.º
Lisboa 1

Inglês em Inglaterra

ANGLO-CONTINENTAL SCHOOL OF ENGLISH
(Reconhecida oficialmente)
CURSOS PRINCIPAIS INTENSIVOS
CURSOS PREPARATORIOS PARA EXAMES DE CAMBRIDGE
CURSOS DE VERÃO
CURSOS ESPECIAIS para: pessoal em Viagem e Turismo, Secretárias, Executivos, Professores de Inglês, Funcionários de Banco, pessoal de Hotel e Restaurante

INTERLINK School of English
CURSOS INTENSIVOS
CURSOS DE VERÃO

ACSE International School
CURSOS DE FÉRIAS
para menores, 10—16 anos

Documentação pormenorizada das escolas e cursos em **Bournemouth, Londres e Oxford** sem compromisso para
INTERSCHOOL INFORMATION SERVICE, Ellen F. Broom, Rua Castilho, 38 - 1º E, Lisboa, Telef. 45698

Nome Sr. / Sra. PP12A
Rua Cidade

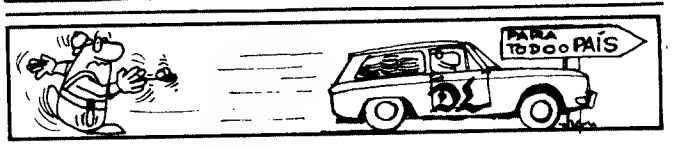
Horus
RAUL LOURENÇO LAPA
QUIRO-ASTROLOGO

CONSULTE «HORUS» e ficará a conhecer

OS ANOS MAIS IMPORTANTES da sua vida, os momentos mais felizes ou menos favoráveis que lhe estão reservados, EM TODOS OS CAPÍTULOS DA SUA EXISTÊNCIA!...

E AINDA muitas outras informações de grande interesse àcerca de si próprio e do seu Destino...

Todos os dias úteis das 10 às 12 e das 14 às 19 horas. Av.ª João XXI, 3-2.º Frente (Junto à Praça do Areeiro) - Telef. 724162 - LISBOA



PARA O PERÍODO DE 25 DE FEVEREIRO A 3 DE MARÇO — horóscopo pelo astrologo HORUS

ÁRIES

(21 de Março a 20 de Abril)

AMOR: -Excelente período em que terá oportunidade de realizar algumas das suas mais belas ambições. Qualquer mudança ou alteração que o pretender fazer na sua vida sentimental terá bom acolhimento. O período estimula ao amor, à tranquilidade e às amizades.
Dinheiro: -Os seus assuntos de ordem financeira estão bem protegidos durante esta semana. Altura propícia para fazer boas aplicações de capital ou solicitar algo de que necessite.

PROFISSÃO: - A posição profissional está sob influências favoráveis mas, para que atinja a sua plenitude necessita de usar de bastante método. Se as circunstâncias lhe depararem uma viagem, não hesite em realizá-la.

SAÚDE - Evite os excessos alimentares. A abstinência é a medida que deve adoptar.

TAURUS

(21 de Abril a 21 de Maio)

AMOR: - À medida que a semana for progredindo, os seus interesses familiares e amorosos se encaminharão no sentido das suas ambições mais queridas.
DINHEIRO: - Observa-se pequena subida financeira. Se anda a pensar em dar qualquer passo ou fazer qualquer tentativa no intuíto de conseguir dinheiro ou maiores lucros, a altura é oportuna para agir.
PROFISSÃO: - Favorável ao bom desenvolvimento da sua vida profissional. As viagens de negócios estão sob bons auspícios. O momento é propício para cuidar de negócios alheios e administrar empreendimentos comerciais.
SAÚDE: - A saúde reclama o seu interesse e cuidado. Próximo ao final da semana, use de precaução contra as inflamações no peito e na garganta.

GEMINI

(22 de Maio a 21 de Junho)

AMOR: - Os assuntos do coração estão sob boas influências neste espaço de tempo. Aproveite o ensejo para se declarar ou dar um passo em frente nas suas aspirações de amor. As condições de família e os interesses domésticos dar-lhe-ão satisfação e bem-estar.
DINHEIRO: - No plano financeiro torna-se necessário raciocinar com lógica para assim poder chegar a bom termo com os seus projectos.
PROFISSÃO: - O seu trabalho, nesta altura, será bastante absorvente e os dias parecer-lhe-ão demasiado longos. Em tudo quanto se refira a negócios e assuntos ligados à sua profissão será preciso perseverança e confiança nos próprios esforços.
SAÚDE: - O aspecto referente à saúde é benigno, por conseguinte qualquer alteração ao seu estado físico é passageiro e sem consequências de maior.

CANCER

(22 de Junho a 22 de Julho)

AMOR: - Os seus desejos e as suas esperanças afectivar-se-ão. A influência de Vénus reflectir-se-á favorávelmente nos problemas da sua vida privada que tenha de resolver neste período. De convívio familiar, das rrelações de amizade e da vida em sociedade retirará prazer e felicidade.
DINHEIRO: - Conseguirá alguma melhoria, mas não é o momento para fazer despesas extraordinárias.
PROFISSÃO: - O momento é mais indicado para gozar das delícias da vida social do que para resolver os seus problemas profissionais confiando na sua própria intuição. No entanto, esforce-se por cumprir o melhor possível a sua missão.
SAÚDE: - Haverá alguma ansiedade e impaciência, e por isso deverá fazer o máximo de repouso, físico e mental.

LEO

(23 de Julho a 22 de Agosto)

AMOR: - A sua disposição neste circulo de tempo é confiante, honesta, simpática, e inteligente. Oportunidades para melhorar a sua posição social e tratar de casos importantes em relação ao ser amado ou a quaisquer problemas que pretenda resolver e que se prendam com este sector.

DINHEIRO: - Tempo benéfico para realizações financeiras. Consagre-se aos seus negócios e siga apenas a sua ideia, porque a sorte sorrir-lhe-á. Favorável a viagens.

PROFISSÃO: - Favorece as iniciativas pessoais, qualquer que seja a natureza das suas ocupações. Novas oportunidades surgirão, pondere-as devidamente e depois dê-lhe desenvolvimento.

SAÚDE: - Não abuse das bebidas, nem das comidas demasiadamente apuradas, a fim de não sofrer de perturbações gástricas. Faça exercício.

VIRGO

(23 de Agosto a 22 de Setembro)

AMOR: - A vida amorosa e o ambiente familiar não se apresenta muito lisongeiro; acontecerá que alguém virá perturbar a harmonia da sua vida sentimental através de difamacões.

DINHEIRO: - Semana de pouco merecimento em matéria de finanças. Como tal, convém não dar largas aos gastos.

PROFISSÃO: - O momento não é propício a novos campos de acção fora do seu âmbito profissional. Mesmo no seu emprego ou nas suas ocupações habituais terá de ter cuidade a fim de não passar por situações aborrecidas ou críticas.

SAÚDE: - Pequenas enxaquecas. Use de cuidado a fim de se resguardar de ferimentos que ameaçam surgir.

LIBRA

(23 de Setembro a 22 de Outubro)

AMOR: - Os acontecimentos neste campo não vos favorece durante este período, pois há tendência a surgirem mal-entendidos na família e com a pessoa amada. Atenção aos movimentos desonestos de algumas pessoas do seu circulo de relações.

DINHEIRO: - As suas esperanças não se realizarão totalmente, e algum progresso que conseguir obter será um pouco abaixo dos seus desejos.

PROFISSÃO: - Dê a devida atenção aos seus deveres e responsabilidades que pesam sobre os seus ombros, a fim de não praticar erros ou tomar atitudes difíceis de remediar. Não se isole nos seus problemas e reprima a obstinação.

SAÚDE: - Não deixe os nervos dominarem a razão. Procure a vida calma e fuja das multidões.

SCORPIUS

(23 de Outubro a 21 de Novembro)

AMOR: - Uma semana que deverá ser passada sob o signo do silêncio e da serenidade. Não expanda exuberantemente os seus sentimentos e procure viver no sossego e na quietude, fazendo o possível por não se colocar em evidência.
DINHEIRO: - Das empresas a que deitar mão tirará bons frutos com resultados à vista. Embora animado desta boa influência, não deve apesar disso, dar largas aos seus gastos pessoais.
PROFISSÃO: - A altura é de progresso na profissão. O que empreender nesta ocasião terá sucesso. O período é indicado para agir e tomar novas responsabilidades.
SAUDE: - As suas influências astrais para a corrente semana não se apresentam muito propícias. Por isso, tome cuidado com a saúde.

SAGITTARIUS

(De 22 de Novembro a 21 de Dezembro).

AMOR: - Período em que todo o cuidado não será de mais com as amizades, pois corre perigo de falsidades que procurarão atingir a sua reputação. Afaste-se das amizades suspeitas. Podera perfeitamente evitar complicações importantes, desde que saiba agir com sensatez, e dominar a sua impulsividade natural.
DINHEIRO: - A semana é fraca em matéria de dinheiros. O que auferir dificilmente cobrirá as despesas que terá necessidade de efectuar.
PROFISSÃO: - Não sairá bem dos empreendimentos novos, nem os seus esforços com o fim de operar mudanças na sua vida terão êxito. Siga com o labor que tiver iniciado. Os projectos em estudo requerem ponderação e melhor oportunidade para serem postos em prática.
SAUDE: - Desfavorável, há possibilidade de males do estômago ou lesões nos membros superiores.

CAPRICORNIUS

(22 de Dezembro a 20 de Janeiro)

AMOR: - A boa disposição de que dará mostras durante esta semana, muito contribuirá para conquistar fácilmente amizades, e causará muito boa impressão no circulo das suas relações.

DINHEIRO: - Explore eficazmente as facilidades que se lhe depararem neste período e experimentará uma melhoria na sua vida económica.

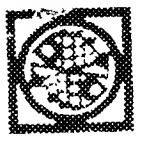
PROFISSÃO: - Os assuntos profissionais decorrerão bem. Um aspecto poderoso lhe permitirá tirar proveito de todas as oportunidades; os seus negócios prosperarão expandindo-se Trate dos seus problemas pendentes e terá êxito.

SAUDE: - Os males a temer durante esta semana são os ligados a perturbações no sistema articular.

AQUARIUS

(21 de Janeiro a 19 de Fevereiro)

AMOR: - Sob este aspecto a semana para si, apresenta-se um pouco mais convidativa. Colabore com os seus e terá bons entendimentos e felicidade. Nos assuntos puramente amorosos proceda de maneira mais requintada.
DINHEIRO: - Obterá uma certa melhoria através da sua actividade, as vantagens podem-lhe advir, também, pela acção de terceiros. No entanto, reprima a tendência aos gastos supérfluos.
PROFISSÃO: - A maioria das suas actividades rotineiras goza de bons aspectos. O progresso profissional será mais rápido enquanto se fizer sentir esta influência. Haverá boa inspiração para coisas de arte.
SAUDE: - As indisposições que porventura sentir durante este período, serão devidas principalmente ao seu estado de espírito.



PISCIS

(20 de Fevereiro a 20 de Março)

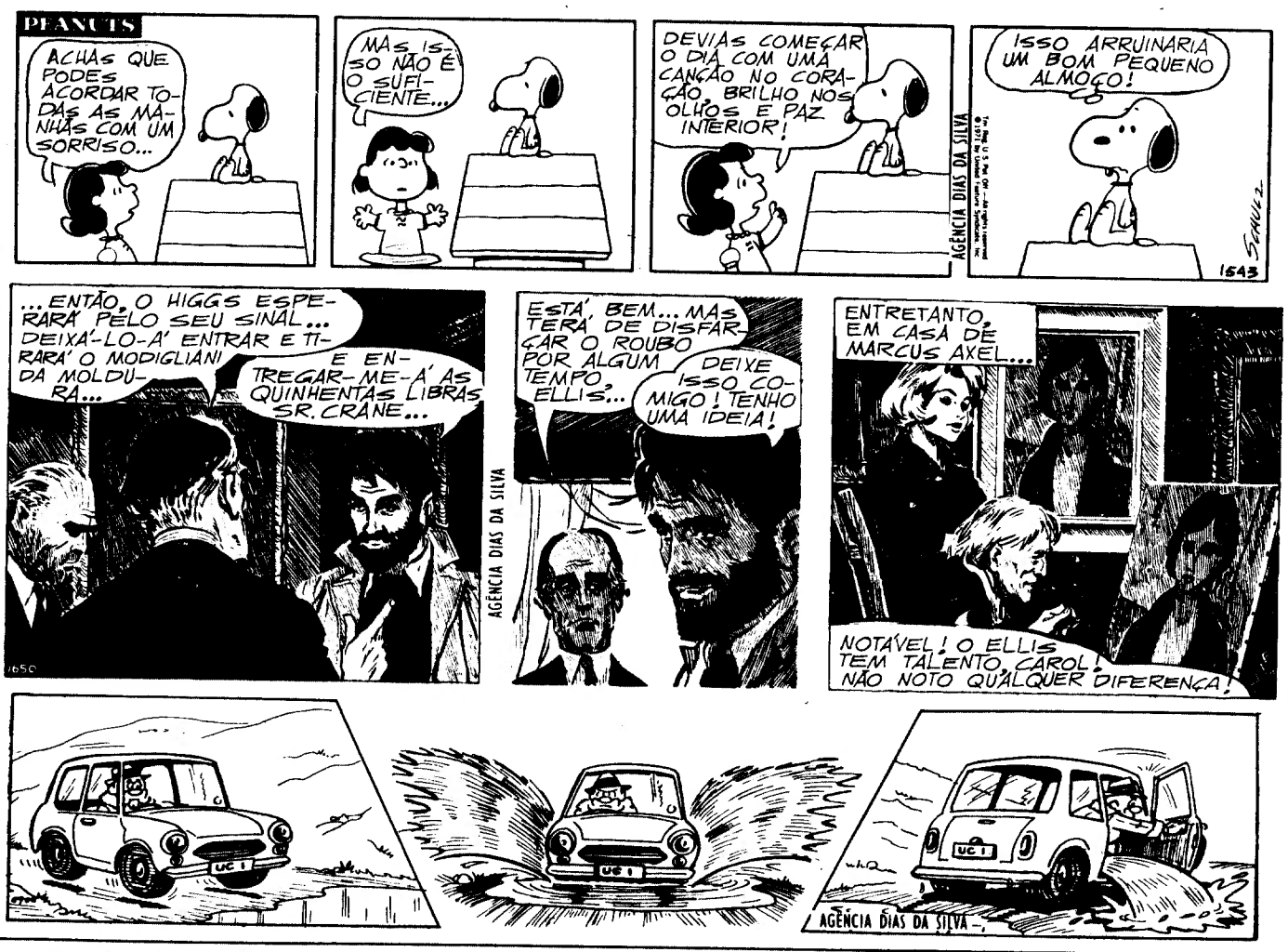
AMOR: - Nos acontecimentos desta semana em referência a este sector da sua vida, conte com contrariedades e mal-entendidos com o ser amado. As relações com a família e com as amizades também não lhe proporcionam ventura.

DINHEIRO: - Os proventos terão a mesma toada. Não conte com aumento e evite as despesas desnecessárias.

PROFISSÃO: - Viva-a o mais calmamente que lhe for possível. O mais pequeno descuido pode ocasionar situações embaraçosas para a sua vida profissional.

SAUDE: - Conte com algum nervosismo, cólicas e mal-estar geral, embora sem consequências graves.

Uma primeira remessa de dez leões deixou já o parque de Windsor em direcção à África do Sul. Destinam-se a uma reserva de Joanesburgo onde a espécie começa a rarear. Um dos primeiros leões a inaugurar esta nova exportação da Inglaterra para a África do Sul é carregado por quatro homens (depois de devidamente anestesiado, claro...).



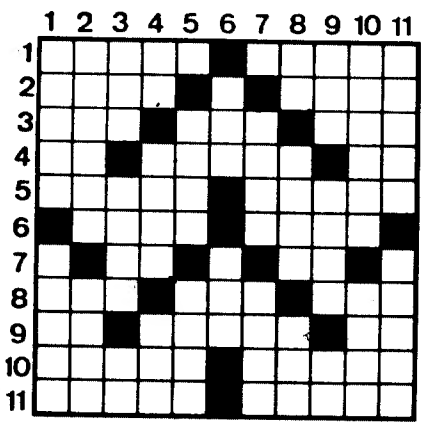
palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 10352

HORIZONTAIS

1 Freguesia do concelho de Mora. Farripas.
2 Enfraquecimento. Prefixo latino de composição de palavras que exprime a ideia de meio.
3 O mesmo que peludas. Álcool de melaço
4 Gostar muito de. Muito. Ouro (s.q).
5 Camareiras. Balela.
6 Fechas as asas para descer mais depressa. Vossa Alteza (abrev.)
7 Artigo definido. O mesmo que sírio da (Síria.) Pesar.
8 Ninho. Freguesia do concelho de Odemira.
9 Vigésima quarta parte do dia. Iguaria feita com massa de feijão especiarias e azeite de palma.
10 Chanca. Nome de homem.
11 Divisão de uma casa. Bebida refrigerante preparada com anidrido carbónico.



VERTICAIS

1 Chefe da Igreja Católica Astúcias.
2 Aviva. Nome de um peixe do Brasil.
3 Tapais. Verbal.
4 Desonestos. Pedra de altar.
5 Suspiros. Vais para fora.
6 Medida de líquidos da Holanda Senhora Prata (s.q.)
7 Um dos pontos cardeais. Espécie de mangueira do Gabão.
8 Pertences. Cada uma das partes dissociadas pela, corrente electrica. O mesmo que opas.
9 Preposição Demónio.
10 Causa amuo a. Passares ràpidamente.
11 Aparentar. Renque.

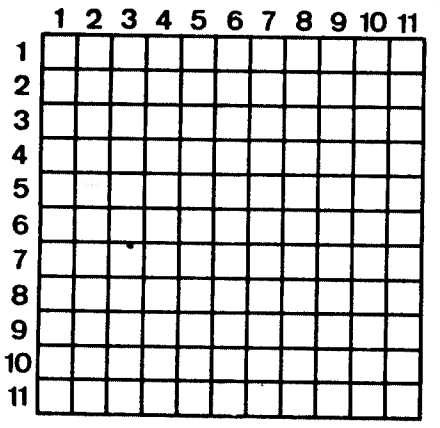
Resolveu completamente este problema?
Procure agora como segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 6508

HORIZONTAIS:

1 Conselho. Realiza.
2 Numeral. Acolá.
3 Para barlavento. Fluído aeriforme. Nome de mulher.
4 Rádio (s.q). Ocasiões. Érbio (s.q).
5 Transferir para outro dia. Rio de Portugal.
6 Avalio. Trata por tu.
7 Tempo do verbo ir. Nesse lugar.
8 Corcovo. Suspiros. Criminosos.
9 Nota musical. Pronome demonstrativo. Reis.
10 Naqquele lugar. Cidade da Albânia.
11 Apelido. Acarinho.



VERTICAIS:

1 Guarnecera de asas. Muralhar.
2 Oculto. Erra.
3 Sufixo que designa pequenez. Caminharia. Grande ribeira da Ásia Russa.
4 Pronome reflexo. Fêmea do boi. Gavinha.
5 Crio. Pegas.
6 Apelido. Mitologia.
7 Artigo definido. Estiagem. Rainha da Arábia também conhecida por Belkiss.
8 Utensílio doméstico. Folga. Preposição.
9 Pronome pessoal. Desmoronar. Troça.
10 Descrê. Estavam
11 Amargo. Imparcial.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10351

HORIZONTAIS:

1 VIÚVA. Tonel.
2 Amial. Aodre
3 Gó. É. Am.
4 Ala. Cab. Ide.
5 Alfa. Aira.
6 Marimba.
7 Opala. Barco.
8 Sr. Nus. Ir.
9 SEM. Aaz. Mod.
10 Egina. Anise.
11 Salém. Lanar.

VERTICAIS:

1 Vaga. Posses.
2 Imola. Prega.
3 Ui. Alma. Mil.
4 Vãs. ala Ne.
5 Al. Cara. Aam.
6 Ea. Na.
7 Ta. Bambuzal.
8 Ode. Ibas. Na.
9 Nó. Irar. Min.
10 Erada. Ciosa.
11 LEME. Morder.

Provérbio: Viúva é barco sem leme.

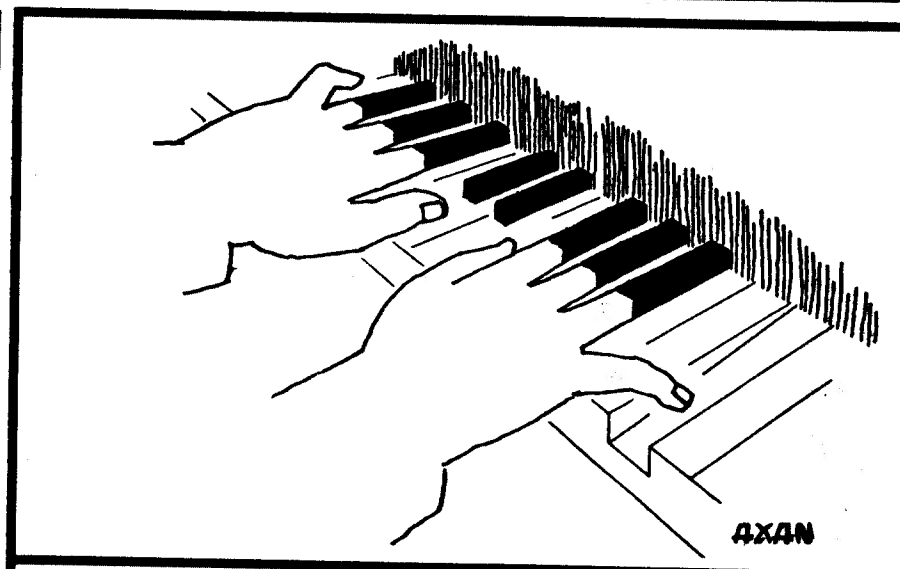
SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6507

HORIZONTAIS:

1 Gravada.
2 Amial. Tocar.
3 Baru. Rama.
4 Ato. Tem. Bom.
5 Latão. Ocara.
6 Eis. Sãs.
7 P.ª. Dá. CC. Ca.
8 Atear. Aotos.
9 Lui. Aos. Era.
10 Erre. Vagi.
11 Soara. Peros.

VERTICAIS:

1 Cabal. Pales.
2 Mata. Aturo.
3 Girote. Eira.
4 Rau. Aida. Er.
5 Al. Tosara.
6 Be. Ob.
7 AT. Moscas.
8 Dor. Caco. Vê.
9 Acabas Tear.
10 Amor. Corgo.
11 Aramá. Asais.



URBANIZAÇÕES E TURISMO

PRETENDEMOS ADMITIR

- Arquitectos e desenhadores
- Agentes técnicos e topógrafos
- Encarregados e operadores de máquinas

PRETENDEMOS COMPRAR

- Equipamentos de gabinete **novo ou usado**
- Todo o equipamento de urbanização **novo ou usado**

Respostas ao Apartado 1421 — LISBOA - 1

EM BOA EMPRESA

ADMITE-SE

- Pessoal para escritório expediente
- » » » contabilidade
- » » » cobranças
- » » balcão electrodomésticos
- » » » móveis

Boas garantias. Respostas ao Apartado 1421 — LISBOA - 1

Trabalhos de renovação da via

LINHA DO OESTE

Por motivo dos trabalhos complementares de Renovação da Via, na Linha do Oeste, a que se vai proceder, entre Bombarral e São Mamede, a partir do dia 19 de Fevereiro de 1973, serão suprimidas, nos dias úteis (de segunda-feira a sábado), as seguintes automotoras:

Automotora n.º 4025 (que parte de Lisboa-Rossio às 13-45 h.) — Entre Bombarral e São Mamede, fazendo-se o transporte de passageiros e bagagens entre estas estações por autocarros;

Automotora n.º 4122 (que chega ao Cacém às 17-35 h.) — Entre São Mamede e Bombarral, fazendo-se o transporte de passageiros e bagagens entre estas estações por autocarros.

Os autocarros passam junto do apeadeiro de Paul.

Pedimos desculpa dos inconvenientes que estas supressões possam causar e esforçar-nos-emos por reduzir o período em que o teremos de fazer.

EXCURSÕES CP

CARNAVAL NO ALGARVE — em 4/5/6 de Março

Duas noites de festa em Lagos

- Partida de Lisboa-T. Paço, às 7.35 do dia 4 (domingo), no barco/«rápido do Algarve», em 1.ª classe.
- Alojamento em Hotel de 1.ª classe (Lagos). Bailes e festa, com mesa reservada, nas noites de 4 e 5.
- Visita de autocarro, com guia, a todo o litoral algarvio desde Albufeira a Sagres.
- Regresso no dia 6. Partida de Tunes, às 18.15 e chegada a Lisboa às 23.40.

PREÇOS (tudo incluído)

De LISBOA	1.180$00	Coimbra	1.320$00
PORTO	1.400$00	Santarém	1.230$00
Setúbal	1.160$00	Entroncamento	1.260$00

CARNAVAL EM OFIR — em 4/5/6 de Março

- Partida de Lisboa-St.ª Apolónia, no «rápido», em 1.ª classe, às 8.45, do dia 4. Almoço num restaurante típico do Porto e visita panorâmica da cidade, em autocarro, com guia.
- Alojamento em Ofir (Hotel de 4 estrelas). Visita de Viana do Castelo, Monte St.ª Luzia e outros pontos do Minho (a paisagem das mimosas floridas...).
- Baile e espectáculo de variedades na noite de 5 (suplemento de entrada facultativo).
- Regresso no dia 6. Partida de Porto-Campanhã às 18.45, e chegada a Lisboa às 23.05.

PREÇOS (tudo incluído)

De LISBOA	990$00	Entroncamento	940$00
Santarém	960$00	Coimbra	830$00

CARNAVAL NA SERRA e amendoeiras floridas no Alto Douro — em 4/5/6 de Março

A fascinação da neve na Serra da Estrela e as lindas panorâmicas das amendoeiras floridas na região de Figueira de Castelo Rodrigo a Freixo de Espada à Cinta.

- Partida de Lisboa-St.ª Apolónia, no «rápido», 1.ª classe, às 8.45 do dia 4. Alojamento em Hotel de 1.ª classe (Guarda).
- Visita de Castelo Rodrigo, Serra da Marofa, Moncorvo, Trancoso e dos mais belos pontos da Serra da Estrela.
- Regresso no dia 6. Partida de Coimbra-B, às 20.38. Chegada a Lisboa às 23.05.

PREÇOS (tudo incluído)

De LISBOA	990$00	Entroncamento	940$00
PORTO	920$00	Évora/Beja	1.100$00
Santarém	960$00	Faro/Lagos	1.190$00

Redução para crianças e para grupos de 10 ou mais pessoas.

INFORMAÇÕES E FOLHETOS DESCRITIVOS:

Estação de Lisboa-Rossio
Estação de Santa Apolónia
Rua do Arsenal, 124-1.º — Lisboa
Organização Tel. 36 75 29

CONSULTE A SUA AGÊNCIA DE VIAGENS

GIL VICENTE

CASCAIS

HOJE, às 17 horas

AS CRIADAS

de GENET

ÚLTIMO DIA

Telef. 280919 — M/ 18

DONA BERTA CASTRO E MAIA

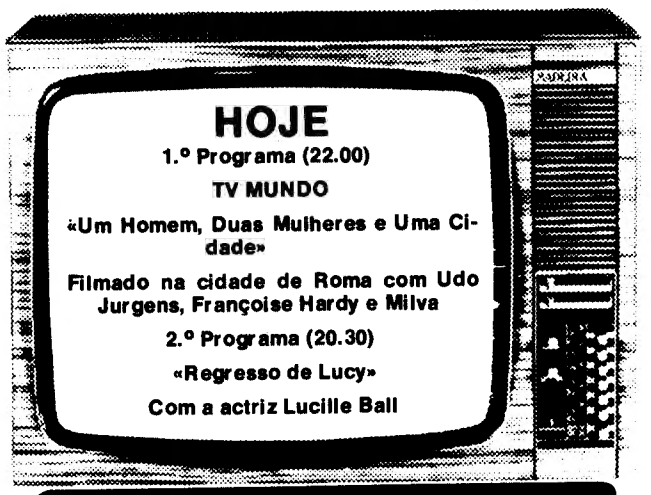
MISSA DO 30.º DIA E AGRADECIMENTO

Francisco Manuel Carlos da Maia, sua mulher e filhos, participam que amanhã, às 12 horas, na igreja da Lapa, será celebrada missa pelo eterno descanso de sua querida mãe, sogra e avó, agradecendo desde já as pessoas que se dignarem assistir ao piedoso acto, bem como às que de qualquer forma lhes manifestaram o seu pesar e a quem por desconhecimento de moradas o não fizeram directamente.

P. N. A. M.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Diogo Abreu Fragoso Amado. Café Restaurante «Monte Alentejo» — MONTEMOR-O-NOVO

televisão



HOJE

1.º Programa

1.º Período

12.30 Abertura e missa de domingo
13.10 Dia do Senhor
13.35 Nos Bastidores da aventura
13.45 Telejornal — 1.ª edição
14.00 «Robin dos Bosques»
14.25 Hoje pode ver
14.35 Expedição
15.00 TV Educativa
15.30 «A Receita milagrosa»
17.05 TV Infantil
17.50 TV Rural
18.15 Semi-breve
19.30 Telejornal - 2.ª edição
19.45 «Adeus 15 anos»
20.00 TV 7
21.00 Agente secreto à força
21.15 Concurso Telegarte
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 TV Mundo
23.15 Domingo desportivo — 2.ª E EDIÇÃO
23.40 Telejornal — 4.ª edição
23.45 Meditação e fecho.

2.º Programa

20.30 Abertura e «Regresso de Lucy»
21.00 Dó, lá, si
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 Antologia
23.45 Fecho.

AMANHÃ

1.º Programa

1.º Período

12.45 Abertura e desenhos animados «Alvin Show»
13.00 Feminino singular
13.15 A Família Partridge
13.45 Telejornal — 1.ª edição
14.00 Vivendo o futuro
14.25 Logo à noite.

2.º Período

14.40 Ciclo Preparatório TV
19.00 TV Educativa
19.30 Telejornal — 2.ª edição
19.45 TV Juvenil
20.00 Momento desportivo
20.30 Portugal além da Europa
21.00 Desenhos animados
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 Grande Prémio da Canção da TV — 1973
00.00 Meditação e fecho

2.º Programa

20.30 Abertura e desenhos animados
20.45 Vivendo o futuro
21.00 A Família Partridge
22.00 Museu do cinema
23.30 Fecho.

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
C.V.P.	66 5342	Aeroporto	71 1397
H. de S. José	86 0131	C.R.G.E.	53 7021
H. de S. Maria	73 0231	C. Aguas	36 1361
P.S.P.	36 6141	Combóios	32 6222

tempo

Situação do tempo

09.00 H.

Em Portugal Continental o vento era geralmente fraco e o céu estava limpo.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H

PORTO	6º
PENHAS DOUR.	4º
COIMBRA	10º
PORTALEGRE	8º
LISBOA	11º
FARO	12º
FUNCHAL	13º

TEMPERATURAS EXTREMAS

Tavira
Máxima 13,2º
Montalegre
Mínima 2º

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar 13,2º
Atmosfera 12º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
9.30	3,0 m	2.47	1,6 m
22.07	3,0 m	15.12	1,7 m

Dia 26

10.56	2,8 m	4.03	1,8 m
23.34	3,0 m	16.34	1,8 m

Dia 27

		5.31	1,8 m
12.22	2,9 m	17.57	1,8 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu por vezes muito nublado nas regiões do Norte e pouco nublado ou limpo nas regiões do Centro e Sul, vento fraco predominando de Norte rondando para Nordeste durante a noite nas regiões do Centro e Sul.

AMANHÃ

NASCER ÁS — 8.15
OCASO ÁS — 19.25

DIA 25 DIA 5 DIA 11 DIA 18

rádio

EMISSORA 1. PROGRAMA

14.30 Tarde Desportiva: rádio desporto, futebol; relatos e informações dos jogos da 22.ª jornada do campeonato Nacional da 1.ª divisão; actualidade desportiva.
17.30 Música sem palavras
18.05 Girândola
19.10 Música da Europa
20.00 Diário sonoro
20.20 Êxitos em parada
21.00 Rádio desporto
21.30 Pequena história do teatro musicado em Portugal
22.00 Teatro das Comédias: «O espelho», original de Fausto Correia Leite
22.35 Música portuguesa
23.05 Sol e toiros
23.30 De um dia para o outro, por Fernando Garcia
00.00 Junção (entra o MF 1 de Lisboa). De um dia para o outro (cont)
00.30 Diário sonoro
00.45 De um dia para o outro (cont)
02.00 Fecho

Programa em MF 1 de Lisboa

23.00 Rádio Universidade
00.00 Junção com o 1.º programa

2.º Programa

14.30 Onda musical
17.00 Perspectivas da obra de Fraz Liszt
18.00 Concerto de domingo — Intercâmbio Musical — Festival de Salzburgo
19.19 Quarteto n.º 1 op. 2 (Kodaly)
20.00 Diário sonoro
20.20 Balleto em dó maior, op. 3 n.º « (Albinoni)
20.30 As grandes figuras do Mundo Português
21.00 Recital de piano por Teresa Vieira
21.19 Concerto n.º 6 em sol menor (Aubert)
21.30 Que quer ouvir
23.00 Emissão em línguas estrangeiras
01.15 Fecho

Programa em MF 2

14.30 Sinfonia n.º 1, em re maior (Schubert)
15.00 1.º acto da ópera «A Sonâmbula» (Bellini)
16.20 Andante Cantabile (Tchaikowsky)
16.30 Solos de piano
17.00 Junção com o 2.º programa

Programa estereofónico MF 2

21.00 Música ligeira variada
22.00 Intercâmbio musical — semanas musicais em Ascona de 1972 (Gravações cedidas pela Rádio Suiça Italiana). No intervalo, canções pelo barítono Gérard Souzay
23.40 Danças eslavas (Dvorak)
23.52 La boite à Joujoux (Debussy). Piano: Jörg Demus
00.25 Quarteto em fá maior (Ravel) PELO QUARTETO Parrenin
01.00 Fecho

RÁDIO CLUBE

Onda Média

14.55 Tarde desportiva
17.00 Chave do totobola
18.02 Música pelo caminho
18.45 Ritmos em desfile
19.03 Fórmula 1
19.30 Vedetas e canções
20.00/21.00 Rádio 73
20.15 Comentador desportivo
20.30 De sete em sete dias
20.45 A estrela da noite
21.00/24.00 «Quadrante 2-9-0»
21.32 Impacto
22.30 Quando o telefone toca
23.05 Mensagens bíblicas
23.19 Canções ao acaso
23.30 PBX
02.00 A noite é nossa
06.00 Diário rural
07.00 Talismã

Modulação de frequência

16.04 Pêndulo
17.00 Chave do totobola
18.02 O nosso programa
19.04 Vértice
21.02 Boa noite em FM
22.02 Prograla à gô-gô
23.00 Noticiário. Programa à gô-gô (cont)
00.02 Em órbita-dois
01.02 Banda sonora Sonipol
02.00 Perspectiva
03.00 Fecho

Emissor de Miramar

14.55 Tarde desportiva
17.02 Auto-rádio
17.45 Presença coimbrã. Norte dia a dia desportivo
20.00 Divagando. Genérico
21.04 Viagens na nossa terra
21.30 A voz da esperança
22.03 Selecção de ritmos
22.15 A hora do templo
22.30 Variedades
23.04 Clube da juventude

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO 1-1

(ATÉ ÀS 22 HORAS)

AJUDA
Dilema, Rua Aliança Operária, 49-A (Telef. 636620).

ALCÂNTARA
Vieira da Rosa, R. Prior do Crato, 74 (Telef. 660137).

ALFAMA
Pereira, Rua do Paraiso, 98 (Telef. 863224)

ALMIRANTE REIS
Cândido Monteiro, Av. Almirante Reis, 121-B (Telef. 45751)

ALVALADE
Sanez, Av. da Igreja, 31-C (Telef. 717505)

AREEIRO
Algarve, Av. de Roma, 7-B (Telef. 731478)

AVENIDAS NOVAS
Cruz Nunes, Praça Duque de Saldanha, 14 (Telef. 41845)

BAIXA
Valadas, Rua da Madalena, 235 (Telef. 872060)

BELÉM
Bom Sucesso, R. Bartolomeu Dias, 63-A (Telef. 611454)

BENFICA
Ribeiro, Estrada da Luz, 199 (Telef. 780969)

CAMINHOS DE FERRO
Conceição, Calcada D. Gastão, 30 (Telef. 381279)

CAMPO DE OURIQUE
Pinheiro, Rua de Campo de Ourique, 131 (Telef. 686640); **Urbano de Freitas,** Rua Silva Carvalho, 1-9 (Telef. 662838)

CONDE REDONDO
Saluz, Rua Luciano Cordeiro, 73 (Telef. 42239)

JANELAS VERDES
Pinheiro, Rua Presidente Arriaga, 16 (Telef. 691054)

LUMIAR
Central, Rua do Lumiar, 77 (Telef. 790480)

MARQUÊS DE POMBAL
Ribeiro e Castro, Rua Braamcamp. 52-C (Telef. 43409)

OLIVAIS
Antunes Rosas, Praça da Cidade do Luso, Lote 199 (Olivais-Sul) (Telef. 313610)

PICHELEIRA
Luzmar, Rua João Nascimento Costa, 16-A (Telef. 728395)

S. BENTO
Confiança, Praça das Flores, 59 (Telef. 690401)

S. PAULO
Africana, Rua Bernardino Costa, 45 (Telef. 369120)

SETE RIOS
Laranjeiras, Rua Filipe da Mata, 160 (Telef. 761035)

TURNO 1-2

TODA A NOITE

ALCÂNTARA
Costa, Rua dos Lusiadas, 30 (Telef. 630704)

ALTO DO PINA
Ibéria, Rua Barão de Sabrosa, 235-A (Telef. 728277)

ALVALADE
Rio de Janeiro, Av. Rio de Janeiro, 4-C (Telef. 721409)

AMEIXOEIRA
S. Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, (às Galinheiras) (Telef. 790969)

AVENIDAS NOVAS
Figueiras, Av. Marquês de Tomar, 20 (Telef. 44995)

BAIRRO ALTO
Pinharanda, Rua da Rosa, 94 (Telef. 321534)

BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Ascenso, Praça Norte 11 (Telef. 311216)

BAIXA
Brites Moita, Praça da Alegria, 27 (Telef. 321149). **Cortez,** Rua de S. Nicolau 93 (Telef. 325378).

BELÉM
Gomes, Rua da Junqueira, 326 (Telef. 638193); **Belém,** Rua Tristão Vaz, 10-A (à Encosta do Restelo) (Telef. 638193)

BENFICA
Santa Cruz, Av. Gomes Pereira, 34-A (Telef. 704828)

CAMPO DE OURIQUE
Elma, Rua Maria Pia, 358-A (Telef. 686176)

CAMPOLIDE
Oliveira, Rua de Campolide, 54-A (Telef. 684424. Rua Maria Pia, 358-A (Telef. 686176).

ENTRECAMPOS
S. Miguel, Praça Francisco Morais, 1 (Telef. 771469)

ESTEFÂNIA
S. Jorge, Avenida Rovisco Pais, 32-A e 32-B (Telef. 534027)

ESTRELA
Tagus, Praceta da Rua Possidónio da Silva, 162-A (Telef. 669485); **Rodrigues e Aires,** Rua da Lapa, 54 (Telef. 662246)

GRAÇA
Branquinho, Rua de Sapadores 87 (Telef. 842725)

INTENDENTE
Intendente, Largo Pina Manique, 50-51 (Telef. 47838)

LUMIAR
Matos Viegas, Av. Rainha D. Amélia, 34-B (Telef. 794174)

SETE RIOS
Curie, Av. Madame Curie, 15-A (Telef. 778439)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Miraflores, R. António Granjo, 2 (Telef. 213161)

CAXIAS
Nova, Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Telef. 242839)

PAÇO DE ARCOS
Trindade Brás, R. Costa Pinto, 186 (Telef. 2432034)

OEIRAS
Alcantara Guerreiro, P. Residencial Dr. Augusto de Castro, Lote 10 (Telef. 2430691)

PAREDE
Macau, R. J. Elias Garcia, 60-C (Telef. 2471785)

S. JOÃO DO ESTORIL
S. João (Telef. 261186)

MONTE ESTORIL
Suiça, Cruzeiro (Telef. 260087)

CASCAIS
Cordeiro, Av. Comb. G. Guerra, 40 (Telef. 280170). **Nova,** Est. de Alvide, Fontainhas (Telef. 281044)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Amadora, P. 28 de Maio, 3-A (Telef. 935518). **Carmelo,** R. Elias Garcia, Lote 28 (Telef. 933303). **Helénica,** R. Elias Garcia, 2 (Telef. 933613). **S. Jorge,** R. Pedro del Negro, 5, Reboleira (Telef. 938703)

DAMAIA
Lemos, R. de Goa, 21-A (Telef. 971121)

QUELUZ
Correia, L. do Mercado, 3 (Telef. 950906). **Zeller,** R. da República, 83 (Telef. 950045)

CACÉM
Garcia, Av. dos Missionários, 2 (Telef. 2942181)

MEM MARTINS
Quimia, Est. de Mem Martins, 285 (Telef. 2910012)

S. PEDRO DE SINTRA
Valentim (Telef. 980456)

COLARES
Abreja (Telef. 299088)

SINTRA
Marrazes, L. Rainha D. Amélia, 20 (Telef. 980155)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Telef. 234127)

ALHOS VEDROS
Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (Telef. 224250)

ALMADA
Macedo Henriques, R. Bernardo Francisco da Costa, Lote 1 (Telef. 271297)

BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fátima, Est. Nacional, 221-B (Telef. 224141)

BARREIRO
Moderna, R. D. Henriqueta G. Araújo, 12 (Telef. 2273443)

COVA DA PIEDADE
Rainha Santa, Est. das Barrocas, 50 (Telef. 2760182)

MOITA
União Moitense, Av. Dr. Teófilo Braga (Telef. 239025)

MONTIJO
Giraldes, R. Almirante Reis, 45 (Telef. 230008)

SESIMBRA
Lopes, R. Cândido dos Reis, 67 (Telef. 229028)

SETÚBAL
Bocageana, R. do Romeu (Telef. 23425). **Bairros,** B.º Santos Nicolau (Telef. 23330)

SEIXAL
Soromenho, R. Paiva Coelho, 38 (Telef. 2218650)

PORTO

2.º TURNO

SUB-TURNO

Batalha (da), Praça da Batalha, 26. **Campo (do),** Praça da República, 118. **Costa Cabral,** Rua Costa Cabral, 1832. **Fonte da Moura,** Rua de Tânger, 1463. **Invicta,** Rua do Bonfim, 331

SUB-TURNO B

Barros, Rua do Bonjardim, 1292. **Fátima,** Rua Oliv. Monteiro, 475. **Garantia,** Rua Fernandes Tomás, 696. **Gomes,** Rua Matias de Albuquerque, 243. **Sá,** Rua Vale Formoso, 161, Sarabando, Largo dos Lóios, 36

COIMBRA

TURNO A

Silva Soares, R. M. de Albuquerque, 26-28 (Telef. 71454); **Vilaça, Ld.ª;** R. Ferreira Borges, 132 (Telef. 22043, **Cruz e Costa,** R. A. Vasconcelos, 71-A (Telef. 22715)

cinemas

CINEMA CASTIL (Tel. 530194)
15.00 - 17.00 - 19.00 e 21.45
Grupo B (10 anos)
4.ª semana
Technicolor. Barba Streisend e Ryan O'Neal em «QUE SE PASSA DOUTOR». Rua Castilho — Metro Rotunda. Estacionamento Parque Castil.

MONUMENTAL (Tel. 555131)
15.15 - 18.15 - 21.30
Grupo D (18 anos)
3.ª Semana
«EM NOME DO POVO ITALIANO» de Dino Risi com Vittorio Gassman e Ugo Tognazzi. Eastmancolor.

SATÉLITE (Tel. 555131)
15.00-17.00-19.00-21.45
(Grupo D - 18 anos) 2.ª Semana
«O ÚLTIMO A RIR» um filme de Alain Tanner

IMPÉRIO (Tel. 555134/5)
15.15 - 18.30 - 21.30
Grupo B 10 anos
2.ª semana
Moscolor. A vida e o génio do grande compositor TCHAIKOVSKY Realização de Igor Talankine
(Metro: Alameda)

ESTÚDIO (Tel. 555134/5)
15.30-18.30-21.45
(Grupo D - 18 anos)
A obra completa de JEAN VIGO. A Propósito de Nice (c. m.) Taris (c.m.) Zero em comportamento Atalante

ROYAL (Tel. 865037)
15.00 e 21.00
(Grupo C - 14 anos)
«HANNIE CAULDER» e em complemento «FERIADO EM PARIS»

MUNDIAL (Tel. 538743)
18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
2.ª semana de êxito
Jacqueline Bisset, Stella Stevens e Lee Prcell na comédia colorida sobbre o desejado movimento de libertação feminino «QUANDO AS MULHERES QUEREM...» Um frente a frente com todas as possíveis vantagens para elas! Só à noite no «foyer» novo - Jorge Fontes e sua guitarra

ESTÚDIO 444 (Tel. 779095)
ás 15.30, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
Uma adolescente, os sonhos a imaginação...o amar!
«DESEJO DE AMAR» Isabeele Adjani Muriel Catala.

ODEON (Tel. 326283)
15.15, 18.15 e 21.30
Grupo C (14 anos)
Colorido
A grande Carmen Sevilha na história de dois amores
«RELICÁRIO» A famosa canção cpadilla. A Festa de tourc2s com corridas de gala.

ROMA (Tel. 727778)
15.30 - 18.30 - 21.45
(Grupo D - 18 anos)
2.ª semana
«ENCONTRO COM UMA MULHER DE 30 ANOS». Massimo Raniei e Florindo Bolkan. Eastmancolor.

ALVALADE (Tel. 717480)
15.15, 18.15 e 21.45
Grupo D (18 anos)
um filme de Joseph Losey «EVA», JeanneMoreau Standley Baker. (2.ª Semana)

S. JORGE (Tel. 5453/4)
15.15, 18.15 e 21.30
Grupo D (18 anos)
Michael Caine aposta a vida... mas faz «PULP» BATOTA NO JOGO» Mickey Rooney Lizabeth Scott.

EUROPA (Tel. 661016)
15.15 e 21.30
Grupo D (18 anos)
7.ª semana
Por amor a César por amor a David Entre dois amores Rosalie CÉSAR ET ROSALIE com Yves Montand e Romy Schneider.
TARDES INFANTIS
Grupo A (6 anos)
Hoje às 18.15 «ELISABETH» Com Maria Cinta e Miguel Sola. Colorido

EDEN (Tel. 320768)
15.30-18.30 e 21.45
(Grupo C-14 anos) 2.ª semana
«OS JUSTICEIROS», William Holden, Ernest Bargnine, Susan Hayward. Panavision-Color.

LONDRES (Tel. 731313)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.45
Grupo D (18 anos) 14.ª Semana, colorido. A estrela do ano Liza Minnelli «CABARET» (Adeus Berlim) Snak-Bar-Pub-The Flaz, o melhor encontro gastronómico.

CASINO (Tel. 2642/264949)
15.30, 18.30 e 21.30
Grupo D (M. 18 anos)
«O JARDIM ONDE VIVEMOS»

POLITEAMA (Tel. 326305)
15.15, 18.15 e 21.45
Grupo C (14 anos)
2.ª Semana, Richard Harrigon e Donald O'Brian no filme «2 IRMÃOS NUM LUGAR CHAMADO TRINITÁ.
Riso e acção explosiva.

LYS (Tel. 48560
14.45 e 21.00
(Grupo D - 18 anos)
Continuação de estreia - 2.ª Semana «O GOSTO DA VINGANÇA» e em complemento «UM HOME DE QUEM EU GOSTO»

IMPERIAL (Tel. 821933)
15.00 e 21.00
Grupo D (18 anos)
«MOCIDADE SEM FREIO» e em complemento «ESPIA SEM NOME» Amanhã às 18.30 (Grupo A - 6 anos) «TIM TIM E O TEMPLO DO SOL»

TIVOLI (Tel. 50595)
15,15 - 18,30 e 21,45
(Grupo D-18 anos)
5.ª Semana
Colorido. Nem tudo na estátua estava certo... «A ESTÁTUA» com Virna Lisi e David Niven.

BERNA (Tel. 776098)
15.15, 18.30 e 21.45 2.ª Semana. ecnhicolor Grupo B (10 anos) Jerry Lewis. «AS NOITITES LOUCAS DO DR. JERRYLL»

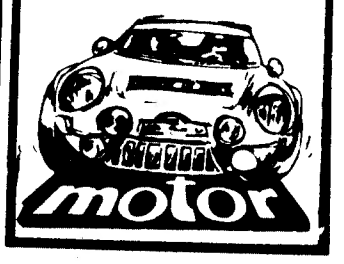
AVIZ (Tel. 47163)
15.30, 18.30 e 21.45
(Grupo B-10 anos)
57.ª semana Record de exibição em Portugal! «TRINITÁ COW-BOY INSOLENTE» com Terence Hill e Bud Spencer. Color-Scope.

APOLO 70 (Tel. 763319)
15.15, 18.30 e 21.45
10.ª Semana!
Technicolor Grupo D (18 anos)
Genil! «O GRANDE CONQUISTADOR» com Woord Alle,

CONDES (Tel. 322523/326710)
14.15-16.30-18.45 e 21.45
(Grupo D-18 anos) 2.ª semana
Trish Van Devere, Monte Markham, Janet Leigh, Melvyn Douglas «MULHERES SEM MARIDO. Ela mudou de vida... quando o marido mudou de ideias.

VOX (Tel. 720808)
15.15, 18.30 e 21.45
O mais ousado filme de Otto Perninger. «AMANTES DESCONHECIDOS». Technicolor. Grupo D (18 anos)

LEIA
O JORNAL



outros espectáculos

LISBOA/Teatros

GIL VICENTE
22.00 (18 anos)
«As criadas»

MARIA VITÓRIA
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Cá vamos pagando e rindo»

COLISEU
21.30 (10 anos)
«Grande circo de Madrid

TRINDADE
21.45 (18 anos)
«Adriano VII»

MONUMENTAL
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Mulheres é Comigo»

CAPITÓLIO
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Sexo, nunca! Somos britânicos»

VARIEDADES
20.45 e 23.00 z914 anos)
«Sua Excelência o Pendura»

A. B. C.
20.45 e 23.00 (18 anos)
«É o fim da macacada»

LISBOA/Cinemas

OLÍMPIA
19.00 (14 anos)
«O Mestiço»

CINEARTE
21.00 (18 anos)
«As Rainhas do Petróleo»

PARIS
21.00 (18 anos)
«Não desejarás a mulher do delicadinho»

MOSCAVIDE
21.00 (18 anos)
«O Regresso de Casta Susana»

JARDIM CINEMA
21.30 (18 anos)
«Uma viuva de Oiro» e «Duas Inglesas e o Continente»

PROMOTORA
21.00 (18 anos)
«Golpe de mestre» e «Ac serviço de Sua Magestade Britânica»

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Stadium
21.30 (14 anos)
«Os Profissionais»

OEIRAS
Oeiras-Cine
21. (14 anos)
«Teresa Raquim»

PAREDE
Royal-Cine
21.15 (10 anos)
«Sartana Desafia Sabata»

ESTORIL
Casino
15.30, 18.30 3 21.30 (18 anos)
«O Jardim Onde Vivemos»

Palácio
21.30 (14 anos)
«E Tudo o Vento Levou»

CASCAIS
S. José
21.30 (14 anos)
«Os Profissionais»

LINHA DE SINTRA

CACEM
S. João
21.30 (18 anos)
«A Mulher infiel»

AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (14 anos)
«Entre Duas Margens»

QUELUZ
Queluz Cinema
21.15 (10 anos)
«Eu Julgava-o Morto, Mr. Jake» e «Londres é de Gritos»

MEM MARTINS
Cine Chaby
21.30 (10 anos)
«A Bíblia»

SINTRA
Carlos Manuel
21.30 (18 anos)
«César et Rosalie»

PORTO/Teatros

RIVOLI
21.30 (14 anos)
«Missa Leiga»

SÁ DA BANDEIRA
20.45 e 23.00) (18 anos)
«A Cama dos Comuns»

PORTO/Cinemas

ÁGUIA D'OURO
21.30 (18 anos)
«A Volta de Jesse James»

ESTÚDIO
21.30 (18 anos)
«Um homem na solidão»

CARLOS ALBERTO
21.30 (18 anos)
«Um sonho de reis» e «Os caminhos da violência»

TRINDADE
21.30 (18 anos)
«Desejo de amar»

COLISEU
21.30 (10 anos)
«Adeus Sabate»

JÚLIO DINIZ
21.30 (10 anos)
«002 e o cérebro electrónico»

OLÍMPIA
21.30 (18 anos)
«O que se pode fazer com 7 mulheres»

BATALHA
21.30 (18 anos)
Só as borboletas são livres»

VALE FORMOSO
21.30 (10 anos)
«Amor de mãe»

PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«Noites sem fim»

S. JOÃO
21.30 (14 anos)
«A Gaivota»

COIMBRA

SOUSA BASTOS
21.30 (10 anos)
«Os Dez Mandamentos»

AVENIDA
21.00 (18 anos)
«Cabaret»

TIVOLI
21.30 (18 anos)
«A Perseguição»

GIL VICENTE
21.30 (14 anos)
«A tomada do poder por Luís XIV»

BARS BOITES restaurantes típicos DANCINGS

FANTASMA-Dancing Caveau com variedades. Maria Helena. Odete Maria. Domingos Ramos e o fabuloso Tony Sandro e Garcia e o seu conjunto. **R. Gomes Freire, 145-B Aberto das 18h às 21 h e das 22.30h às 05.00h.**

TAMILA — Marão e s/conjunto «Matinées» todos os dias. Encerra aos domingos. **Avenida Duque de Loulé 69. Telef. 534117.**

LUSO — Grande elenco de folclore fado de Lisboa por Augusta Erminda e Jose Luis Tomar: fado de Coimbra por Américo Silva. Em fado castiço Cristina Maria. **Travessa da Queimada, 10. Telef. 362889. Aberto todos os dias.**

HIPOPÓTAMO — Com Helder Reis. Encerr. aos domingos. **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A Telef. 48384.**

PRINCIPE NEGRO — **Dancing com variedades Calçada da Glória, 2 Telef. 368987.**

EL CIDE — Dancing com o conjunto «X 4» **Rua Bernardo Lima, 18-A** (Ao conde Redondo) **Telef. 560538** Com variedades.

SAN-PAYO — Bar-boite c/musica constante. Aberto até às 5h da madrugada. **Rua Rodrigues Sampaio, 34 Telef. 561422.** (Ar condicionado)

CASEBRE — Rua da Barroca, 133. **Telef. 369760.** Encerrado aos domingos. Cantam: Carlos Barra, Deolinda Rodrigues e Nazare. À 1.00 h. convidado special em tempo-Show Folclore pelos cinco típicos de Vila Franca de Xira. Tocam Carvalhinho e Júlio Gomes.

FRAGATA REAL — Maria Valejo Maria JóJó Nelo e Joaquim Campos em Fado lisboa, João Queiróz em Fado de Coimbra, acompanhamento de António Parreira e Francisco Gonçalves. Artistas convidados Ana Rosmaninho, Natália Desejos e João Cabral. **Trav. S. Miguel, 22-Alfama-Telef. 868552**

CACO — Dancing c/música ambiente com singular quarteto. **Rua Camilo Castelo Branco, 23-A.**

FORCADO — Elenco: Mariana Silva, Isabel de Oliveira Francisco Martinho, Maria de Portugal, João Alberto, Manuel Martins. Folclore pelos 5 Típicos de Vila Franca de Xira. **Ar condicionado. Rua da Rosa, 221-Telef. 368579.**

SOLAR DA HERMÍNIA — Hermínia Silva, hoje e sempre **Largo Trindade Coelho n.º 10 e 11** Encerra aos domingos **Telef. 320164.**

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado. Variedades internacionais. **Telefones 26461, 264526, 264596, 264621 e 264946.**

NINA — Dancing com atracções **Rua Paiva de Andrade, 7-13 Telef. 34859/365167**

DL

RENASCENÇA GRAFICA S. A. R. L.
PROPRIETÁRIA DO
DIARIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185-1.º-2.º-E-4.º
TELEF. 654531/2-3-4
SERVIÇOS TECNICOS
RUA LUZ SORIANO, 44
RUA DA ROSA, 57
END. TEL. DIBOA, TELEX 1363
LISBOA-PORTUGAL

OS CÂMBIOS LIVREIROS

. A actividade editorial expandiu-se nos últimos anos, tanto no que toca à publicação de originais portugueses, como no que se refere à tradução de textos estrangeiros. No entanto, o livro estrangeiro continua a ocupar lugar de relevo na formação cultural e profissional dos portugueses, subindo as importações a cerca de cinquenta mil contos por ano. Os preços praticados são função dos preços de capa no país de origem. O preço em Portugal corresponde ao preço original multiplicado pelo câmbio livreiro. As tabelas são estabelecidas pelos importadores, em reuniões do Grémio dos Editores, tendo em conta os valores das moedas estrangeiras e os encargos de importação. Este sistema impede a concorrência baseada em diferenças cambiais. Os câmbios livreiros não acompanham, as variações das paridades do escudo. Assim, a recente desvalorização do dólar, e a consequente modificação dos câmbios de outras moedas, ainda não provocou uma alteração dos câmbios praticados pelos livreiros. Continua em vigor a tabela aprovada pelos importadores, em reunião do Grémio dos Editores em Fevereiro de 1972. O atrazo dos câmbios livreiros, para os pagamentos internacionais por cheque, assegura aos importadores o escoamento dos livros em armazém a preços compensadores. Mas os importadores virão a ser forçados, a proceder, a uma próxima actualização.

As armas que sobraram do Vietname

Na Europa, tanto em Londres como em Paris, teme-se esta «agressividade» comercial que se destina, ao fim e ao cabo, a manter o potencial industrial dos Estados Unidos sensivelmente no nível atingido durante a guerra do Vietname. Os temores provêm do facto de que os americanos não respeitarão, sem dúvida, nenhuma das zonas de influência que franceses e britânicos, nomeadamente, se tinham reservado enquanto os industriais de além-Atlântico estavam mobilizados noutra região do globo.

A competição anuncia-se extremamente renhida, num domínio em que as regras do jogo raramente são observadas. E o caso, em particular, da construção dos helicópteros, sector onde, desde já, os franceses enfrentam um eficaz contra-ataque americano, quer estes materiais sejam simples excedentes ou saiam, completamente novos, das cadeias de montagem. Neste caso preciso, por outro lado, o exército americano — ao oferecer os seus helicópteros usados — entra em concorrência directa com os seus próprios fornecedores que disputam entre si o mercado interno ou externo.

Esta guerra dos excedentes trava-se em benefício de uma clientela muito solicitada, que pode obter condições de crédito, preços e prazos de entrega vantajosos. Hoje em dia, as circunstâncias são tais que os industriais do armamento, e os seus governos, na Europa e nos Estados Unidos, desejariam refrear este comércio, mais ou menos clandestino, de ocasião e entenderem-se entre si o melhor possível para eliminarem os franco-atiradores e evitarem fazer mal uns aos outros.

(Amanhã, no suplemento «EXCLUSIVO»: «ABC DO COMÉRCIO DE ARMAS»)

CASA AFRICANA

PRIMAVERA-VERÃO 1973

ABERTURA DE ESTAÇÃO 5 DE MARÇO

ACÇÕES

Pretende-se investir consideráveis quantias em títulos, aceitar-se-ia a colaboração de pessoa, profundamente conhecedora do assunto, para orientar esses investimentos.

Rigorosas informações e condições a combinar. Resposta a este jornal ao n.º 743.

RELATÓRIO E CONTAS DO BANCO PINTO & SOTTO MAYOR RELATIVOS A 1972

Para serem apreciados pela respectiva Assembleia Geral acabam de ser publicados o relatório e as contas do Conselho de Administração do Banco Pinto & Sotto Mayor que evidenciam a continuação do firme e equilibrado crescimento daquela prestigiosa instituição bem como o notável apoio que tem vindo a prestar à economia nacional.

O referido relatório começa por realçar a destacada posição a que o Banco se guindou no seio da banca comercial portuguesa reforçada, no ano findo, pela adopção de uma política que, atentos os princípios de segurança e solvabilidade, visou garantir o reforço da sã e harmónica estrutura financeira que caracteriza a instituição.

Aquele documento faz, no entanto, notar que, em dissonância com a expansão alcançada, os baixos níveis de rentabilidade obtidos não correspondem ao esforço dos accionistas pois a consolidação das bases financeiras do Banco só foi possível com o sacrifício de uma conveniente e lícita remuneração dos capitais investidos.

NOTÁVEL APOIO À ECONOMIA NACIONAL

No que se refere ao apoio dado pelo Banco Pinto & Sotto Mayor à economia nacional, o relatório em apreciação, evidencia a colaboração prestada ao Governo no esforço que vem realizando no sentido de incentivar o desenvolvimento económico e a valiosa intervenção que, durante o ano findo, aquela instituição teve no financiamento de empreendimentos de reconhecido interesse nacional, como é o caso dos que respeitam às telecomunicações e aos transportes ferroviários.

Relativamente ao financiamento das iniciativas privadas merece especial destaque a criteriosa distribuição de crédito que teve o firme propósito de apoiar as actividades económicas mais produtivas e que melhores garantias de viabilidade económica apresentassem. Esta linha de conduta insere-se, assim na linha de preocupações governamentais que têm como objectivo principal conseguir uma mais conveniente selectividade da distribuição dos meios financeiros em poder da banca.

Parece ser prova cabal daquele propósito o facto de, para um aumento de 23,8 por cento de crédito distribuído, terem contribuído fundamentalmente os «Empréstimos» que, além disso, expressam a intensificação do crédito a médio prazo a que o Banco procedeu.

1 900 000 CONTOS DE CAPITAL SOCIAL E RESERVAS

São vários os aspectos em que se manifesta o dinamismo de uma instituição bancária mas os mais significativos são, como é evidente, o reforço dos seus meios próprios, a sua expansão territorial, o alargamento das suas actividades de modo a inserir-se nas tendências da economia moderna, a expansão do crédito concedido e a captação de poupanças sob a forma de depósitos.

Ora em qualquer destes aspectos o Banco Pinto & Sotto Mayor revelou uma insofismável capacidade de dinamismo.

Com efeito, no que se refere à expansão territorial, muito embora as limitações legais não tenham permitido ir mais além, aquele Banco abriu oito novas agências e dependências urbanas duas das quais nos Açores e Madeira.

Relativamente ao esforço dos meios próprios é bem elucidativo o espectacular aumento, depois da aprovação das contas, de 900 mil para 1 900 000 contos do seu Capital Social e Reservas nos últimos três anos. Este aumento deve-se, por um lado, à elevação, no princípio do ano findo, do Capital Social de 500 mil para 1 200 000 contos com participação dos depositantes e, por outro, à política de permanente reforço financeiro votada pelos seus accionistas.

PRESENÇA NA COMUNIDADE ECONÓMICA EUROPEIA

Também no Ultramar, o Banco Pinto & Sotto Mayor teve uma acção relevante quer pelo apoio às iniciativas governamentais no sentido de incrementar a expansão económica local quer pelo financiamento dos principais sectores da actividade económica, quer ainda por a uma mais ampla cobertura territorial dos Estados de Angola e Moçambique mediante a abertura de novas agências e dependências urbanas.

Merece, no entanto, especial destaque a acção desenvolvida no plano internacional como resposta ao desafio lançado às actividades económicas nacionais pela adesão à Comunidade Económica Europeia, uma perfeita coordenação com os interesses económicos do país.

De facto o Banco Pinto & Sotto Mayor foi autorizado a instalar uma Filial em Paris que já iniciou as suas funções como «banco estrangeiro de depósitos», podendo exercer, como tal, todas as actividades bancárias em França.

Para melhor cumprir a sua missão a referida Filial abriu ao público duas dependências urbanas o que lhe torna possível desde já realizar um trabalho mais eficaz. Cabe, assim, a honra àquela instituição bancária de ter sido a pioneira no estabelecimento de uma guarda avançada do país no Mercado Comum.

OS DEPÓSITOS ULTRAPASSAM A VULTUOSA CIFRA DE 30,7 MILHÕES DE CONTOS

A análise das principais rubricas do balanço confirma não só a extraordinária expansão conseguida pelo Banco Pinto & Sotto Mayor mas também o harmonioso crescimento de todos os domínios que integram a sua actividade.

Contudo, a indicação das verbas mais representativas do balanço parecem ser a melhor demonstração da grandeza alcançada por aquela instituição bancária. Assim os mapas que acompanham o relatório indicam para o Activo Total o vultuoso valor de 82 604 089 938$00 dos quais 7 951 003 352$38 em Activo Disponível. Este reparte-se do seguinte modo: 5 366 135 611$27 em Caixa e Depósitos no Banco de Portugal, 800 231 399$42 em Depósitos nos Bancos Emissores Ultramarinos, 360 000 000$00 em Promissórias de Fomento Nacional e 100 000 000$00 em Promissórias de Fomento Ultramarino.

Por sua vez no Activo Realizável destaca-se o saldo da Carteira Comercial que atinge o expressivo valor de 18 462 721 414$78 o saldo de Empréstimos e Contas Correntes Caucionados cujo valor totaliza 1 381 866 284$02 e o saldo de Empréstimos a mais de um ano que se cifra em 1 766 434 193$98. Ainda integrada no Activo Realizável a rubrica Letras sobre o Estrangeiro apresenta um saldo de 433 441 223$60 e os Devedores e Credores atingem 1 167 940 515$59.

No Passivo destacam-se os Depósitos totais que atingiram o significativo volume de 30 774 352 003$45 ou seja, como já referimos mais 27,9 por cento que no ano precedente. Ainda no Passivo é de destacar a rubrica Capital e Reservas que atingem valor que ascenderá a 1 900 000 contos depois de adicionados os 83 000 constantes da proposta de distribuição dos resultados.

Finalmente a conta de Lucros e Perdas depois de constituídas as Provisões e Amortizações no valor de 176 232 853$30 apresenta um saldo de 95 955 993$65 dos quais o Conselho de Administração propõe que sejam distribuídos para dividendo 12 500 000$00 e 83 000 000$00 se destinem a Fundos de Reserva sendo o remanescente levado a Conta Nova.

Como facilmente se verifica são estes números que conferem harmonia e solidez ao balanço do Banco Pinto & Sotto Mayor.

O ataque ao avião líbio na imprensa inglesa

Os jornais ingleses deram o maior relevo ao ataque israelita ao avião de transporte líbio que causou a morte a 106 pessoas. Uma série de manifestações de protesto contra a decisão do Governo israelita têm vindo a decorrer em vários locais de Londres. Em consequência do incidente o presidente Sadat enviou uma mensagem aos principais dirigentes mundiais advertindo-os de que a situação no Médio Oriente tende a evoluir para um conflito aberto, caso o Governo israelita não ponha termo às «agressões».